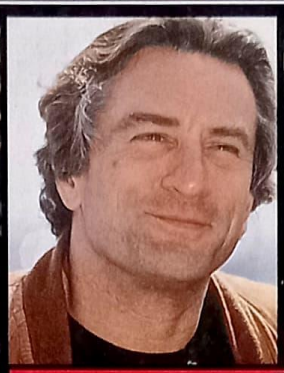
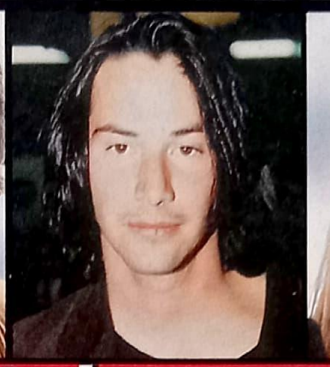
SET

CINEMA & VÍDEO

EDITORA AZUL

5633 – Julho,1993 – Ed. 73 – Ano VII – Nº 07 – Cr$ 250.000,00

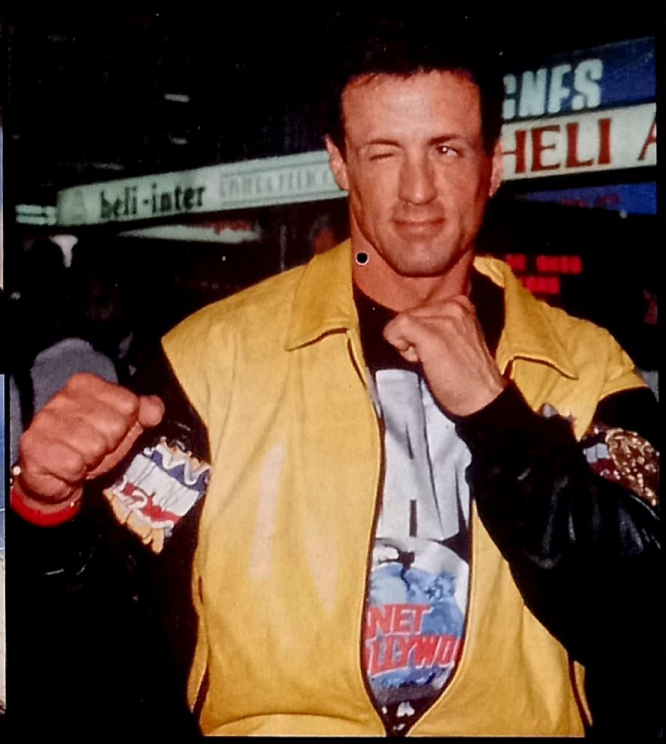




especial cannes 93

HOLLYWOOD NA RIVIERA

OS BASTIDORES DO MAIOR FESTIVAL DE CINEMA DO PLANETA



ISSN 0104-1592

ENTREVISTAS EXCLUSIVAS STALLONE E JOHNNY DEPP

• O MITO BRUCE LEE • VÍDEO: *TRAÍDOS PELO DESEJO* E *O GUARDA-COSTAS*

...E, POR FALAR EM SUCESSO...

O GRANDE MITO DOS FILMES POLICIAIS, ESTÁ DE VOLTA!

ELA QUER ARRISCAR A PRÓPRIA VIDA
PARA CAPTURAR UM PERIGOSO ASSASSINO...
SEU PAI É CAPAZ DE FAZER QUALQUER COISA
PARA IMPEDIR QUE ELA SE TORNE...

A PRÓXIMA VÍTIMA

CHARLES BRONSON

DANA DELANY
(Como Agarrar um Marido)

R&M 262-4046

CHARLES BRONSON

(Cabo Blanco, O Vingador, Assassinato nos Estados Unidos, Desejo de Matar I, II, III, IV)

Após 3 anos de ausência das telas, CHARLES BRONSON, o Grande Ator de Filmes de Ação, retorna num filme policial dentro de seu inconfundível estilo e na mesma linha utilizada na Série DESEJO DE MATAR.

**UMA PRODUÇÃO 1993
RECÉM TERMINADA NOS ESTADOS UNIDOS
E DISTRIBUÍDA NO BRASIL,
PELA ALPHA FILMES.**

Uma super-produção, onde CHARLES BRONSON nos mostra por que é considerado O Melhor Ator de Filmes Policiais.

ALPHA FILMES

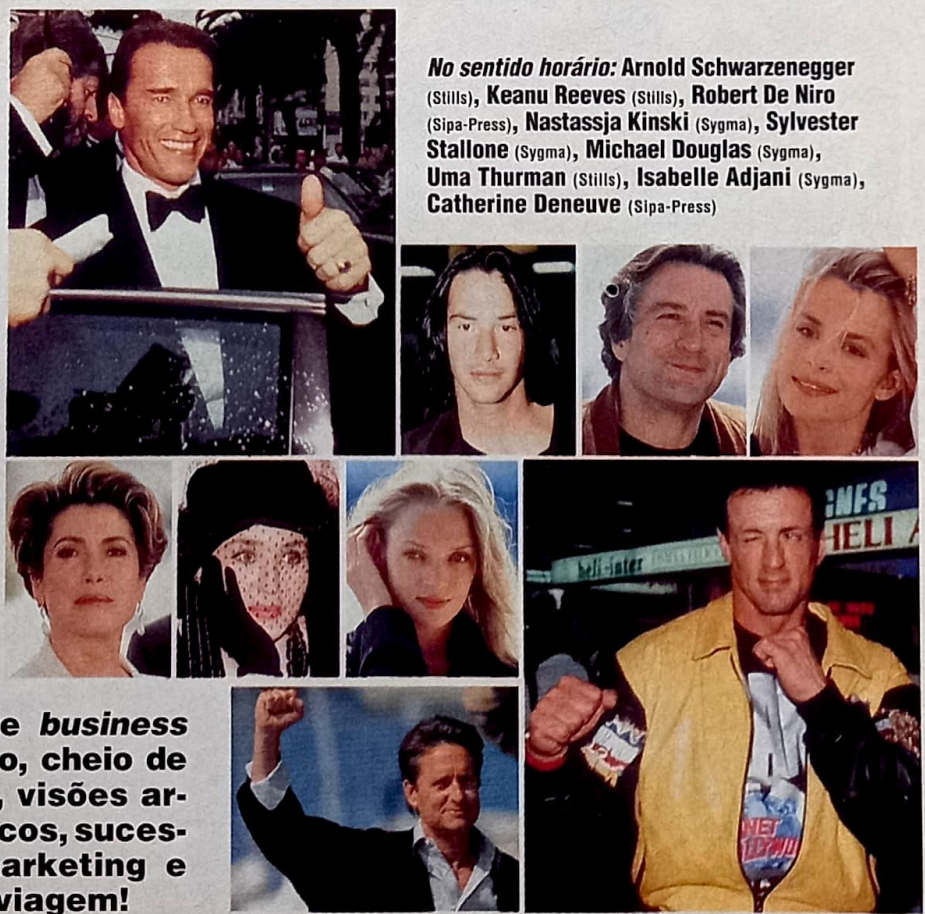
Rua Mauá, 836 - casa 18 - Sta. Efigênia - 01028-000 - São Paulo - SP - Tel.: (011) 229-3864 - 229-0240 - 228-2230 - Fax: (011) 227-1957

15.07.93

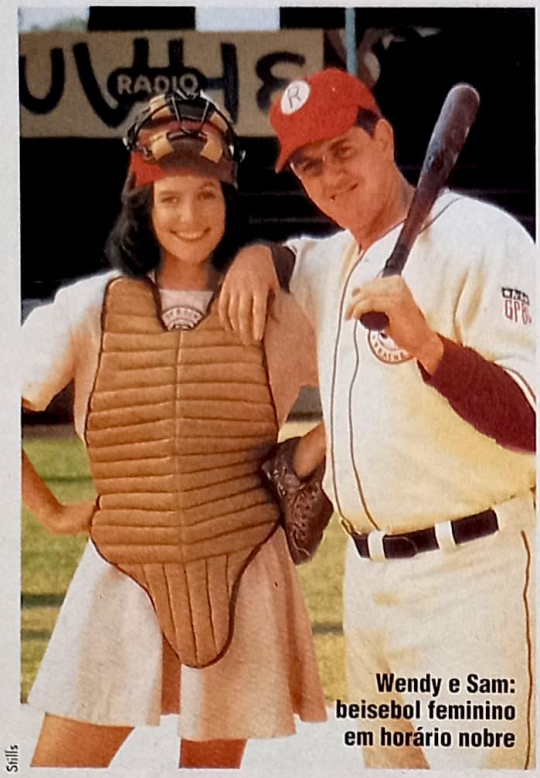
Tomamos emprestado o título do delicioso e hiper-informativo livro de Cari Beauchamp e Henri Béhar – *Hollywood On The Riviera: The Inside Story Of The Cannes Film Festival* – para chamar o leitor a compartilhar de uma surpresa. Embarcamos em maio para o sul da França com uma idéia totalmente distorcida do que representa o festival de cinema mais importante do mundo. Para nós era simultaneamente uma festa para a mídia, através da competição oficial pela Palma de Ouro; uma vitrine de filmes dos quatro cantos da Terra; um centro de debates sobre os caminhos e tendências do cinema, e um irresistível chamariz turístico para a cidade sede.

OK, Cannes é tudo isso e muito mais. Mas sua verdadeira razão de ser está no mercadão paralelo que se instala tanto dentro como às margens do festival. Durante duas semanas, cerca de 25 mil profissionais da indústria do cinema – de produtores independentes europeus aos mais poderosos estúdios de Hollywood – se encontram, confraternizam, competem e negociam contratos de pré-produção, produção e distribuição que vão definir os rumos do mercado nos próximos doze meses. Uma vez infiltrado nesta colmeia, você terá um curso intensivo sobre os modos de operação que regem todo o universo cinematográfico. Uma vez surpreendidos, procuramos capturar este flagrante para o leitor de SET, certos de – mesmo com um certo atraso – trazer um enfoque raro na grande imprensa, cujas coberturas costumam se limitar à disputa pela Palma de Ouro e à caça às celebridades no Boulevard da Croisette. São dezessete páginas dedicadas aos mais viciados amantes do cinema, equilibrando os destaques para filmes e estrelas com um mergulho nas entranhas deste *business* hiper-dinâmico, quase histérico, cheio de adrenalina, paranóia, dólares, visões artísticas, delírios megalomaníacos, sucessos, fracassos, golpes de marketing e estratégias de sedução. Boa viagem!

4 TAKES
A inusitada seqüência de *Drácula* e *Aliens vs. Predador*
10 SYLVESTER STALLONE
O brucutu volta à ação com *Risco Total*
16 JOHNNY DEPP
Um rosto bonito com muitas idéias na cabeça
22 ESPECIAL CANNES 93
Os bastidores do maior festival de cinema do mundo
41 VIDEOLANÇAMENTOS
Traídos pelo Desejo, A Última Dança de Salomé* e *O Guarda-Costas
55 NOVOS FILMES
Jurassic Park, Aladdin* e *Cães de Aluguel
60 MITO
Bruce Lee, uma das maiores lendas do século XX
64 CARTAS
65 FILMOGRAFIA
66 NOSTALGIA



No sentido horário: Arnold Schwarzenegger (Stills), Keanu Reeves (Stills), Robert De Niro (Sipa-Press), Nastassja Kinski (Sygma), Sylvester Stallone (Sygma), Michael Douglas (Sygma), Uma Thurman (Stills), Isabelle Adjani (Sygma), Catherine Deneuve (Sipa-Press)



Stills

Wendy e Sam: beisebol feminino em horário nobre

TELESSÉRIE

UMA EQUIPE MUITO ESPECIAL SEM MADONNA

Aproveitando o sucesso de bilheteria da comédia de Penny Marshall, *Uma Equipe Muito Especial*, a rede de televisão CBS tratou de lançar uma série com o mesmo tema. A equipe de beisebol feminina The Rockford Peaches, dos anos 40, chega à TV sem os nomes de peso de Madonna, Geena Davis e Tom Hanks. Na série, o papel da jogadora Mae/Madonna ficou com Wendy Makkena; o da apanhadora Dottie/Geena, com Carey Lowell, e o do técnico Jimmy/Hanks, com Sam McMurray.

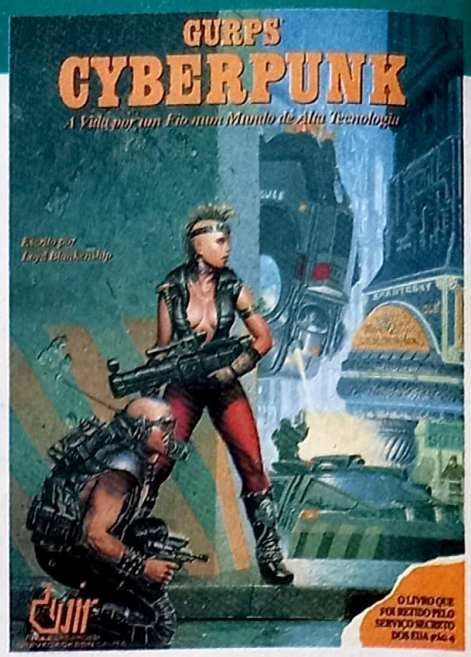
Fox

O pentelhinho Macaulay (à esquerda) agora enfrenta as forças do mal

THRILLER

MACAULAY MUDA DE GÊNERO

O milionário aprontão Macaulay Culkin não vai pentelhar ladrões no novo suspense de Joseph Ruben (diretor de *Dormindo com o Inimigo*). De novo no papel principal, Macaulay encarna um garoto de 12 anos que descobre as várias faces do mal. Após a morte de sua mãe, Macaulay vai morar com alguns parentes e se deixa influenciar por seu primo malévolo. Bem, o garoto tem tudo para ser um *picollo* diabo.



RPG

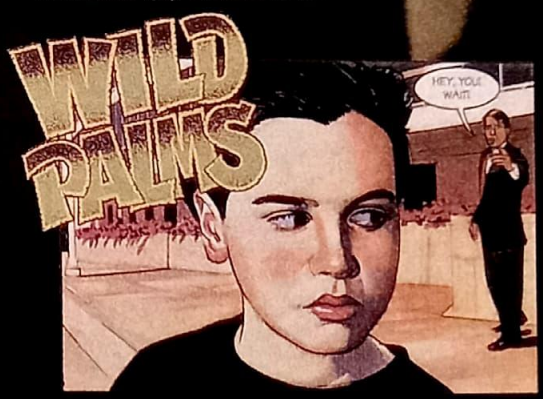
CYBERPUNKS CONTRA A C.I.A.

Parece até George Orwell, mas é verdade. A editora americana Steve Jackson Games, especializada em R (ole) P (laying) G (ame), foi invadida pelo serviço secreto americano no início de junho. Várias cópias em disquete do livro *Gurps Cyberpunk* foram apreendidas, sob a alegação de que se tratava de um manual para *hackers* (piratas da informática que invadem computadores alheios pelo telefone). Ledo engano dos aprendizes de James Bond. Ninguém duvida que os *hackers* são os bárbaros do século XXI e que as revoluções do futuro serão tramadas em teclados de computador. Mas os GURPS (Generic Universal Role Playing System) são apenas livros de regras para RPG que ensinam como criar um universo ficcional coerente para o desenvolvimento das aventuras. Neste caso, um universo futurista semelhante ao de *Blade Runner,* onde criaturas surgidas através de manipulação genética convivem com piratas de dados e cyborgs maluquetes. O livro, (in) felizmente, não ensina ninguém a criar um vírus letal como Sexta Feira 13 ou Jerusalém. Seja como for, a editora processou o Serviço Secreto, ganhou a causa, recuperou seus originais e publicou o livro. *Gurps Cyberpunk* já foi lançado no Brasil pela Devir Distribuidora (Cx. Postal 15239 – CEP 01599-970 – São Paulo – SP).

DANA DELANY

FUTURE SEXY

Dana Delany, com este estilo soft-sexy de ser, é atriz central de *Wild Palms*, primeiro trabalho de Oliver Stone para a TV. Stone produziu (mas não dirigiu) a minissérie de seis horas, exibida em quatro capítulos na rede americana ABC. Baseada na HQ de mesmo nome publicada na revista *Details*, *Wild Palms* mistura realidade virtual, seitas fundamentalistas, grupos terroristas e ficção-científica. Tudo passado na surrealista Los Angeles de 2007. Esta salada cyberpunk tem roteiro de Bruce Wagner, o autor da série em quadrinhos. A crítica americana, entretanto, não gostou muito do que viu e diz que a série é um mero pastiche de *Twin Peaks*, com alguns toques de *Blade Runner* e *Duna* (a fracassada FC de David Lynch). Mas Dana – que participou de *Luar Sobre Parador* e foi Patty Hearst na cinebio de mesmo nome – foi bastante elogiada por sua atuação ao lado de James Belushi, o mocinho (?) da história.



A personagem de Dana na HQ que inspirou Stone

TRAILER

BREVE NUM CINEMA PERTO DE VOCÊ

As relações entre guarda-costas e protegidos ainda não estão esgotadas em Hollywood. Em *Guarding Tess*, **NICOLAS CAGE** será um policial do serviço secreto que deve cuidar de **SHIRLEY MCLAINE**, viúva de um ex-presidente americano. A direção ficará com Hugh Wilson (*Academia de Polícia*).

Cotada como a nova "Julia Roberts", **MARISA TOMEI** está para assinar um contrato para a seqüência de *Meu Primo Vinny*, que lhe rendeu o Oscar de Melhor Coadjuvante de 1992. Marisa tem recebido pilhas de convites, entre eles, *Him*, comédia romântica de Norman Jewison (*Feitiço da Lua*) sobre uma mulher que vai a Veneza atrás do amor de sua vida. A única decisão tomada até o momento é de subir o seu cachê de US$ 200 mil para US$ 2 milhões.

JEAN-CLAUDE VAN DAMME quer dar um salto em sua carreira: ele não só irá atuar, como vai dirigir seu próximo filme, *The Quest*. Van Damme começa a rodar sua produção de US$ 30 milhões até o final do ano, com locações na França, China e Tibet. A história – "o *Ben-Hur* dos filmes de caratê", segundo ele – é sobre um rapaz que sai de Paris em 1860, é seqüestrado por piratas e chega no Oriente, onde aprende artes marciais e filosofia budista.

ROLAND JOFFÉ, diretor de *Gritos do Silêncio* e *Cidade da Esperança*, será o responsável pelo remake de *Moby Dick*, dirigido por John Huston em 1956 e estrelado por Gregory Peck. O livro de Herman Melville, sobre a obsessão do capitão Ahab em capturar uma baleia branca, ganhará uma versão (orçada em US$ 46 milhões) ecologicamente correta. Alguns dos nomes cotados para o papel principal: Sean Connery, Tom Cruise, Clint Eastwood, Richard Gere, Bruce Willis e Daniel Day-Lewis.

Apesar de ter morrido em *Sem Destino*, **DENNIS HOPPER** concordou em fazer uma seqüência para o longa que impulsionou sua carreira (e as de Peter Fonda e Jack Nicholson) em 1972. Além de atuar, Hopper também vai dirigir *Easy Rider II: The Next Generation*, que ainda não tem roteiro definitivo. Nicholson e Fonda devem aparecer apenas em pequenos papéis.

Stills

Estevez, Dreyfuss e Gina: família (?) feliz para enganar mafiosos

TOCAIA

FAMÍLIA BUSCAPÉ DOS 90

Emilio Estevez e Richard Dreyfuss ainda não perderam o gosto de espionar janelas. Depois de seis anos, John Badham faz uma seqüência para sua comédia de sucesso *Tocaia*. Desta vez, os policiais Estevez e Dreyfuss vão ajudar um promotor público a conseguir provas contra mafiosos. Para isso, vão fazer de conta que são uma família muito feliz: papai Dreyfuss, o filho Estevez e a mamãe Gina O'Donnell. Para não variar, os dois vão quebrar o pau e quase estragar o disfarce.

FESTIVAL DE VÍDEO

TÓQUIO DESCOBRE TALENTOS

O Tokyo Video Festival é um dos eventos internacionais mais importantes na caça de novos videomakers. Na edição de 1992, três brasileiros conseguiram se destacar: dois prêmios especiais por mérito foram dados a Rosane Lima, por *Eu Dirijo, Deus me Guia*, e Ronaldo Barbosa, por *Graúna Barroca*, e Fernando Mozart, com *Meninos, Eu Vi?*, recebeu o prêmio de distinção especial. Aberta para profissionais e amadores, a 16ª versão está com as inscrições abertas até o dia 15 de setembro, data final também para a expedição dos vídeos. No ano passado foram distribuídos 50 mil dólares entre os 38 trabalhos. Para obter o regulamento e a ficha de inscrição, os interessados devem entrar em contato com Renata Celani na Tecnovídeo, fone: (011) 816-6431, ou fax: (011) 211-9880.

Stills

MTV MOVIE AWARDS

JUSTIÇA PARA SHARON STONE

Se foi desprezada pelo Oscar, pelo menos Sharon Stone teve a consolação de ter vencido em duas categorias do MTV Movie Awards de 1993. O prêmio da rede de televisão musical, que teve este ano a sua segunda edição, reservou para Sharon os títulos de "melhor atriz" e "mais gostosa", por sua participação em *Instinto Selvagem*. Entre os vencedores de outras categorias exóticas ficaram Jennifer Jason Leigh ("melhor vilã", em *Mulher Solteira Procura*), Christian Slater e Marisa Tomei ("melhor beijo", em *Untamed Heart*), Danny Glover e Mel Gibson ("melhor dupla", em *Máquina Mortífera 3*) e de novo Christian Slater ("mais gostoso", em *Untamed Heart*). Nas categorias mais tradicionais, venceram Denzel Washington ("melhor ator", em *Malcolm X*), Robin Williams ("melhor comediante", em *Aladim*) e, quem diria, *Questão de Honra* ("melhor filme"). Eddie Murphy foi o apresentador da festa, realizada no dia 5 de junho em Los Angeles, que ainda promoveu um revival disco com um show do Village People.

Aiello às voltas com o pepinão alienígena

Stills

PAUL MAZURSKY

PEPINO MAIS LEVE QUE O AR

Talvez inspirado em sua própria experiência, Paul Mazursky está fazendo *The Pickle*, filme sobre um cineasta que após vários fracassos tenta ganhar dinheiro aceitando dirigir uma ficção-científica caça-níqueis sobre um pepino voador. Só que depois de ter feito o trabalho o diretor arrepende-se, achando que sua carreira vai ser sepultada assim que saírem as primeiras críticas. Danny Aiello ganhou o papel principal, fazendo o diretor Harry Stone. Além de produzir, escrever o roteiro e dirigir, Mazursky também aparece como ator, ao lado de participações especiais de Shelley Winters e Little Richard.

O ATAQUE DAS SEQÜÊNCIAS ASSASSINAS

Uma avalanche de continuações terroríficas está prometida para os próximos meses. Entre elas, um encontro entre os aliens que infernizaram a vida de Sigourney Weaver e o predador que fez gato e sapato de Schwarzenegger e Danny Glover. Confira abaixo as mais esperadas e as mais inusitadas

Columbia TriStar

Bram Stoker's Dracula II

Francis Ford Coppola e a Columbia prometem trazer o conde Drácula de volta à vida como acontecia nos velhos filmes da Hammer. Por enquanto, apenas Sir Anthony Hopkins está confirmado no elenco como Van Helsing, o caçador de vampiros.

Fox

Alien Vs. Predator

Na linha dos trash japoneses (que fizeram Godzilla enfrentar até a criatura de Frankenstein), a Fox pretende reunir seus dois monstros em um único filme. Já existe um script pronto, baseado na série de quadrinhos que juntou os dois bichos, editada pela Dark Horse Comics.

UIP

Darkman II

Lançado sem muito estrondo nos cinemas, *Darkman* virou hit nas videolocadoras. Agora que terminou seu *Army of Darkness*, o diretor Sam Raimi volta a dar atenção ao personagem. A MCA também prepara uma série de TV com o homem sem rosto que será supervisionada por Raimi.

O Passageiro do Futuro II

A seqüência já era esperada pela maneira que o primeiro filme termina. Agora, Cyberjoe (vivendo num mundo virtual) enfrenta forças do mal para salvar a civilização. Stephen King não está envolvido no projeto e não quer nem ouvir falar no assunto.

Hellraiser IV

Com o sucesso de *Hellraiser III* nos EUA, uma nova aventura (?) com os demônios sadomasoquistas criados por Clive Barker (que deve voltar à direção neste filme) está em planejamento. Cabeça-de-Alfinete será, claro, o personagem central mais uma vez.

Divulgação

Mosca III

É, não vamos mesmo conseguir nos livrar do homem-mosca. O plot do filme é de uma apelação ímpar: Geena Davis (que voltará à série) não teve apenas um filho mutante, mas dois. *Mosca III* contará a história do outro infeliz rebento de Jeff Goldblum.

A Hora do Pesadelo VII

Paris

Freddy morreu no último episódio, mas renascerá das trevas nesta continuação que será dirigida por Wes Craven, criador da série. Robert Englund será o queimadinho. O anunciado encontro de Jason (*Sexta Feira 13*) com o maníaco de Elm Street continua na gaveta – pelo menos por enquanto.

Família Addams II

Outra continuação previsível. Desta vez Gomez, Mortícia & filhos envolvem-se com uma *serial killer*. Este filme será baseado na tira de quadrinhos de Charles Addams publicada na revista *The New Yorker* e não na série de TV, como o primeiro – o que, na prática, não altera muito o resultado final: humor negro e sátira ferina à classe média americana.

Os Pássaros II

Esta é para Alfred Hitchcock se mexer no túmulo. Uma seqüência (para TV) do famoso suspense realizado pelo diretor em 1963 já está sendo escrita. O elenco ainda não foi escalado. Felizmente, pois a besteira pode acabar cancelada.

Mexa-se!

VHS C

S750

Produtos Importados
À venda na Zona Franca
de Manaus.

Você se movimenta durante a filmagem e a sua câmera corrige a imagem!

S750
DIGITAL TECHNOLOGY
Palmcorder

- Estabilizador digital de imagens (DIS)
- Potente zoom digital de 45x
- Efeitos digitais

S250
Palmcorder

- Filmagem automática programada (Program AE)
- Zoom eletrônico de 8x
- Filmagem com 1 lux
- Lente grande angular
- Efeitos digitais

Panasonic

Panasonic VHS Câmera de Vídeo

Compatível com videocassetes VHS

Balança mas não cai: Sly vira alpinista para escalar (novamente) o topo das bilheterias

E N T R E V I S T A

SYLVESTER STALLONE

BRUCUTU EM CRISE

O ator volta aos filmes de ação com RISCO TOTAL, faz uma autocrítica ao seu passado politicamente incorreto e explica como Reagan e Gorbachev conspiraram para afundar sua carreira cinematográfica

Como comediante, Stallone foi à lona. Recuperado da surra levada com os recentes *Minha Filha Quer Casar* e *Pare Senão Mamãe Atira*, Sly volta à carga fazendo o que sempre soube fazer bem: protagonizando a proverbial montanha-russa dos filmes de ação. *Risco Total* é um trunfo para Stallone – que volta por cima, liderando a bilheteria nos Estados Unidos em apenas 10 dias de exibição – quanto para Renny Harlin (*Duro de Matar 2*), o diretor nórdico que aos poucos se prova a única verdadeira ameaça ao mestre James Cameron. Esqueça os diálogos ginasianos, desista de encontrar na história elementos de plausibilidade e lógica: *Risco Total* é entretenimento escapista da melhor estirpe, barulhento e eletrizante. Burro, mas divertidíssimo. Só a cena de abertura do filme já é de danificar as coronárias!

Harlin deixa a platéia estatelada com as cenas de alpinismo (embora passe da conta no sangue): a ilusão é de que Stallone, de fato, teria arriscado a vida a milhares de metros de altura, quando, na verdade, quase todas as cenas mais perigosas aconteceram dentro das quatro paredes de um estúdio.

Fotos Columbia Tristar

Feliz depois de escalar o topo das bilheterias, Stallone falou à SET sobre sua volta ao thriller de ação e da carreira que quase despencou depois de suas trapalhadas como comediante.

Vamos esclarecer uma coisa. Durante as filmagens de *Risco Total*, noticiou-se que você estaria tendo problemas porque sofreria medo de altura. É verdade?

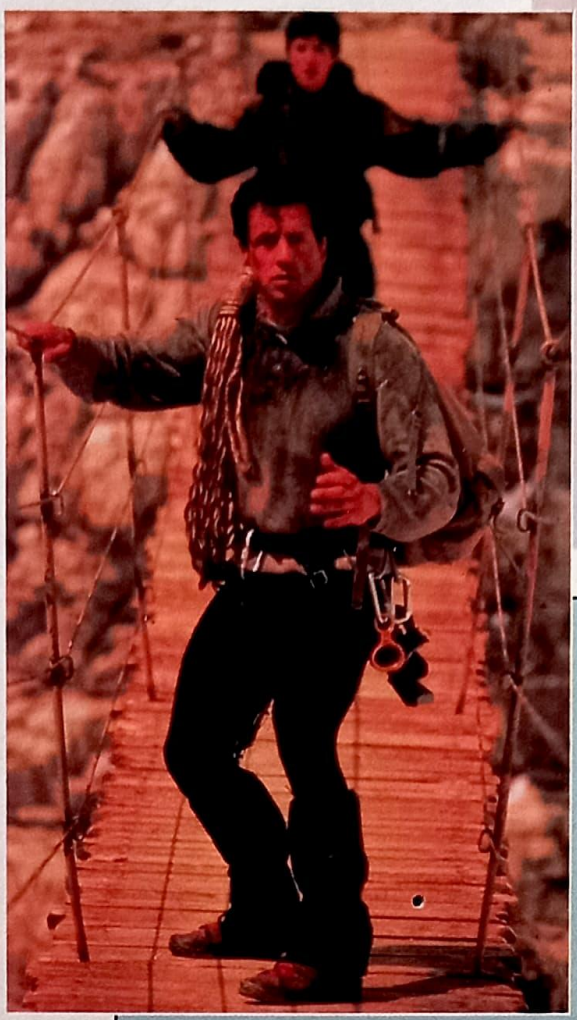
E como tive medo! Veja bem, para fazer esse tipo de coisa, para praticar alpinismo, você precisa ser um pouco maluco, não é verdade? Mas com um pouco de treinamento psicológico você acaba conseguindo. Você se acostuma. Cheguei a um ponto em que parei de ter medo – fiquei maluco (*risos*). Agora voltei a ter pavor de altura (*risos*).

Esse filme está sendo considerado sua volta ao que você sabe fazer melhor, os filmes de ação, depois de duas comédias – *Minha Filha Quer Casar* e *Pare! Senão Mamãe Atira* – que acabaram não sendo bem recebidas nem pelo público nem pela crítica.

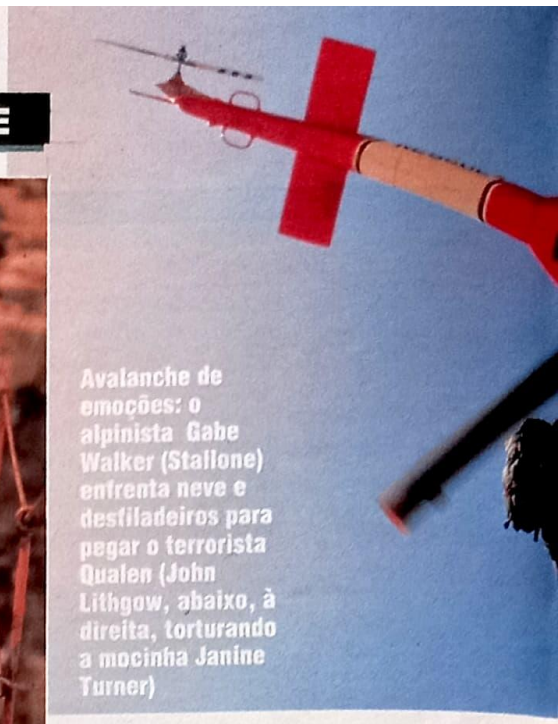
O meu ego se sentiu muito bem quando fiz aqueles filmes. Mas não deu certo. Não é o tipo de coisa que meu público gosta de me ver fazendo. Continuar naquela linha seria um desperdício de dinheiro para as pessoas e para os estúdios. Por isso, preferi fazer um filme mais esperto.

Como você reagiu àquela rejeição?

Rindo. Quando estou por baixo, eu rio de mim mesmo. E digo: "Eu é que sou o burro, eu é que cometi o erro ". Aprendi com as minhas bobagens e com meus erros. Não é o sucesso que lhe ensina uma lição, é o fracasso. Se você está aqui me entrevistando não é por minha causa, mas porque o showbusiness é uma coisa fantástica, e porque eu tive a sorte de fazer papéis muito interessantes no cinema. E, naturalmente, porque minha carreira, no momento, está passando por uma interessante transição. Três anos atrás, eu estava por baixo. Agora, tudo está acontecendo novamente. Acho tudo isso muito engraçado, porque não consigo acreditar na minha sorte!



O diretor, produtor e roteirista John Hughes cansou de dizer como você foi uma inspiração para ele. Ele era um sujeito que trabalhava com publicidade em Chicago e via em você e no primeiro *Rocky* a possibilidade de alguém que não tinha laços com Hollywood fazer sucesso no cinema. Ele admirava a



Avalanche de emoções: o alpinista Gabe Walker (Stallone) enfrenta neve e destiladeiros para pegar o terrorista Qualen (John Lithgow, abaixo, à direita, torturando a mocinha Janine Turner)

RISCO TOTAL

Ação espetacular e cenas de alto impacto

Dá até uma certa pena de Sylvester Stallone: o cara criou o gênero do "musculoso-que-enfrenta exércitos-na-base-da-porrada", faturou mais de dois bilhões de dólares em Rockys e Rambos e agora vem um monte de penetras como Schwarzenegger, Van Damme, Dolph Lundgren e até Steven Seagal roubando sua festa e enchendo os bolsos. Stallone já deve estar pensando em se aposentar, afinal tem 46 anos e logo vai ter que transferir suas aventuras do Vietnã para algum lugar mais calmo, tipo Cambuquira ou São Lourenço. Enquanto sua aposentadoria não vem, ele joga suas últimas fichas na missão de mostrar que ainda é um grande herói dos filmes de ação. Sabiamente, dispensou as comédias e engatilhou dois projetos de thrillers: *Demolition Man*, que estréia no fim do ano, e *Risco Total*, dirigido por Renny Harlin (*Duro de Matar 2*).

Em *Risco Total*, ele interpreta o alpinista Gabe Walker. Como em todos os filmes de ação de Stallone, o personagem sofre um forte abalo emocional no início da história, que só vai servir para motivá-lo ainda mais a distribuir sopapos nos bandidos. O abalo, no caso, é a morte da namorada do amigo Hal Tucker (Michael Hooker, de *Henry – O Retrato de um Assassino*). A mocinha se espatifa de um penhasco e o sensível Gabe leva a culpa. Logo depois, uns terroristas resolvem fazer um roubo espetacular a um avião do F.B.I. carregado de dólares. Em pleno ar, os bandidos liderados pelo calculista Qualen (John Lithgow, ótimo) tomam o dinheiro, mas uma trapalhada faz as malas caírem em algum lugar das montanhas geladas. Adivinha quem vai acabar encontrando as malas e se tornar alvo dos malvados?

A história é apenas um pretexto para um desfile empolgante de cenas de ação. O diretor Renny Harlin, que parece adorar um gelo (lembra de *Duro de Matar 2*?), criou cenas de alto impacto visual, como avalanches, explosões e quedas espetaculares. O próprio Stallone reescreveu o roteiro, adicionando algumas cenas e, como ele mesmo disse, "tornando meu personagem mais humano e menos herói".

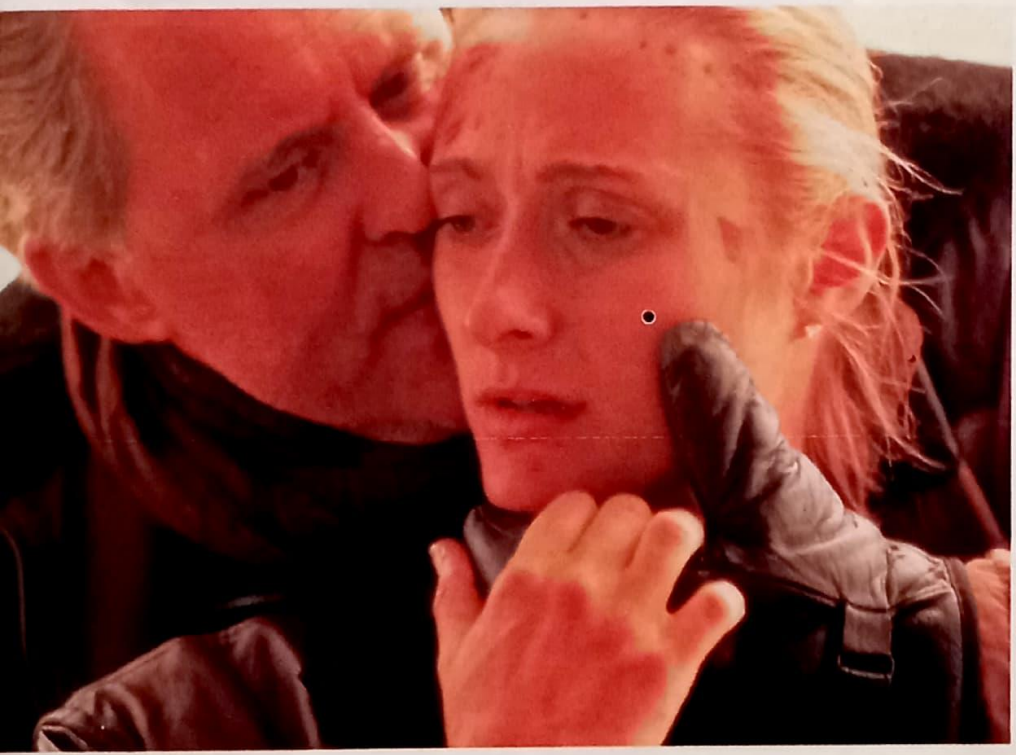
Mesmo sem toda a badalação de *Jurassic Park* ou *The Last Action Hero*, *Risco Total* está faturando bem: nas duas primeiras semanas arrecadou mais de trinta bilhões de dólares, e recebeu um "B" entre o público questionado por um empresa americana. Stallone sabe o que o povão quer: muito tiro, ação e um pouco de senso de humor. Comédias, deixe para alguém que saiba fazer melhor.

André Barcinski

***Cliffhanger*, EUA, 1993 ■ DIREÇÃO: Renny Harlin ■ ROTEIRO: Michael France e Sylvester Stallone ■ Com Sylvester Stallone, John Lithgow, Michael Rooker ■ Columbia TriStar**

sua perseverança, em primeiro lugar. Essa perseverança ainda existe? O jogo fica mais fácil, uma vez que você passa a pertencer ao círculo de Hollywood?

Para mim torna–se cada vez mais difícil. Seja você um artista plástico, um boxeador ou um jogador de futebol, quando está por cima todo mundo se sente feliz por você, porque acompanhou sua batalha de ascensão. Mas quando você começa a passar tempo demais lá no topo, as pessoas começam a dizer: "Ih, agora já chega, esse cara já ganhou dinheiro demais e eu estou ficando de saco cheio. Quero uma novidade, alguém novo". O importante é você se preparar para a queda porque ela, algum dia, acontecerá. Você vai cair do topo, mas é nessa hora que você se conhecerá melhor, que seu caráter virá à tona. O caráter de uma pessoa só pode ser avaliado na hora em que ela estiver por baixo. Quando você está feliz, grande coisa. Mas quando você está triste, como reage? Você desiste, cai fora ou dá mais duro? Você muda sua vida? Você se embebeda ou tenta se matar?



"TENHO PAVOR DE ALTURA, MAS CHEGUEI A UM PONTO EM QUE PAREI DE TER MEDO. FIQUEI MALUCO"

Por que, exatamente, suas comédias não deram certo ?

Olha só, eu já participei de milhões de talk shows, e todas as vezes as pessoas morrem de rir quando eu conto uma piada ou quando conto uma história de uma maneira engraçada. Mas, por alguma razão, nos filmes isso não funciona. Por exemplo, quando Rocky Balboa diz alguma coisa engraçada, as pessas aceitam.

O Passo em Falso do Brutamontes

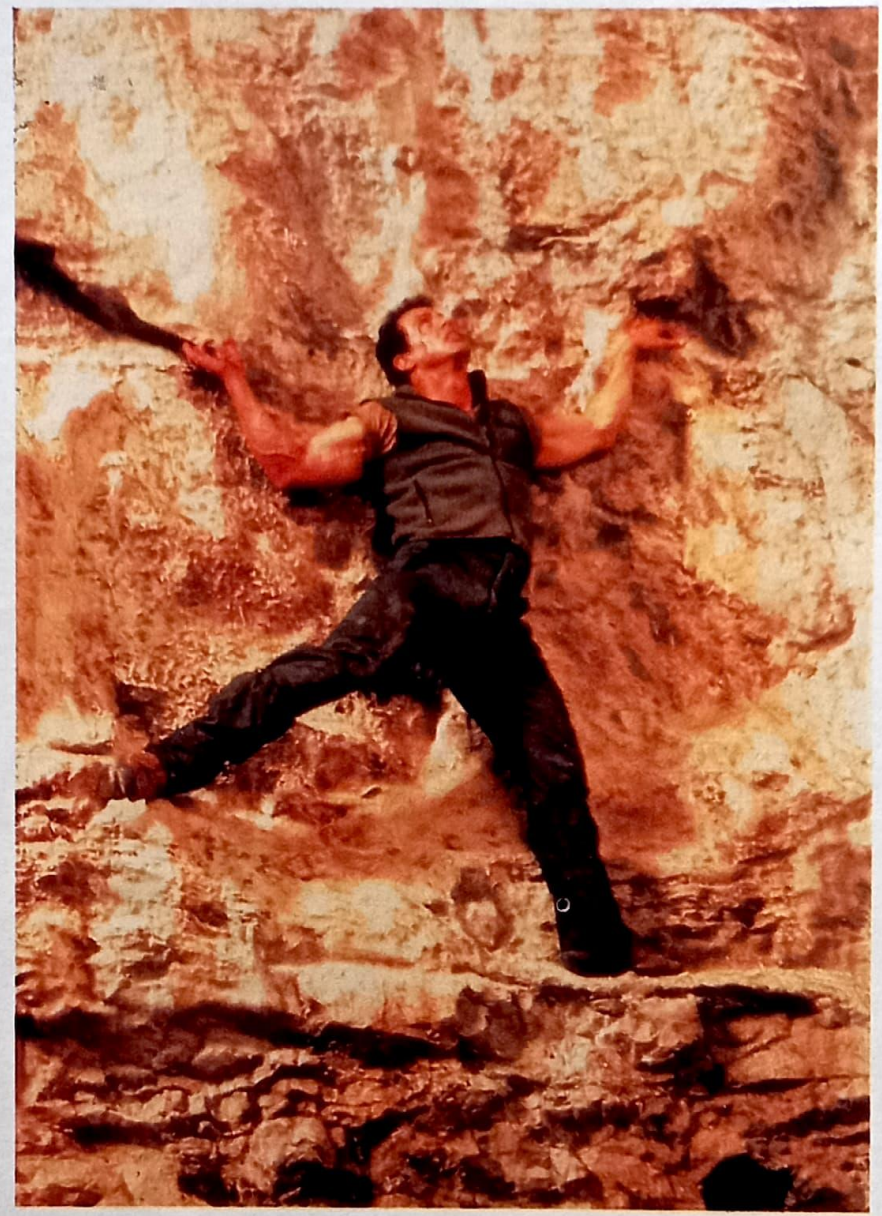
Stallone é um americano intranqüilo. Na década de 80 incorporou o espírito da Era Reagan e foi ao Vietnã ganhar sozinho a guerra que a América havia perdido. Na volta, passou pelo Afeganistão e deu um pau legal nos soviéticos que estavam por lá tentando conter a fúria islâmica. Transformou-se num símbolo da administração republicana e quando o milagre econômico que gerou os execráveis yuppies foi para o brejo, ele foi junto, coitado. A mídia o odeia, os cinéfilos o detestam, os críticos o abominam.

E o que fez o pobre Sly para merecer tamanho desprezo de seus semelhantes? Sim, ele não tem talento, eu sei. Mas, convenhamos, talento não é requisito básico em Hollywood há pelos menos uma década. O problema do Brucutu foi abraçar a causa errada. Virar "Campeão da Democracia" numa época em que o comunismo já tinha virado coisa daqueles países ridículos de historinhas do Carl Barks. Baixa Slobóvia, Latvéria Oriental, esses troços. Stallone é uma vítima do Politicamente Correto, este macarthysmo às avessas que tomou conta dos Estados Unidos.

Ele, coitado, não soube fazer a coisa certa, dizer as palavras que a mídia adora ouvir nesses anos tontos. Não incorporou a postura liberal de butique que transforma pessoas de talento zero em queridinhos do público espertinho. *Platoon* (86) é de longe muito mais reacionário que *Rambo 2* (85). Os inimigos de Rambo são perversos e psicóticos, mas ele os enfrenta e os vence. Os inimigos dos rapazes do *Platoon* também são um horror, só que os "heróis" preferem chorar de noite, procurando a mãe, em vez de ir lá e dar um pau neles. Até *Os Boinas Verdes (TheGreen Berets*, 68) do John Wayne, propaganda belicista descarada, é mais honesto. Ah, então *Platoon* baseia-se numa experiência real, né? Era aquilo mesmo, né? Deixa disso. Os vietnamitas comiam rato morto com arroz frio, passavam semanas enfiados debaixo da terra, não tinham apoio aéreo, não tinham napalm , eram bombardeados dia sim e o outro também. Só ganharam a guerra porque estavam jogando em casa e tinham o apoio da torcida. Oliver Stone, no entanto, é respeitado como "pessoa séria". Ele, que não é nem diretor, é um fenômeno de mídia, a Madonna da sétima arte. E nem vou falar nas teorias conspiratórias maluquetes mostradas em *JFK* (o homem que iniciou o conflito no Vietnã e quase detonou o mundo em 1962 com a crise dos mísseis em Cuba) porque aí também já é covardia.

Perdoem o Stallone. Ele é igual a todos nós: uma vítima da sociedade. Apenas um americano panaca que acredita na Livre Iniciativa e no Mac Donald's. Mas faz bem o que se propõe a fazer: filmes de ação eletrizante sem profundidade e sem sentido, feito a cabeça do Stone.

Edson Arantes



Mas quando faço comédia tradicional, nunca funciona. Se eu pudesse fazer umas comédias mais estranhas como *Harold and Maude* ou *Where's Poppa?* ou *Jogue a Mamãe do Trem*, talvez desse certo. Mas não com *Pare! Senão Mamãe Atira*. É estranho. Eu tenho uma certa imagem pública que as pessoas parecem levar muito a sério. Vai ver que eu tenho uma cara séria.

Talvez as pessoas só consigam enxergar Rambo ou Rocky quando olham para você.

Isso é incrível. Me impressiona a maneira como Rambo é conhecidíssimo no mundo inteiro. Recebo correspondência da Sibéria, do Afeganistão, do Kuwait, e acho que isso acontece porque Rambo é o único herói de filmes de ação a ter envolvimento político. Ele lida com assuntos como a guerra do Vietnã e a guerra do Afeganistão e, mais importante, ele deixou de amar um governo que não mais o respeita. Os demais heróis de filmes de ação não passam de pura diversão. Mas quando Ronald Reagan chegou e falou num discurso que "depois de ter assistido ao filme do Rambo, agora já sei o que fazer com Kadhafi"... foi nessa hora que me estrepei!

Porque o clima político muda, como de fato mudou.

Sim, exatamente. O clima político mudou muitíssimo nos últimos cinco anos. Uma história perfeita para Rambo seria aquele lance com o Noriega: o canal do Panamá, drogas, a C.I.A., o possível envolvimento dos Estados Unidos. Perfeito. Mas Noriega já era! E quando o filme ficasse pronto, quem mais iria se importar? Veja o que aconteceu com *Rambo 3*. A guerra do Afeganistão vinha acontecendo há dez anos e ninguém dava a mínima bola. A Rússia estava se destruindo com aquela guerra, tinha chegado à bancarrota. E era a primeira vez no país em que as pessoas começavam a protestar, em que os soldados estavam desertando, se recusando a lutar. Pensei: "É o Vietnã da Rússia!". E fiz um filme a respeito daquilo. Uma semana depois da estréia, Gorbachev assume o poder, troca beijos com Nancy Reagan... e o filme já era!

"QUANDO RONALD REAGAN DISSE: 'APRENDI COM O RAMBO O QUE FAZER COM KADHAFI'... FOI AÍ QUE ME ESTREPEI"

Mas você não estava para fazer *Rambo 4*?

Pois é, mas as negociações com a Carolco acabaram não dando certo. Embora eu ache, a essa altura, muito difícil conseguir fazer um novo filme com Rambo porque todos os outros filmes foram muito políticos. Bolei uma história em que ele volta à cidadezinha que deixou 20 anos atrás, só que agora todo mundo tem medo dele. Seria um filme sobre a dificuldade dele em se reajustar à vida normal. Haveria uma tempestade, ele teria que combater uns bandidos, tudo bem, mas não seria um Rambo político como antes. O que eu acabei de aceitar foi fazer *Judge Dredd*.

Está havendo uma ressurgência dos westerns. Você se imaginaria fazendo um ?

Adoraria. Por outro lado, será que as pessoas me aceitariam num western? Sei lá, Rambo era quase um personagem do gênero, não era? Ele tem uma cara de índio, com arco e flecha, a atitude dele. Mas quando você fala em western você pensa automaticamente em pessoas como Clint Eastwood ou Kevin Costner. É um outro tipo de visual. Talvez se eu fizesse um índio mestiço... mas como caubói?! Não sei não. Bem que adoraria. Montar cavalos é a coisa que melhor sei fazer na vida. A vida toda joguei pólo.

Então você já está pronto para ser o Príncipe Charles na tela.

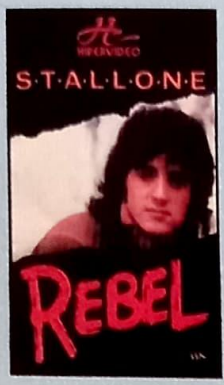
Yo, Diana!

José Emilio Rondeau, de Los Angeles

SET

O MELHOR E O PIOR DE SLY EM VÍDEO

O GARANHÃO ITALIANO ★
(Italian Stallion, EUA, 1970) Direção: Morton Lewis. Com: Henrietta Holm, Nicholas Warren. Onyx.
Filme erótico marreta que Stallone, depois de famoso, tentou tirar de circulação. Vale como curiosidade.



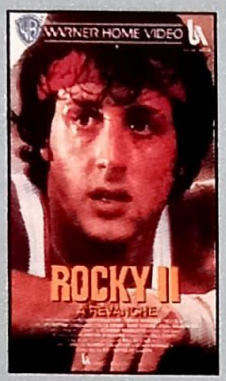
REBEL ★
(Rebel, EUA, 1973) Direção: Robert Schnitzer. Com Antony Page, Rebecca Grimes. Hipervídeo.
Stallone ainda não era ninguém quando fez este filme. O roteiro é ingênuo: jovens em protesto contra a Guerra do Vietnã aderem ao terrorismo.

ADEUS, QUERIDA ★★
(Farewell, My Lovely, Inglaterra, 1975) Direção: Dick Richards. Com Robert Mitchum, Charlotte Rampling. Abril Vídeo. Adaptação do romance *Adeus Minha Adorada*, de Raymond Chandler, com o detetive Philip Marlowe (Mitchum) envolvido numa investigação sobre roubo de jóias. Stallone aparece numa ponta como um brutamontes.

ROCKY, UM LUTADOR ★★★
(Rocky, EUA, 1976) Direção: John G. Avildsen. Com Burgess Meredith, Talia Shire. Warner.
O melhor filme da saga de Rocky, escrito pelo próprio Stallone, e que levou o Oscar de melhor filme, direção e montagem. O ator é um boxeador inciante desafiado pelo campeão mundial.
O equilíbrio entre drama social e a emoção do pugilismo prova ser uma boa combinação.

CANNONBALL – A CORRIDA DO SÉCULO ★★
(Cannonball, EUA, 1976) Direção: Paul Bartel. Com David Carradine, Veronica Hamel, Bill McKinney. Zircon.
Uma corrida maluca onde vale tudo. Stallone está um pouco perdido entre as participações especiais dos diretores Joe Dante, Martin Scorsese e Roger Corman.

A TABERNA DO INFERNO ★★
(Paradise Alley, EUA, 1978) Direção: Sylvester Satllone. Com Lee Canalito, Armand Assante. CIC.
Primeiro filme em que Stallone se arriscou na direção e no roteiro. Conta a saga de três irmãos envolvidos com luta livre na década de 40.



ROCKY 2 – A REVANCHE ★★
(Rocky 2, EUA, 1979) Direção: Sylvester Stallone. Com Talia Shire, Burt Young, Carl Weathers. Warner.
Stallone põe fermento na trama de Rocky e mostra o lutador já famoso mas falido, em busca de auto-promoção.

FALCÕES DA NOITE ★★
(Nighthawks, EUA, 1981) Direção: Bruce Malmuth. Com Billy Dee Williams, Rutger Hauer. CIC.
Policiais de Nova York combatem um terrorista.
Vale mais por mostrar Stallone travestido do que pela história.
Rutger Hauer e a mulher biônica Lindsay também chamam atenção.

RAMBO – PROGRAMADO PARA MATAR ★★
(First Blood, EUA, 1982) Direção: Ted Kotcheff. Brian Dennehy, Richard Crenna. Transvídeo.
A imagem de Stallonne se confundiu com Rambo há pouco mais de dez anos. Ele é um ex-combatente do Vietnã, traumatizado, perseguido pela polícia, e que descarrega sua fúria em todos que encontra pela frente.

ROCKY 3 – O DESAFIO SUPREMO ★★
(Rocky 3, EUA, 1982) Direção: Sylvester Stallone. Com Talia Shire, Burgess Meredith. Warner.
Este filme não é tão bom quanto o primeiro e traz poucas novidades em relação ao segundo, mas Stallone sabe tirar proveito do boxeador ambicioso e fora de forma que tenta voltar a lutar.

ROCKY 4 ★★
(Rocky 4, EUA, 1984) Direção: Sylvester Stallone. Com Talia Shire, Dolph Lundgren, Brigitte Nielsen. Warner
O principal mérito desta fórmula requentada é pôr Rocky cara a cara com Dolph Lundgren. A idéia é mostrar EUA contra URSS, sobre o ringue. A ex-senhora Stallone, Brigitte Nielsen, também dá o ar de sua graça.

RAMBO 2 – A MISSÃO ★★
(Rambo 2 – First Blood, EUA, 1985) Direção: George Pan Cosmatos. Com Richard Creena, Charles Napier. Transvídeo.
Rambo, o rapaz revoltado, se converte em herói. Depois de amargar longa temporada na prisão, ele volta ao Vietnã e resgata um grupo de americanos. Ufanismo é pouco.

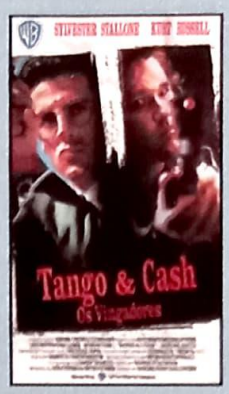
STALLONE COBRA ★★
(Cobra, EUA, 1986) Direção: George Pan Cosmatos. Com Brigitte Nielsen, Reni Santoni. Warner.
O mesmo diretor de *Rambo 2* mostra Stallone como um policial à cata de psicopatas. Sangue, perseguição e muita adrenalina. Brigitte Nielsen também pega carona na fama do ex-marido.

FALCÃO, O CAMPEÃO DOS CAMPEÕES ★
(Over the Top, EUA, 1987) Direção: Menahem Golan. Com Robert Loggia, Susan Blakely. América.
Drama feito sob encomenda para Stallone. Ele é um caminhoneiro de temperamento difícil, que tenta se aproximar do filho a pedido da ex—mulher doente. O ator dá uma "canja" da força bruta numa competição de braço de ferro.

RAINBO ★★
(Man Called... Rainbo, EUA, 1988) Direção: Lesser Pismo. Com Antony Page, Rebecca Grimes. Argovídeo.
Comédia em que Stallone aparece zombando de si mesmo em Rambo. Desertor da Guerra do Vietnã entra para um grupo terrorista. O ator prova que não tem medo da autocrítica.

RAMBO 3 ★★
(Rambo 3, EUA, 1988) Direção: Peter MacDonald. Com Richard Creena, Marc de Jonge. Transvídeo.
É difícil acreditar, mas Rambo virou mascote de budista. Quando um amigo é preso pelos soviéticos ele põe os músculos em ação e vai à luta no Afganistão. Os comunistas já tinham saído de moda como vilões, mas Sly não percebeu.

CONDENAÇÃO BRUTAL ★★★
(Lock Up, EUA, 1989) Direção: John Flynn. Com Donald Sutherland, John Amos. LK-Tel/Vídeo.
Stallone é um mecânico que acaba atrás das grades por agressão. Vai parar numa prisão de segurança máxima e se torna vítima do diretor do lugar (Sutherland), um sádico profissional.



TANGO E CASH – OS VINGADORES ★★★
(Tango & Cash, EUA, 1989) Direção: Andrei Konchalovsky. Com Kurt Russell, Jack Palance. Warner.
Konchalovsky, mais experiente em tramas intimistas, se sai bem neste filme que traz Stallone e Kurt Russell como dois policiais obrigados a fazerem uma dobradinha no combate ao crime. As diferenças de temperamento acabam se mostrando vantajosas e ainda sobra bom-humor. Uma das melhores produções da carreira de Stallone.

ROCKY 5 ★★★
(Rocky 5, EUA, 1990) Direção: John G. Avildsen. Com Richard Gan, Talia Shire. Warner.
Stallone acertou ao convocar o diretor Avildsen, do primeiro filme da série, para esta quinta parte da saga de Rocky. O lutador aparece na pior, falido e com uma lesão cerebral, investindo num jovem boxeador.

MINHA FILHA QUER CASAR ★★★
(Oscar, EUA, 1991) Direção: John Landis. Com Ornella Mutti, Peter Riegert. Abril Vídeo.
Depois de Rockys e Rambos, Stallone tentou dar um toque leve à carreira, nesta comédia sobre um mafioso que descobre a gravidez da filha. Muitos mal-entendidos, com o grandalhão fazendo rir.

Cesar Garcia Lima

Sygma

PERFIL

johnny depp

rebelde (QUASE) sem causa

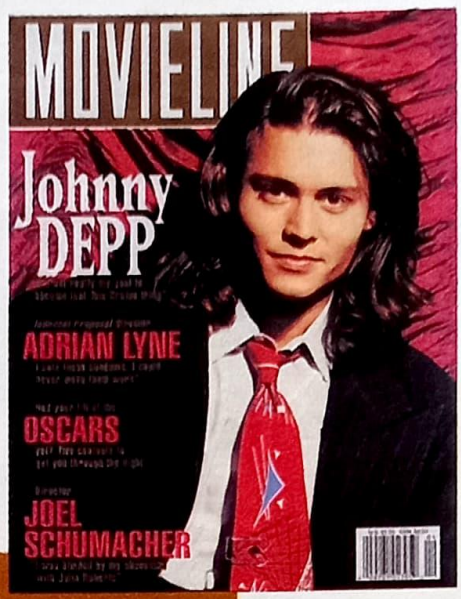
Esnobando o *establishment* hollywoodiano, Johnny Depp firma-se na indústria cinematográfica como o anti-Tom Cruise: um rosto bonito mas com muitas idéias na cabeça

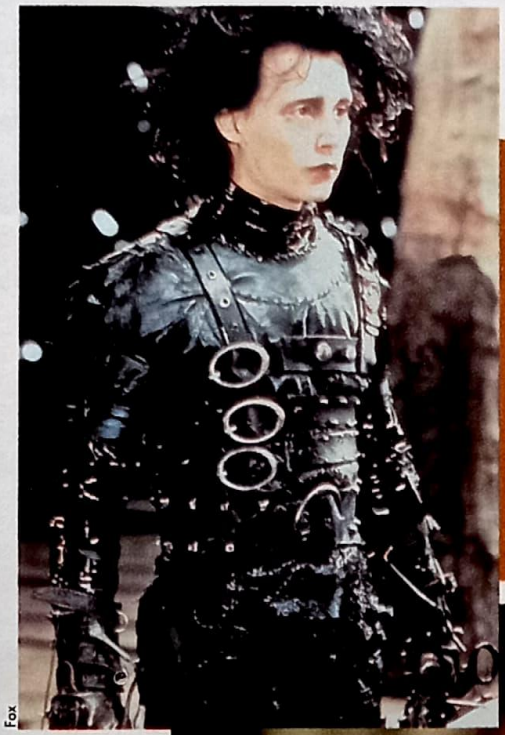
São 10 horas da manhã em Los Angeles. Johnny Depp diz "ya haran nita rota in hau" e o jornalista sueco se abre mais que pára-quedas em dia de vendaval. "Quáquáquá!", relincha o escriba, mostrando ao mundo todos os dentes que Deus lhe deu, babando puxa-saquismo por todos os poros. "Em sueco", intervém Depp em defesa de quem boiou solenemente, "isso quer dizer: tem um pequeno rato na minha garganta". É o bastante para o sueco corcovear mais ainda em seu assento, antes que Johnny se saia com outra máxima da língua nórdica. "Sva opin radisa yasha". Quáquáquá! "Enfie um nabo no meu cu", traduz Johnny. Auspicioso e promissor, para dizer o mínimo, esse começo de entrevista – com frases de efeito em sueco, cortesia de Lasse Hallström, o diretor com quem Depp acabara de filmar *Gilbert Grape*. Digno de figurar nos anais (sem trocadilhos) das Aberturas Inesquecíveis.

Pobre de quem espera encontrar no entrevistado um jovem astro "normal". Para quem o conhece, o quebra-gelo é típico de Depp, tão pouco ortodoxo, por assim dizer, quanto a carreira do ator – o monstro poético *Edward Mãos de Tesoura*, o roqueiro rebelde de bom coração em *Cry Baby*, o sonhador solitário de *Gilbert Grape*, ainda inédito; e, agora, Sam, o maluco beleza fissurado em Buster Keaton de *Benny & Joon*. Convenhamos, não são escolhas exatamente recomendáveis para quem quer se firmar no *mainstream* de Hollywood. Não é por acaso que reportagem após reportagem sobre Johnny sumariza o ator em uma palavra distinta: "oddball", esquisitão.

Faz sentido. Ser tido apenas como um rosto bonitinho é a última coisa nos planos de Depp, um dos atores favoritos de diretores considerados não comerciais – como John Waters, de *Cry Baby* – ou igualmente esquisitões – como Tim Burton.

Só não espere que Johnny resolva, também, malhar seus contemporâneos mais "caretas". Como Tom Cruise, por exemplo, alvo, aliás, de uma cacetada monumental na capa da revista *Movieline*, onde é atribuída a Depp a frase: "Não quero virar essa coisa de Tom Cruise". E é justamente a partir desta frase – que ele garante não ser exatamente de sua autoria – que Johnny abre os trabalhos, entrando no segundo dos três maços de Marlboro que fumará ao longo do dia. ("Tenho a estrutura física de uma barata", explica, para ilustrar sua resistência).




Fox

O ator que não quer ser Tom Cruise (na capa da *Movieline*) prefere papéis esquisitões como em *Edward Mãos de Tesoura* (esquerda) e o roqueiro sentimental de *Cry Baby* (abaixo)

UIP

"O que queria dizer na entrevista à *Movieline*", diz Depp, "é que Tom Cruise é a maior bilheteria do mundo, e que eu não me achava capaz de virar aquilo. Não quero virar a maior bilheteria do mundo e apenas usei Tom Cruise como um exemplo disso. Não quis faltar com respeito a ele, porque o considero honesto em suas escolhas. Ele apenas escolhe projetos que dão muito dinheiro porque as pessoas parecem querer vê-lo em filmes deste tipo. Pessoalmente, acho que ele é muito talentoso", esquiva-se Depp com pose de rebelde quase sem causa. Pose, aliás, que ele constrói cuidadosamente sem se importar com o efeito que isto terá sobre o público.

Público? Qual público? Pergunte para qualquer pessoa com mais de trinta anos quem é Johnny Depp e a resposta será: "Johnny, quem?". Não faz mal. O rapaz, que cada vez ganha mais fãs entre teenagers destes anos 90, investe sabiamente no futuro. Afinal, o adolescente de hoje será o adulto de amanhã. Mas, estratégias mercadológicas à parte, Depp mantém a fama de mau, dizendo para quem quiser

Sygma

johnny depp

O rapaz que trocou Jerry Lee Lewis por Jerry Lewis

Descendente de índios cherokees (reparem no formato amendoado de seus olhos), John Christopher Depp nasceu em 9 de junho de 1963, em Owensboro, Kentucky, e tinha tudo para não dar certo. Adolescente rebelde e viciado em drogas (ele diz que ainda as usa), seu sonho era fazer sucesso com uma banda de rock. Quando morava na Flórida, montou uma, chamada *The Kids*, cujo único triunfo foi abrir um show dos *Talking Heads* na cidade de Miramax. Idéia fixa, Johnny se mandou para a Califórnia e lá conheceu Nicolas Cage, que o apresentou ao seu agente, que por sua vez descolou seu primeiro papel cinematográfico – o do cara que morre numa cama ensangüentada no primeiro pesadelo de Freddy Krueger. Depois vieram *Férias do Barulho*, *Platoon* e a série *Anjos da Lei*.

Enquanto gravava os episódios da série no Canadá (as filmagens eram realizadas naquele país para baratear os custos) conheceu Sherilyn Fenn (a Audrey de *Twin Peaks*). Apaixonaram-se e Depp se separou da esposa, a guitarrista Lori Ann Allison, com quem se casara aos 20 anos. O fogo da paixão durou até Depp conhecer Winona Ryder na produção de *Edward Mãos de Tesoura*, com quem tem vivido feliz desde então.

Retna

Winona e Depp: Liz e Burton dos anos 90

ouvir que odeia ser perseguido pelas garotas e que odeia mais ainda Hollywood.

"Não acho que seja divertido ficar exposto. Pessoas como Madonna, Tom Cruise e Michael Jackson não conseguem ir à vendinha da esquina comprar uma pasta de dente ou um antiácido como qualquer outra pessoa. Não é o que ambiciono."

Ok, a frase funciona e tem lá o seu impacto. Mas, para quem queria ser um rock star, até que Johnny se adaptou rapidamente às telas de cinema. E está indo muito bem, obrigado. Mas, apesar de sua aparente aversão ao sistema, não se pode dizer que ele não tenha ao menos flertado com o cinemão convencional em, por exemplo, sua aparição relâmpago em *Platoon*. E todo mundo (bem, pelo menos do sexo feminino) assistiu às suas performances como policial teen no seriado *Anjos da Lei*, veiculado nas manhãs de domingo pela Rede Globo até 1992. Apesar dele abominar a série – "me sentia um produto, como um iogurte" – que fez durante quatro anos, seu personagem Tom Hanson personificava tudo o que as meninas gostam num garoto moderno, rebelde ou não: cabelos desgrenhados, estilo grunge, jeito carinhoso e cara de quem quer colo.

Ele, porém, se defende como pode deste "passado negro" e descarta solenemente o *mainstream*. "Qualquer ator, num determinado ponto da carreira, pode topar com um script que vai fazer um monte de dinheiro e fazer subir o seu cachê para que ele possa comprar um montão de coisas. Mas o mais provável é que, depois de um certo tempo, sua carreira chegue a um fim. Prefiro ser fiel às minhas convicções e só fazer coisas que realmente tenha vontade de fazer."

Talvez por isso, Depp tenha investido no circuito semi-underground quando topou se auto-satirizar em *Cry Baby*. Jogou (ou pelo menos tentou jogar) a imagem de galã no lixo ao encarnar um músico doidão – aquilo que, no fundo, ele sempre foi. Longe da TV e mais conceituado junto à crítica, começaram a surgir convites. Filmou, em 1992, *Arizona Dream*, de Emir Kusturica, ao lado dos veteranos Faye Dunaway e Jerry Lewis; *Benny & Joon*, com Mary Stuart Masterson; e, finalmente, *Gilbert Grape*, com Juliette Lewis e sob direção de Lasse Hallström (de *Minha Vida de Cachorro*). Em maio, entrou nos sets de filmagens do novo Tim Burton, um projeto absurdamente maluco no qual Depp fará Ed Wood, diretor de trash movies que também era travesti – personagem, aliás, que exerce verdadeira fascinação sobre o ator, "porque é uma figura trágica e hilária ao mesmo tempo".

Ponto para a rebeldia de Depp. Mais uma vez, ele embarca numa produção que jamais poderia ser realizada com, digamos, Tom Cruise no papel central. Se ele sonha – secretamente, claro – com maiores cachês no futuro, este, realmente, não é o melhor caminho. "Me preocupo apenas com o dia de hoje e não planejo nada para amanhã", continua o ator. "E sabe por quê? Porque eu posso sair agora na rua e ser atropelado, ser morto ou mutilado. Então, prefiro não planejar nada. Não sou o tipo de pessoa que traçaria a carreira conforme jogadas espertas."

Sinceridade ou estudado marketing pessoal? Seja como for, a grande jogada de Depp já foi feita: ter conquistado a deliciosa Winona Ryder – a Mina do *Dracula* de Coppola. Embora a imprensa internacional tenha alardeado o fim do casamento (todos se perguntavam o que Depp faria com a tatuagem em seu braço direito onde se lê "Winona Forever"), o casal continua firme. Formam, aliás, um par perfeito. São bonitos, talentosos e ricos. Não é por acaso que são chamados pelas *gossips magazines* de Richard Burton e Elizabeth Taylor dos anos 90. Mais um ponto de Depp contra o "rival" Tom Cruise.

Deborah Peleias e José Emílio Rondeau

MGM

Mary e Johnny: uma esquizofrênica e um autista em *Benny & Joon*

BENNY & JOON

Drama Bem-Humorado

O recente filme de Depp, em que ele vive um artista desajustado, confirma sua paixão pelos papéis difíceis e esquisitos

No híbrido de comédia romântica e drama *indie* que é *Benny & Joon*, Johnny Depp dá continuidade a uma carreira pontilhada de papéis pouco ordotoxos que, lenta mas seguramente, o vem afastando dos tempos em que, à frente do elenco do seriado de TV *Anjos da Lei*, corria o risco de se transformar em mais um descerebrado rosto bonito em Hollywood. Ao contrário de 80% de sua geração, Depp prefere correr riscos a enfeitar capas de revistas juvenis e quartos e fantasias de meninas púberes.

Depois de ter sido um monstro solitário em *Edward Mãos de Tesoura*, agora Depp é um artista desajustado e semi-autista, fixado em Buster Keaton e Charlie Chaplin, que encontra o amor quando se enamora de uma esquizofrênica (Mary Stuart Masterson) que vive em Seattle sob os cuidados do irmão mecânico (Aidan Quinn). A combinação dos dois liberta a menina de seu irmão bem-intencionado mas possessivo, e libera toda a criatividade represada no menino.

O que não significa que *Benny & Joon* seja desprovido de humor ou de atrativos para o mesmo público que venera Tom Cruise ou River Phoenix (outro na linha esquisitona): mesmo com os elementos de um drama, o filme não deixa de ser, também, uma fantasia arrebatadora.

J.E.R.

Benny & Joon, EUA, 1993 ■ Direção: Jeremiah Chechick ■ Roteiro: Barry Berman ■ Com Johnny Depp, Mary Stuart Masterson, Aidan Quinn ■ MGM

Reina

ORGIA DE CELULÓIDE

Durante duas semanas a Riviera recebe toda a indústria cinematográfica mundial e um batalhão de jornalistas desesperados, tentando encaixar em suas agendas entrevistas, reportagens e três a quatro filmes por dia. Bem-vindo ao Festival Internacional do Cinema de Cannes

Existem pelo menos duas coisas que os franceses realmente levam a sério: comida e cinema. Dois cultos nacionais oficiados com amor, reverência e erudição, cujos sacerdotes fazem questão da palavra Arte, assim, com A maiúsculo.

O lado positivo é óbvio – se todos fôssemos franceses, o McDonald's talvez nunca passasse de uma lanchonete de esquina. E em sua paixão nacional pelo cinema, eles nunca mediram esforços para valorizar os diretores como "autores", em sua luta contra as "máquinas mercenárias" da indústria e do mercado.

Imagine, então, como o 46º Festival Internacional de Cannes deve ter deixado irados os mais puristas entre cinéfilos nativos.

No cartaz oficial reproduzido em isqueiros e camisetas – Cary Grant beija Ingrid Bergman. Uma cena extraída de *Interlúdio*, de Hitchcock: em si um emblema do cineasta considerado diversão barata pelos americanos e gênio da narrativa pela geração de Truffaut e Godard.

Mais que um beijo, uma imagem de luxo, glamour e arte – como convém à tradição e à aura do festival.

Enquanto isso, no fervilhante bulevar da Croisette, milhares de repórteres e fotógrafos correm atrás de Sylvester Stallone, Arnold Schwarzenegger e Jean-Claude Van Damme.

Sim, os tempos mudaram. O ex-Rocky-Rambo-Cobra tem até seu último filme exibido em sessão de gala "especial" (fora da competição) no Grande Auditório Lumiére, em pleno Palais des Festivals! Enfim, as massas musculares arrombaram a festa, mas ninguém parece se importar muito com isso.

A explicação é que, durante duas semanas, Cannes deixa de ser território exclusivamente francês. Dos mais poderosos produtores e distribuidores americanos aos mais obscuros produtores independentes do resto do planeta, toda a indústria cinematográfica mundial se instala na Riviera.

Esta cidade paralela pode chegar, em algumas estimativas, a trinta mil pessoas, chamadas pelos nativos de *festivaliers*, "festivaleiros". De um lado, 25 mil profissionais do cinema; do outro, cinco mil jornalistas.

Para a imprensa, o dia começa cedo. É às oito e meia a sua primeira sessão do dia dos filmes da competição – depois vem a primeira entrevista coletiva, com estrelas, diretor e e eventualmente produtores do filme recém-exibido. São as sessões mais temidas pelos produtores – a platéia ao final sempre se manifesta em bloco, aplaudindo – modestamente, entusiasticamente, de pé – ou vaiando. Não só essa reação define a acolhida geral do filme, como nas coletivas ninguém se furta a grelhar ao vivo autores e participantes, um prazer quase sádico que às vezes comete tantas injustiças quanto as famigeradas decisões do júri.

Dizem, com um certo fundamento, que falar mal de Cannes é cuspir no Parthenon. Ainda assim, o todo-poderoso Gilles Jacob, *délégue general* do evento desde 1977, levou um pau danado da imprensa especializada pela fraquíssima seleção de 1993. Ele rebateu com farpas na direção dos grandes estúdios norte-americanos, que haviam inviabilizado o filé em seu cardápio. Além dos dinossauros de Spielberg, Jacob sonhava – para a competição oficial pela Palma de Ouro – com as pré-estréias mundiais de *Manhattan Murder Mystery* (Woody Allen), *Sliver* (o novo thriller erótico de Sharon Stone), *Short Cuts* (Robert Altman) e *The Age of Innocence* (Scorsese). Simplesmente, nenhum deles ficou pronto a tempo.

Não interessa: a badalada Seleção Oficial é apenas uma fatia de uma orgia cinematográfica monstruosa, celebrada dentro e fora do festival. Entre as várias mostras paralelas, destaca-se a Quinzaine des Réalisateurs ("Quinzena dos Diretores") – já com uma certa tradição em apresentar filmes mais interessantes que os concorrentes à Palma de Ouro. É a favorita dos garimpeiros tradicionais da cinefilia aplicada. Enquanto isso – do lado de fora, no "mercadão" – as produtoras exibem por conta própria mais de 500 filmes, tentando atrair distribuidores dos cinco continentes e oferecendo uma vitrine mais realista do cinema mundial.

Stills

Sygma

No topo dos degraus do estrelato: os elencos de *O Piano* (ao lado) e *Adeus à Minha Concubina* (abaixo) chegam para suas respectivas sessões de gala

Sygma

93 SELEÇÃO OFICIAL

A competição oficial foi aberta no dia 13 com a exibição de *Ma Saison Préférée*, mais um melodrama psicanalítico do ex-crítico André Téchiné, conhecido do público brasileiro por *Barroco (love story* torturada entre Depardieu e Adjani) e *Hotel das Américas (love story* torturada entre Patrick Dewaere e Deneuve).

Tudo bem, o filme tem Catherine Deneuve, o que por si só jamais representará um desperdício de celulóide. É ela a atração principal da coletiva que se segue à projeção, vestida de bege e imune ao tempo como a vampira de *Fome de Viver*. Sua beleza ofusca completamente as duas jovens estrelas do filme sentadas à mesa: sua própria filha Chiara Mastroianni (a cara do pai) e Carmen Chaplin, neta de Carlitos. Só por uma questão de educação, os abutres da imprensa começam interrogando Téchiné para depois se abaterem sobre a rainha *cool* do cinema francês. Um jornalista do *Le Monde* pergunta, por exemplo, qual o "significado" das crianças no filme, pretexto para uma longa digressão do diretor sobre juventude, velhice e o "espaço intermediário", "questões fundamentais sobre nossas angústias, medos etc." (Cineastas e críticos franceses obviamente foram feitos uns para os outros.)

E assim vai... Todas as entrevistas coletivas seguem um ritual mais ou menos idêntico, como se combinado de antemão. No início, perguntas sérias sobre o filme – o dever. Depois, a diversão – um vale tudo de perguntas de caráter pessoal e abobrinhas generalizadas. Com Deneuve não tiveram chance: ela sempre dá um jeito de devolver a pergunta embrulhada em forma de resposta e às vezes intervém com a mesma estratégia para salvar os outros entrevistados. O melhor momento chega quase no final, quando um jornalista libanês empunha o microfone para sugerir ao diretor que certa cena talvez fosse mais eficaz se a câmera se fixasse no rosto da personagem em vez de seguir passeando pela sala. Téchiné está começando a responder (a sério!) quando Deneuve avança sobre o microfone: "Mas, *monsieur*, esta é uma escolha do diretor!"

Se este ano, contrariando a tradição, houve uma justiça quase absoluta na premiação, o principal responsável é o presidente do júri: um homem avesso a formalidades e que, em mais de três décadas de carreira, nunca fez um filme medíocre (à possível exceção do último, *Perdas e Danos*).

O fato de Louis Malle ter aceito a presidência já é motivo para perguntas impregnadas de espanto e incredulidade, na entrevista coletiva em que ele apresenta o resto do júri. A seu lado, Claudia Cardinale, a deusa italiana que se transformou em um manifesto ambulante contra a cirurgia plástica. Outra figura de peso é o americano Tom Luddy, produtor, organizador de festivais, coordenador de cineclubes e diretor de projetos especiais dos Zoetrope Studios de Coppola.

Stills

O presidente do júri Louis Malle e senhora, mais conhecida como Candice Bergen

É ele quem justifica a fraca participação de seu país, lamentando que Spielberg estivesse na Polônia finalizando *Schindler's List* e não estivesse disponível para acompanhar a legendagem em francês (obrigatória em todos os filmes de língua estrangeira) de *Jurassic Park*. Para Luddy, já bastaria a inclusão do novo filme de Gus Van Sant, *Even Cowgirls Get the Blues*, paralisado numa espera de três meses, até que a agenda da cantora k.d. lang estivesse livre para fazer a trilha sonora.

A mulher mais charmosa da mesa é Judy Davies, a atriz australiana de *Barton Fink*, *Maridos e Esposas* e *Mistérios e Paixões*, indicada para o Oscar por *Passagem para a Índia*. A Inglaterra está representada por Gary Oldman – "ninguém lambe uma navalha como ele!", anuncia o mediador – que aproveita sua passagem pelo festival para anunciar sua estréia como diretor em *Lords of the Urban Jungle*, sobre guerra de gangues nas ruas de Londres. Explica-se: o ator é um dos proprietários da produtora, batizada Matisse (!) Films.

Quem atrai as perguntas mais políticas é Emir Kusturica, diretor de

PALMA DE OURO

BAWANG BIE JI / ADIEU MA CONCUBINE

(China/Hong Kong)

Só por suas tomadas da Ópera de Pequim – um espetáculo visual não tão difundido quanto o teatro Nô e Kabuki do Japão – o quarto longa-metragem do chinês Chen Kaige já merecia sair premiado do festival. Mas o deslumbrante colorido de cenários, figurinos e maquiagem é apenas um universo mágico, fechado em sua fantasia e opulência. É em seus bastidores que se desenvolve um romance único, através do qual temas como "traição" e "dedicação" iluminam alguns dos abismos mais escuros da alma humana e, paralelamente, oferecem um painel da história da China entre a invasão japonesa, a tomada do poder pelos comunistas e a Revolução Cultural de Mao Tsé-Tung. (Na coletiva, o diretor revelou ter delatado o pai como anti-revolucionário e descreveu o filme como uma tentativa de expiação dessa culpa.)

Ao contrário de *Traídos pelo Desejo* – no fundo, uma história de amor com um travesti – *Adeus à Minha Concubina* toca para valer na androginia. Os sobretons sexuais do filme fizeram, inclusive, com que fosse proibido em Taiwan – ironicamente, o país de onde saiu boa parte de seu financiamento – e até na China sua exibição ainda era incerta.

A belíssima Gong Li (conhecida dos filmes de seu marido, Zhang Yimou) entra em cena para desestabilizar o pacto entre os dois personagens principais, vividos por Zhang Fengyi e Leslie Cheung – ídolo da música pop de Hong Kong que se sai excepcionalmente bem no papel do jovem ator especializado em interpretar mulheres. E, curiosamente, o romance de Lilian Li que deu origem ao filme espelha um pouco a parceria entre Yimou e Chen Kaige. Um dia, ainda estudantes, os dois diretores juraram entre si colocar a China no mapa mundial do cinema. Nada como uma Palma de Ouro para confirmar que cumpriram sua promessa e seu destino.

J.A.L.

SANYO
NOVA LINHA DE ÁUDIO

Quando Papai Saiu em Viagem de Negócios (a Palma de Ouro de 1985), natural de Sarajevo mas hoje seguro em Hollywood. Ele não toma partido: diz que a guerra em seu país é fruto de "erros cometidos por ambos os lados" e lamenta que ela possa ser sintoma de problemas maiores à espreita no futuro europeu.

Completam o time mais um francês, William Lubtchansky – mestre da cinematografia cujo currículo vai de Godard e Truffaut a Peter Brook e Marco Ferreri –, a atriz russa Inna Tchourikova, o diretor iraniano Abbas Kiarostami e o crítico português Augusto Seabra.

Mas o foco principal é mesmo Louis Malle, forçado pelos jornalistas presentes a recordar suas duas participações históricas em Cannes: 25 anos atrás, quando era um dos membros do júri, presidido por Polanski, que interrompeu o evento na primeira semana, em solidariedade ao movimento de Maio de 68; e em 1956, quando levou a Palma de Ouro por seu documentário submarino com Jacques Cousteau, *O Mundo do Silêncio*, o filme que deixou Pablo Picasso em êxtase. "Isso porque foi a primeira filmagem colorida debaixo d'água", justifica em sua modéstia.

Aproveito a oportunidade para saciar a curiosidade sobre um de meus filmes favoritos, *Trinta Anos esta Noite (Le Feu Foulet*, 1963): "Por que o personagem principal, um viciado em heroína no romance original de Drieu de la Rochelle, foi transformado no filme em alcoólatra?".

Louis Malle: "Eu me sentia muito próximo daquele personagem e, na época, eu era um alcoólatra, assim como muitos dos meus amigos eram alcoólatras. O alcoolismo me parecia um problema muito mais comum. Obviamente, dez anos depois, a situação havia mudado completamente e a geração seguinte havia mergulhado nas drogas...".

A partir daí, a entrevista degringola e pipocam asneiras do tipo: "Vocês pretendem premiar filmes mais artísticos ou mais comerciais?" Um bom pretexto para o presidente do júri declarar a coletiva encerrada: "Isso aqui está começando a ficar entediante e como disse Hitchcock: 'afinal de contas, não passa de um festival'".

Se o grande Louis Malle foi vítima do tédio após quarenta minutos de coletiva, não deve ter sido fácil aturar 80% dos concorrentes à Palma de Ouro. E a culpa por uma das seleções mais fracas da história do festival certamente não cabe aos mega-estúdios americanos.

A infantaria multinacional de críticos exibiu sua profunda insatisfação escolhendo como bodes expiatórios as comédias *Splitting Heirs* (co-produção EUA/Inglaterra) e *Toxic Affair* (filme francês exibido fora da competição, cuja maior ofensa parece ter sido seu título em inglês).

O primeiro representa uma escolha realmente infeliz do Sr. Gilles Jacob: desperdiça os talentos dos ex-Monty Python John Cleese e Eric Idle numa tentativa descarada de repetir o sucesso de *Um Peixe Chamado Wanda*, com um resultado mais deprimente que *Rei por Acaso (King Ralph)*, com quem compartilha um roteiro quase idêntico.

O segundo não merecia nem de longe a estrondosa vaia que recebeu no final de sua projeção. Depois de cinco anos sem filmar, Isabelle Adjani retorna revelando um talento cômico raramente visto em sua carreira dominada por grandes atuações dramáticas. Sua saraivada de cenas hilariantes – pelo menos uma antológica, com o brilhante Michel Blanc – não salvou a pele da diretora Philomène Esposito. Para o estado de espírito geral, seu maior pecado parece ter sido fazer um filme leve, divertido, despretensioso e ainda por cima com final feliz.

Com certeza havia bombas muito mais constrangedoras – como os australianos *Broken Highway* (imagine *Easy Rider* filmado por Bruce Weber) e *Frauds* (tentativa de humor negro com Phil Collins!), mais o sul-africano *Friends*, abarrotado de humanismo e boas intenções mas tão dinâmico e atraente como o horário eleitoral gratuito de nossa terra.

Mas seria covardia pegar no pé desses equívocos esquecidos já na manhã seguinte. Muito mais irritantes – e emblemáticos do tipo de crise que vivem os cinemas americano e europeu – foram duas obras de diretores habituados às boas graças da crítica em geral.

Primeiro, o *remake* de *Invasores de Corpos* realizado por Abel Ferrara. O romance clássico da ficção-científica ultraparanóica do pós-guerra havia sido filmado duas vezes, e a segunda – por Phil Kaufman, em

PALMA DE OURO

THE PIANO / LA LEÇON DE PIANO

(Nova-Zelândia/França)

Foi um ano recorde para o número de diretoras em Cannes – quatro na Seleção Oficial, seis só na Un Certain Regard. Assim, parece natural que seja Jane Campion, a primeira mulher a ganhar a Palma de Ouro de Melhor Filme na história do festival. Esta neozelandesa, formada em antropologia e pintura, em 1986 já levara para casa a Palma de Melhor Curta-Metragem.

Antes mesmo de sua exibição, *The Piano* – terceiro longa de Campion – já era cotado nas internas como mais que favorito: uma verdadeira barbada. Esse exato motivo me fez entrar na sessão pronto para odiar o filme, esperando um drama "sensível" e "delicado". Saí emudecido. É uma frase ousada, mas vou arriscá-la assim mesmo: provavelmente nunca se viu, no cinema, nada semelhante. A "Aula de Piano" (título inicial da fita, mantido na versão francesa) tem pintura, antropologia, "olho feminino", técnica, narrativa, amor, artesanato e muito mais – como a música, personagem central da história.

Nos primeiros quinze minutos somos transportados da cinza Escócia vitoriana para o meio do mato neozelandês, ainda quase virgem para seus colonizadores: uma tela de verdes e azuis com textura de ares úmidos, vaporosos, enevoados. A inspiração confessa vem de *O Morro dos Ventos Uivantes* – cuja turbulência emocional desloca-se não só para outro cenário geográfico, como para uma perspectiva histórica bem distante da de Emily Brönte. Talvez o que haja de mais original e feminino no filme seja seu erotismo. Quase sem se tocarem, instala-se entre os personagens uma atmosfera altamente carregada, progressivamente sufocante: até quando o desejo pode ser reprimido?

Outro triunfo igualmente importante está na atuação de Holly Hunter – teria sido inconcebível o prêmio de Melhor Atriz para qualquer outra pessoa. Na pele de Ada, uma pianista muda, ela comanda a cena só com os olhos e com a postura – principalmente os olhos, um *tour de force* à parte. É a própria Holly que toca, ao piano, a música de Michael Nyman, composta especialmente para ela. Estas são suas falas. O resto do elenco central a apóia impecavelmente, de Sam Neill ao sempre preciso Harvey Keitel a Anne Paquin, uma garotinha de nove anos que está sempre ameaçando roubar o show. Atravessado por um silêncio de chumbo, o filme de Jane Campion está cheio do não-dito do não-explicado, uma qualidade cada vez mais rara. E conforme vão caindo os véus de seus mistérios, desenha-se todo o espectro da emoção humana – uma vastidão de meios-tons entre amor, ódio, medo, paixão, amizade, brutalidade e carinho.

E enquanto se espera pela chegada desta obra-prima ao Brasil, uma boa dica é conferir *Um Anjo em minha Mesa*, o filme anterior da diretora, lançado aqui pela Globo Vídeo e resenhado em SET 57.

J.A.L.

1978 – já parecia supérflua ao lado da primeira versão dirigida por Don Siegel em 1956. Tecnicamente, claro, os *Body Snatchers* de Ferrara estão anos-luz à frente de seus antecessores. Câmera e iluminação são deslumbrantes e não seria nenhum exagero dizer que a animação dos créditos de abertura é a melhor coisa do filme. De resto, um roteiro sofrível, com falas que provocavam gargalhadas em momentos supostamente assustadores, e o esforço sobrehumano do diretor em fazer um filme, antes de tudo, "estiloso" como uma propaganda de perfume ou xampu.

Enfim, podemos ficar tranqüilos que produtores da "máquina mercenária" jamais deixariam uma tendência como essa dominar as aventuras fabricadas em Hollywood. Mas o mesmo não se pode dizer da estagnação existencialistóide que sobrevive ainda no cinema europeu – representada em todo seu vazio terminal por *In Weiter Ferne, So Nah!* ("Tão Distante, Tão Próximo") de Wim Wenders.

O diagnóstico mais preciso veio de um crítico da *Variety*: "O filósofo amador Wim Wenders derrubou o cineasta". Pois não é que a continuação de *Asas do Desejo* consegue comprometer até a beleza do filme original, fazendo a gente se perguntar se os anjinhos já não eram tão ridículos daquela primeira vez. Nem Gorbatchev e Lou Reed – nem Nastassja Kinski! – ameaçam romper a sonolência que se instala nos primeiros minutos de suas duas horas e meia. Todos que passeiam diante da câmera permanecem com olhar perplexo e fixo no horizonte, como se pensar fosse um ato em câmera lenta, para depois emitirem, com a voz grave e pausada, frases feitas da mais surrada filosofia de almanaque.

Como se não bastasse, em certo momento a fita surpreende com uma manifestação de moralismo inacreditável, quando os anjinhos enfrentam os bandidos, uma gangue de traficantes de armas que tira um troco extra vendendo vídeos pornô para pobres e indefesos adolescentes. (Assim que põem as mãos nelas, os seres celestiais destrõem as fitas!)

Na hipertensa coletiva que seguiu à projeção, Wenders foi questionado sobre isso e respondeu dizendo que "numa cena de amor a câmera nunca deve estar presente" e que, se fosse por ele, a pornografia seria sumariamente eliminada da face da Terra. Perguntaram então se essa atitude não equivaleria à dos nazistas que queimavam livros em praça pública e o diretor retirou suas palavras, afirmando que cada um deve ter liberdade de assistir o que quiser, mas que ele pessoalmente não quer saber de cenas de sexo. À SET, o diretor chegou a declarar: "Quando aparece na tela uma cena de amor, me levanto e vou embora do cinema na mesma hora".

De repente deu para entender porque o alemão, quando presidente do júri em 1989, forçou tanto a barra para que a Palma de Ouro ficasse com *sexo, mentiras & videotape* – em que os "heróis" eram uma frígida e um impotente, e os "vilões", o casal que gostava de transar – enquanto *Faça a Coisa Certa*, a obra-prima de Spike Lee não recebia sequer um da série de prêmios de "consolação". (O filme incluía, aliás, uma cena de sexo bem quente.)

Sipa Press

Gong Li, eleita uma das vinte pessoas mais belas do planeta pela revista *People* e musa do novo cinema chinês

Os mesmos sintomas de drama psicológico cabeção podiam ser detectados não só em André Téchiné e Wenders, como em 80% da produção européia presente – principalmente franceses e italianos. Parece até que *A Náusea* de Sartre e *O Estrangeiro* de Camus se transformaram num disco riscado e ninguém parece disposto a levantar a agulha, nem a lançar a versão em CD.

Fechado o balanço, a opinião unânime era de que – além dos maravilhosos *Adeus à Minha Concubina* e *O Piano* – salvaram-se apenas, na Seleção Oficial, *Naked* de Mike Leigh, *King of the Hill* de Steven Soderbergh e *Much Ado about Nothing* de Kenneth Branagh. A coletiva mais polêmica, como de se esperar, acabou sendo a de *Um Dia de Fúria* (a esta altura já comentado exaustivamente em SET), em que Joel Schumacher, gay assumido, enfrentou com um sorriso as acusações de "politicamente irresponsável", descrevendo a mania do "politicamente correto" como uma forma elegante de hipocrisia.

Talvez só mulheres como Jane Campion, orientais como Chen Kaige e negros como os irmãos Allen e Albert Hughes tenham mesmo algo de novo a dizer. No dia anterior ao festival, Gilles Jacob contrabalançava o ataque aos manda-chuvas de Hollywood com declarações de que este ano Cannes demonstrava a "renascença do cinema inglês". Não deve ser o caso do realismo social de *Raining Stones* (Ken Loach), tão óbvio e maçante quanto o psicologismo de Téchiné, muito menos do constrangedor *Splitting Heirs*. Assim, sobram Mike Leigh e Kenneth Branagh. *Naked*, do primeiro, não é nenhuma obra-prima mas mereceu seus prêmios ao oferecer a visão mais anti-glamour e anti-hollywoodiana de todos os concorrentes. Dotado de um cinismo diabólico, o personagem interpretado por David Thewlis foge do opressivo Norte Industrial (Manchester) retratado em *Raining Stones* e vai para Londres, só para encontrar situações igualmente claustrofóbicas e fazer sexo com mulheres feias e problemáticas. Sua única válvula de escape e vingança possíveis são seu finíssimo humor negro, a pimenta que dá vida ao filme.

Enquanto isso, com sua adaptação da atípica peça shakespeariana *Muito Barulho por Nada*, Branagh repete o sucesso de *Henry V* em romper de vez com o teatro filmado de Laurence Olivier e Orson Welles. Leve, divertido e atemporal, quase todo ao ar livre na ensolarada paisagem toscana, o filme é uma vitória em todos os aspectos, contando ainda com belíssimos trechos musicados da poesia do velho bardo renascentista. Na coletiva – enquanto Denzel Washington mostrava ser um dos seres humanos mais tímidos do planeta, quase se enfiando embaixo da mesa, e Emma Thompson provocava gargalhadas com seu

senso de humor especialíssimo – todos só queriam saber do *Frankenstein* que Branagh começa a dirigir e interpretar sob a produção de Coppola, com o mesmo roteirista de *Drácula* e Robert De Niro no papel do monstro. As perspectivas são as melhores: o ator/diretor prometeu tomar todas as liberdades possíveis com o contexto histórico do original, em busca de algo "visualmente tão ousado quanto *Edward Mãos de Tesoura* e *Dick Tracy*".

Também na Seleção oficial, mas fora da competição, estava seu conterrâneo Peter Greenaway, cujo *Baby of Mâcon* não ajudará nada em atenuar sua reputação de espantalho das massas. Na segunda metade do filme, um terço da platéia já havia abandonado o auditório. Para variar, a fotografia e a direção de arte sublimes pintam a tela com tons de vermelho e ouro à luz de vela, na evocação de telas renascentistas habitual ao diretor. A peça de teatro original (de 1603!) é um achado: não deve nada a Voltaire nem ao Marquês de Sade em termos de pulverização do poder de manipulação do Vaticano e da nobreza, mas seu massacre impiedoso às vezes beira a histeria gratuita nas mãos do cineasta.

Akira Kurosawa foi o outro mestre das cores e da luz exibido *hors concours*. O filme, *Madadayo*, decepcionou um pouco, mas o velhinho não deixou de ser recebido na coletiva com todas as honras que merece, justificando sua velha frase de outras visitas a Cannes: "Aqui me tratam como um rei, mas tudo bem, basta eu voltar ao meu país para voltar a ser tratado como um mendigo". Mas talvez até isto esteja mudando: Cannes 93 tornou-se a maior demonstração de força do atual cinema oriental, não só com a Palma de Ouro por *Adeus à Minha Concubina* reforçando o impacto no Ocidente dos últimos filmes de Zhang Yimou *(Lanternas Vermelhas, Amor e Sedução)*. Houve também o maravilhoso *O Mestre das Marionetes*, dirigido por Hou Hsao Hsien, de Taiwan, que já conquistara o Leão de Ouro em Veneza, em 1989, com *Uma Cidade de Tristeza*. Produtor de *Lanternas Vermelhas*, Hsien trouxe um filme com várias semelhanças ao vencedor da Palma: cobre o panorama político local durante quase um século, como pano de fundo intruso na vida de artistas dedicados exclusivamente a seus ideais de beleza. Em termos plásticos, não surpreende ninguém que essa cultura milenarmente obcecada pela estética tenha tanto a ensinar até a Mr. Greenaway. Mas a impressão que se tem é a de que, em termos de cinema, eles estão apenas começando.

José Augusto Lemos
(Colaborou José Emilio Rondeau)

93 MOSTRAS PARALELAS

SANYO
NOVA LINHA DE ÁUDIO

A mais prestigiosa entre as mostras paralelas à competição oficial é, sem dúvida, a Quinzena dos Diretores – dedicada a revelar novos nomes e responsável pelo primeiro impulso de fama internacional para Nagisa Oshima, Stephen Frears, Jim Jarmusch e Spike Lee, entre outros.

O prêmio Camera d'Or – reservado ao melhor diretor iniciante – excluía de cara alguns destaques da mostra deste ano, como *The Snapper* (produção para a TV inglesa de Stephen Frears), *Ruby in Paradise* (de Victor Nunez) e *Vale Abraão* (do português Manoel de Oliveira). No fim das contas, o prêmio ficou com o vietnamita Tran Anh Hung, por *L'Odeur de la Papaye Verte*, apresentado na Un Certain Regard. Uma tremenda injustiça com os irmãos gêmeos Allen e Albert Hughes, diretores de *Menace II Society* – um filmaço que não deve nada aos dois ganhadores da Palma de Ouro. Discípulos confessos de Scorsese e detentores de perfeito domínio de sua arte, eles traçam um retrato da vida no gueto em Los Angeles ao lado do qual até o excelente *Os Donos da Rua* de John Singleton parece romântico.

Já na Un Certain Regard nada superou o documentário *Portraits Volés* ("Retratos Roubados"), sobre o grande François Truffaut. Um filme de extrema simplicidade – apenas depoimentos de amigos, familiares e companheiros de trabalho, alguns deles verdadeiros monumentos da história do cinema francês, intercalados a algumas cenas de filmes do diretor. Ainda não descobriram um antídoto melhor para o ranço existencialista do cinema europeu que as histórias de amor do "homem que amava as mulheres" e este documentário pode emocionar seus fãs até às lágrimas.

Infelizmente não existe nenhuma perspectiva de exibição dos dois filmes em circuito comercial no Brasil, mas vale a pena conferir a programação da próxima Mostra Internacional organizada por Leon Cakoff: *Menace II Society* e *Portraits Volés* são absolutamente imperdíveis.

Além destas duas mostras, o festival inclui mais duas com caráter de cineclubista: Cinema de Toujours e Midi/Minuit. A primeira homenageou Dino Risi, um dos pais da comédia italiana e autor do *Perfume de Mulher* original – cujo remake com Al Pacino ele disse ter adorado. Foram exibidos doze filmes seus, produzidos entre 1956 e 1978, alguns deles concentrando grandes atuações de parceiros habituais como Alberto Sordi, Vittorio Gassman e Ugo Tognazzi.

Já a Midi/Minuit ("Meio-Dia/Meia-Noite", os horários das sessões diárias) ofereceu um banquete aos fãs de filmes B com a série Les Détectives à L'Écran ("Os Detetives da Tela"). Entre curiosidades como Charlie Chan e Mr. Moto – o detetive japonês vivido por Peter Lorre – e *femmes fatales* como Rita Hayworth e Ida Lupino, pelos menos dois clássicos incontestáveis: *The Kennel Murder Case* (33) de Michael Curtiz e *The Thin Man* (W.S. Van Dyke, 34). Este último é considerado até hoje, por muita gente, a melhor adaptação de Dashiel Hammet para as telas, com William Powell e Myrna Loy dando um show à parte nos papéis do casal Nick e Nora Charles. E como se não bastasse, uma raríssima oportunidade para se ver *The Falcon Takes Over* (Irving Reis, 42), com George Sanders – a primeira adaptação de *Farewell My Lovely* de Chandler para o cinema.

Isso sem contar o ciclo Fassbinder, nem as duas mostras paralelas restantes – Semana da Crítica e Cinema na França. Aí a orgia de celulóide começa perigosamente a se aproximar de uma tremenda congestão.

J.A.L.

New Line Cinema

O pau come solto em *Menace II Society*, filme de estréia dos irmãos Allen e Albert Hughes que faz um raio-X impiedoso da vida no bairro negro de Watts, em Los Angeles

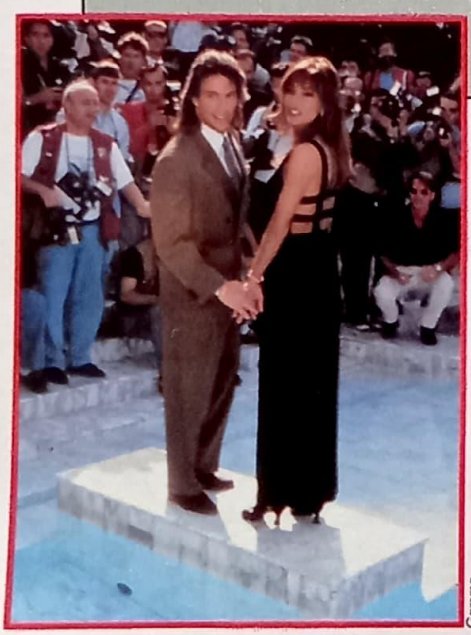
93 AS ESTRELAS

Em *Mad Dog & Glory* – no Brasil, *Uma Mulher para Dois*, o mesmo título usado para *Jules et Jim* de Truffaut – o diretor John McNaughton não conseguiu repetir o estrondoso sucesso de crítica de *Retrato de um Assassino*. A opinião generalizada da imprensa, após a exibição do filme em sessão especial *hors concours*, era de que a única coisa digna de interesse era a alta combustão da cena de sexo entre **UMA THURMAN** e **ROBERT DE NIRO**. A partir daí, todo e qualquer jornalista escalado para entrevistar a dupla só queria perguntar como tinha sido a filmagem da transa-sensação. Os dois atores morriam de constrangimento.

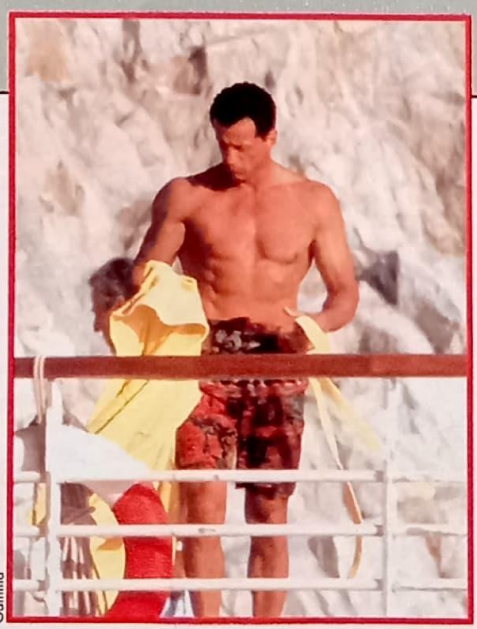
Gamma

Os caçadores de celebridades se fartaram com a Santíssima Trindade do Músculo, reunida pela primeira vez em plena Côte d'Azur. **JEAN-CLAUDE VAN DAMME** chegou de namorada nova e penteado Chitãozinho & Chororó – felizmente alguém o avisou a tempo e o belga cortou o cabelo no dia seguinte, não sem antes reunir a imprensa para transformar o ato em mais um evento promocional. A intenção era divulgar *The Quest*, sua estréia como diretor (!), que ele define como "o Ben-Hur do caratê"(!!). Estava programada a maior festança na praia privativa do Carlton, mas começou a chover na mesma hora e a farra teve de ser cancelada. Já **SYLVESTER STALLONE** (flagrado abaixo na piscina do Hotel du Cap) repetiu sem parar sua atual ladainha de *mea culpa*, deu uma força na luta de Liz Taylor contra a Aids e foi logo embora. A estrela máxima era mesmo **ARNOLD SCHWARZENEGGER**, que provou mais uma vez ser um rei do marketing, sorrindo como Sílvio Santos e declarando para todos os microfones à sua volta que *O Último Herói de Ação* seria a sensação do verão, "the big ticket!". Ganhou o apelido de Robopromo, mas conquistou pontos. A amostra grátis de quinze minutos do filme foi um dos melhores momentos do festival, realizada para demonstrar o novo sistema digital da Sony para sonorização de cinemas: oito canais cercando a platéia, mergulhando-a dentro do filme. (No Brasil, talvez daqui a uns vinte anos, quem sabe...). Apesar de proporcionar uma experiência única, o Sony Dynamic Digital System concorre com o Digital Theater System dos laboratórios Dolby, lançado nos EUA com *Jurassic Park*, um sistema muito mais barato que, na prática, significa apenas a substituição da fita analógica de celulóide por um CD.

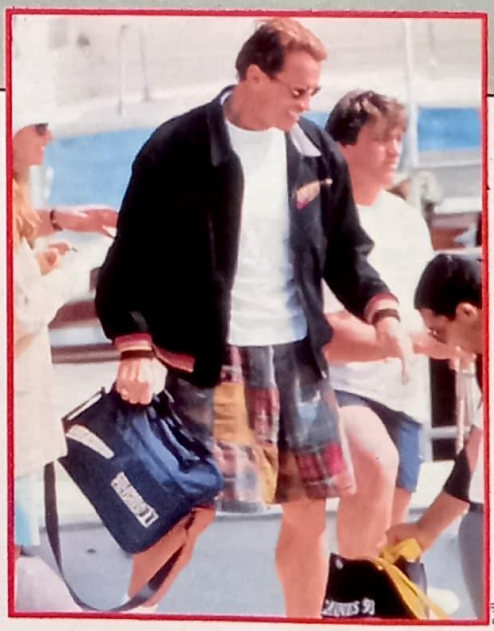
Stills



Gamma



Stills



SANYO
NOVA LINHA DE ÁUDIO

Stills

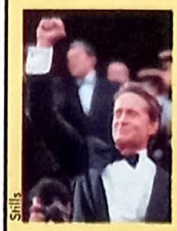
As duas maiores deusas do cinema francês, **CATHERINE DENEUVE** e **ISABELLE ADJANI**, abriram e fecharam o festival. A primeira, depois da sessão inaugural de *Ma Saison Préferée*, compareceu à coletiva e aturou com a maior paciência o assédio e a adulação de repórteres e fotógrafos. Já Isabelle frustrou a categoria (é notória sua aversão à imprensa) e sua ausência acabou esvaziando a coletiva de *Toxic Affair*, exibido no último dia. A atriz chegou no final da tarde em seu jatinho particular, foi direto para sua suíte no Hotel Majestic e só apareceu à noite, para a cerimônia de entrega dos prêmios, na qual distribuiu as Palmas de Ouro para *O Piano* e *Adeus à Minha Concubina*. Na semana anterior ao festival, as duas principais revistas de cinema do país haviam resolvido, cada uma à sua maneira, o mesmo dilema de suas edições especiais dedicadas ao evento. A *Prémiere* fez sua capa com uma fusão dos rostos das duas. A *Studio* optou por duas capas: Adjani na frente, Deneuve no verso.

Gamma

Ninguém atraiu tantos *paparazzi* quanto **ELIZABETH TAYLOR**, presente em Cannes em função de sua incansável militância como presidente da CAA (Cinema Against Aids), uma das maiores arrecadadoras de fundos para a Fundação Americana de Pesquisa da Aids. Seu programa beneficente: a pré-estréia mundial de *Risco Total*, com ingressos a 600 dólares, seguida de jantar a 2.500 dólares por cabeça. Total obtido: US$ 800 mil, um pouquinho abaixo do um milhão pretendido.

PALAVRAS AO VENTO

"Mas nós não estamos dentro dela agora?"
ROBERT ALTMAN apontando para o bar do Hotel Majestic, quando um jornalista lhe perguntou se haveria uma continuação de *The Player*.



Stills

"Estou me sentindo o próprio Príncipe das Trevas."
MICHAEL DOUGLAS faz um balanço sobre seus papéis em *Um Dia de Fúria*, *Instinto Selvagem* e *Wall Street*.

"Como é a sensação de ter a criatividade esgotada?"
Jornalista alemã para **WIM WENDERS** na coletiva de *In Weiter Ferne, So Nah!* (Resposta do diretor: "Terrível... especialmente para uma jornalista". Só Nastassja Kinski aplaudiu...)

"Um dos toques de autenticidade foi dar cabelos gordurosos à nossa heroína. Se você reparar, verá que nas fotos antigas, daquela época, as pessoas sempre tinham um cabelo super-oleoso."
JANE CAMPION

"Eles têm um grande interesse por dinheiro."
PETER GREENAWAY quando perguntaram como conseguiu rodar um filme tão anti-clerical dentro da catedral de Amsterdã.

"Não gosto do cinema americano. Eles só sabem nos imitar, não têm a menor imaginação!"
JEAN-JACQUES BEINEIX o gênio que revolucionou o cinema com obras-primas como *Diva*, *Lua na Sarjeta* e *Betty Blue*.

"Sim, vamos falar de menstruação!"
EMMA THOMPSON especulando sobre um "novo cinema feminino"

"Nunca mais vou precisar fazer filmes com o meu marido. Aliás, é com o Oscar que eu durmo agora. Fico deitada em casa com escravos me abanando. Também escrevi minha própria versão de todas as peças de Shakespeare, que eu mesma pretendo dirigir em breve."
EMMA THOMPSON responde a como o Oscar mudou sua vida.

Stills

BAZAR DA FANTASIA

Às margens da competição pela Palma de Ouro, o festival encontra sua verdadeira razão de ser: as palavras "compra" e "venda"

Num ano em que Van Damme e Stallone invadem a Riviera, só resta ir *underground*. E fugir para os subterrâneos, no caso do Palais des Festivals, significa descer até o Marché – o "mercado", um labirinto de divisórias hiper-povoado de stands e salinhas de exibição.

É aqui – seu ponto mais desprezado e menos glamouroso – que Cannes assume sua verdadeira face de maior feira de compra e venda para a indústria cinematográfica. Os produtores, distribuidores e divulgadores americanos e europeus de maior calibre obviamente alugam suítes e montam seus escritórios nos melhores hotéis da Croisette. Para suas projeções especiais alugam os cinemas da Rue d'Antibes, a artéria comercial da cidade que concentra filiais de Armani, Moschino, Versace e similares. São, enfim, os privilegiados que fecham contratos no bar do terraço do Carlton, onde o preço de uma água mineral pode pulverizar o orçamento de um produtor independente.

Mas todos fazem parte do "mercadão" e pelo menos uma visita ao andar inferior do Palais é obrigatória. As barracas são montadas por mais de mil companhias de 54 países, representando 1.500 vendedores e 600 compradores. Uma farra inesquecível para amantes do cinema trash: ninjas, kickboxers e clones de Chuck Norris de todas as nacionalidades, pornô italiano, pornô alemão, terror barato, ficção-científica de papel alumínio e romance sacarina.

Somando-se as projeções na Rue d'Antibes com as do Marché, o total pode chegar anualmente a qualquer coisa entre 500 e 700 filmes. A programação – mais toda a movimentação do *business* – pode ser acompanhada pelas edições diárias, distribuídas gratuitamente, de revistas de mercado como as inglesas *Screen International* e *Moving Pictures*, e a francesa *Le Film Français*. Mas às vezes o único anúncio de uma exibição estará pregado com fita adesiva em alguma das paredes do Palais. É o caso de *Bloodlust*, uma produção em vídeo vagabundíssima vinda da Austrália. Apesar de sua precariedade técnica e de seu amadorismo doméstico, o "filme" chega festejado por todos os fanzines de terror do planeta e proibido em território britânico pelo mesmo motivo: sexo gratuito, carnificina desenfreada, alto consumo de drogas e humor anarquista. Chegando na salinha de projeção, você é recebido pelo próprio diretor do filme – fazendo sozinho toda a promoção de sua obra e anunciando feliz que já conseguiu financiamento para a próxima, agora não mais em vídeo.

SANYO
NOVA LINHA DE ÁUDIO

A cara-de-pau abre caminhos, não há dúvida. Uma das estratégias típicas desse bazar pode ser encontrada diariamente nas revistas citadas acima. São propagandas de uma ou duas páginas, anunciando filmes em fase de "pré-pré-produção", à cata de financiamento para tirar a idéia do papel. Um rascunho de cartaz destaca elenco e diretor, sugere o gênero e às vezes dá o título do filme. Pode ser apenas um *road movie* estrelado por Mickey Rourke – cujo nome e rosto ocupam 90% do anúncio. Apenas um asterisco e uma linha microscópica no pé da página – "créditos não-contratuais" – revelam que o ator não assinou nada, talvez nem saiba que o filme existe. E talvez não exista nem mesmo um roteiro. Mas se atrair um produtor interessado em investir no projeto, quem sabe, o filme pode até sair...

Entreouvir conversas alheias é uma coisa feia, mas também uma arma valiosa para um jornalista. Neste sentido, o Marché é um prato cheio, um curso intensivo sobre o *business* cinematográfico.

No balcão do cafezinho, um produtor alemão confraterniza-se em inglês com um produtor russo e o papo dos dois – pontuado pela palavra "recessão", a mais ouvida em todo o festival – desenha um microcosmo do novo cinema europeu. Entre orçamentos e subsídios, discutem a busca da fórmula do sucesso. Pelo visto, o dinheiro pode ser levantado até facilmente, mas há uma carência absoluta de roteiros interessantes. Os paradigmas são *Traídos pelo Desejo* e o belga *Toto* : "Mas você sabe quanto tempo eles ficaram trabalhando no roteiro de *Toto* ? Seis anos!", diz o alemão.

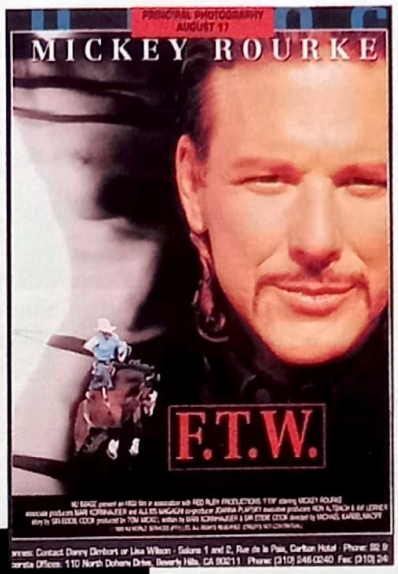
Em todo o continente, a melhor situação parece a dos franceses – principalmente as produtoras Studio Canal Plus e Ciby 2000, hoje por trás de co-produções internacionais nos quatro cantos do planeta. Na própria Seleção Oficial, a primeira delas havia bancado parte de *Fiorile* (Paolo e Vittorio Taviani), enquanto a segunda contribuiu com uma das fatias mais gordas do financiamento para Jane Campion realizar sua obra-prima.

Já os italianos parecem mergulhados na penúria. Em sua coletiva, os irmãos Taviani exemplificaram a crise através do caso de "um jovem muito talentoso que não está conseguindo levantar dinheiro para filmar". Seu nome: Federico Fellini. E o próprio Dino Risi, recebido em Cannes com todas as honras (ver *Mostras Paralelas*) declarou que, por falta de financiamento, há mais de uma década trabalha exclusivamente para a TV.

Talvez não exista ninguém mais invejado nesta comunidade multinacional que Steven Wooley, o produtor de *Traídos pelo Desejo*. Quando ele passa, vestido da maneira mais simples e discreta possível, viram-se os pescoços de todos os engravatados aspirantes a produtor de sucesso. E realmente nenhum outro filme simboliza a força atual dos independentes. Stephen Frears na direção, um roteiro original, um elenco impecável – sem nenhuma megaestrela – e... *presto*! Só nos EUA, uma bilheteria de 60 milhões (no mínimo dez vezes seu custo), com direito a Oscar e tudo mais.

Outro foco de inveja são os irmãos Bob e Harvey Weinstein, da Miramax – independente até abril, quando foi comprada pelos estúdios Disney por 60 milhões de dólares. Em quatro, cinco anos a dupla basicamente não fez mais que capitalizar em cima de um faro finíssimo para a compra de filmes europeus ou produções americanas independentes – caso de *sexo, mentiras & videotape, Cinema Paradiso* e *Delicatessen*. Este ano, antes mesmo de o festival começar, já haviam arrematado *O Piano* e *Adeus à Minha Concubina*.

A compra da Miramax revela que as *majors* estão tentando de todas as maneiras se adaptar à nova realidade do mercado mundial. Um dos clichês mais repetidos entre as baforadas em seus charutos é que a fronteira entre "cinema de arte" e "cinema comercial" está tão borrada que poucos conseguem discernir seu traçado. Nos mercados francês e japonês, então, fitas como *O Amante, O Marido da Cabelereira* e *Os Amantes da Pont-Neuf* bateram a maioria das megaproduções hollywoodianas. Uma disputa cada vez mais acirrada, que rende para jornalistas e produtores uma infinidade de coquetéis, festas e bocas-livres. Encerrado o festival, voltam para casa aguardando a verdadeira batalha do ano – "Schwarzenegger contra os Dinossauros Cibernéticos" – com o mantra da "recessão" na ponta da língua. Feitas as contas, a movimentação financeira do Marché foi quase 30% inferior ao ano passado.



O golpe dos "créditos não-contratuais", usando como isca Mickey Rourke e Van Damme (no caso deste, o filme nem título tem). Na página ao lado, o Schwarzenegger inflável que promove *O Último Herói de Ação* domina os iates ancorados na baía de Cannes

Nesse ambiente tão alegre e festivo, o Brasil não poderia deixar de mostrar sua cara. Alguns anúncios e panfletos convidavam a turma presente no mercadão para conferir *Für Elise*, "obra-prima" do "premiado" diretor Paulo Thiago. Pobre Beethoven! Sua melodia já infernizara São Paulo como "tema do caminhão de gás" e agora batiza internacionalmente esta pérola intitulada no original *Vagas para Moças de Fino Trato*, estrelando Norma Bengell, Lucélia Santos e Maria Zilda. Na tela, os velhos crônicos problemas do cinema brasileiro: overacting de voz empostada, timing arrastado (ou nenhum timing) e psicanálise de botequim. Das doze pessoas presentes, quatro já haviam se mandado após a primeira hora de projeção. Eu fui a quinta, tentando me lembrar com o que exatamente o diretor havia sido premiado, além do financiamento que obteve do Governo Estadual do Espírito Santo para fazer esta bomba.

José Augusto Lemos

CROISETTE NEWS

Nas entranhas mercadológicas do festival, fica-se sabendo de praticamente todos os projetos em andamento para os próximos doze, dezoito meses. Todas as produções abaixo foram divulgadas em Cannes, durante aquelas duas mágicas semanas de maio

A laureada **Jane Campion** vai fundo na alta literatura: dirige a adaptação de *Portrait of a Lady*, de Henry James, e na seqüência ataca *My Guru and his Disciple*, de Christopher Isherwood.

Outra promessa saborosa: a TriStar anuncia a produção de *The Quick and the Dead*, western dirigido por **Sam Raimi** e estrelado por **Sharon Stone**.

O velho e bom **Coppola** prepara uma continuação para *Apocalypse Now*. Enquanto isso, uma versão fiel ao romance original de Joseph Conrad, *Coração das Trevas* – com John Malkovich – está sendo financiada por Ted Turner, marido de Jane Fonda e dono da CNN.

Easy Rider II: The New Generation. Não é brincadeira, não. O próprio **Dennis Hopper** dirige. Orçamento de dez milhões de dólares, lançamento previsto para junho/julho de 94 e, no roteiro (mas sem confirmação), breves aparições de **Peter Fonda**, **Jack Nicholson**, além do diretor.

A febre dos remakes não dá sinal de baixar: a Universal comprou os direitos de *High and Low* (63), de Kurosawa, para **David Mamet** roteirizar e **Scorsese** dirigir. Apesar de japonês, o filme era uma adaptação do romance policial *The King's Ransom*, de Ed McBain. Até aí, tudo bem. Mas o mestre Kurosawa também corre o risco de um de seus maiores clássicos, *Yojimbo*, cair nas mãos de Abel Ferrara.

Robert Altman estava em toda parte. Participando da tediosíssima mesa redonda da Sociedade Francesa de Autores e Cineastas, ao lado de Jeanne Moreau e Jean-Jacques Beineix. Anunciando seu contrato com a Miramax para uma cinebiografia de Dorothy Parker, com Jennifer Jason Leigh no papel principal. Promovendo seus novos filmes, *Short Cuts* e *Prêt-A-Porter* (este promete: uma comédia/suspense em tom de documentário sobre o mundo da alta costura).

A August Entertainment anuncia, em pré-produção, um pacote de filmes com forte potencial para deliciar fãs do terror, do fantástico e do sobrenatural: *The Lawnmower Man 2*, *H.P. Lovecraft's Necronomicon* e a adaptação da HQ *Ranxerox*. Também na agenda da produtora está a já famigerada continuação *Another 9 1/2 Weeks*.

Trash total ou seu dinheiro de volta é a garantia da produtora Troma, responsável por barbaridades antológicas como *Surf Nazis Must Die* e *The Toxic Avenger*. A companhia fez a festa no Marché com a exibição de seus novos lançamentos: *Vegas in Space*, sobre um grupo de travestis exploradores do espaço sideral, mais duas preciosidades com os títulos *Maniac Nurses Find Ecstasy* e *The Good, the Bad and the Subhumanoid*. Competindo na mesma faixa de mercado, a Trimark Pictures bota a maior fé nas continuações *Return of the Living Dead III* e *Warlock: the Armageddon*.

Outra que engrossa o banquete trash é a Full Moon Entertainment. *Test Tube Teens from the Year 2000*, estrelando Morgan Fairchild, é comparado por seus produtores a uma versão erótica de *Wayne's World* e *Bill & Ted's Excellent Adventure*.

Há quem diga que Cannes não é mais a mesma após a divisão do reino de Globus e Golan, os soberanos do grupo Cannon que viraram sinônimo de "arrivismo mercenário" na história recente do festival. Um dos frutos do racha, a 21st Century Film Corporation, tentava arrebanhar quem quer que fosse para suas projeções de *Crime e Castigo*. Com **John Hurt** e **Vanessa Redgrave**, a transposição do clássico de Dostoievski para os dias de hoje foi dirigida pela próprio Menahem Golan! Enquanto isso, se garante com **Charles Bronson** em *Death Wish V* e **Sylvia Kristel** em *Emmanuelle 7*.

A nostalgia da mítica América dos anos cinqüenta é o apelo da série *The Young and the Reckless*, remakes de dez marcos da onda chamada *teen-exploitation* – adolescentes delinqüentes e biscates, sexo, drogas e violência em plena aurora do rock'n'roll, temas trata-

SANYO
NOVA LINHA DE ÁUDIO

dos na época como "pedagogia preventiva". Pode dar uma grande palhaçada, mas pelo menos alguns dos diretores foram escolhidos a dedo: **Quentin Tarantino** (*Rock all Night*); **Mary Lambert** (*Dragstrip Girl*), **John Milius** (*Motorcycle Gang*); **John McNaughton** (*Sorority Girls*), **Alan Arkush** (*Reform School Girls*) e **Wes Craven** (*Shake, Rattle & Roll*).

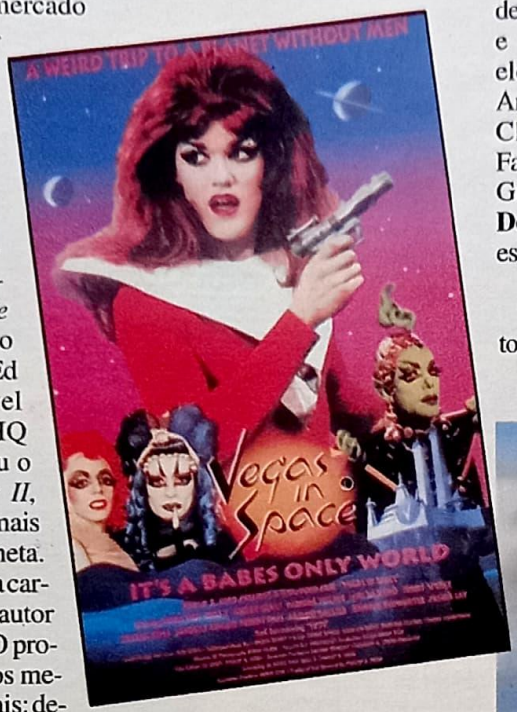
Sete bilhões de dólares é o que movimenta anualmente, apenas nos EUA, o mercado de videogames. De repente, Hollywood acordou. A Allied Filmakers, em conjunto com a Imperial Entertainment, já havia dado a largada produzindo versões cinematográficas de *Super Mario Bros.* e *Double Dragon*. Em Cannes, o produtor independente Ed Pressman (responsável pela adaptação da HQ *Judge Dredd*) anunciou o filme de *Streetfighter II*, atualmente o joguinho mais popular em todo o planeta. Roteiro e direção estão a cargo de Steven de Souza, autor do script de *48 Hours*. O produtor não quer saber dos medalhões das artes marciais: declarou estar em busca de uma nova geração.

Os reis da tríplice Palma de Ouro de 1991, os irmãos **Joel** e **Ethan Cohen**, trouxeram para uma fechadíssima exibição algumas cenas de seu novo filme, *The Hudsucker Proxy*, estrelando Paul Newman, Jennifer Jason Leigh e Tim Robbins. Apenas um gesto de relações públicas: a fita já está vendida para o mundo todo.

Nem com o fracasso do ridículo *Highlander II*, **Christopher Lambert** vai aposentar o personagem. Já está em pré-produção *Highlander III – The Magician*, estréia cinematográfica do inglês Andy Morahan, premiado diretor de videoclips (incluindo o épico "November Rain" dos Guns N' Roses).

Além de Gary Oldman, **Kiefer Sutherland** engrossa o time de atores dispostos a arriscarem sua reputação sentando na cadeirinha de diretor. O filme chama-se *Last Light*, e os direitos em vídeo já foram abocanhados em Cannes pela Trimark.

Ridley Scott anuncia a pré-produção de *Pet*, com Harvey Keitel e Mimi Rogers. O título ("bichinho de estimação") refere-se ao personagem principal, um macaco. Vai saber...



Acima, cartaz de *Vegas in Space*, super-trash da Troma. Na página oposta, Sharon Stone e seu noivo Bill McDonald e, à direita, a diretora Jane Campion

Chiara Mastroianni e Carmen Chaplin que me perdoem, mas a genealogia mais nóbre em todo o festival pertencia a um diretor iniciante. **Stash**, ou príncipe Stanislas Klossowski, é filho de Balthus, talvez o maior pintor vivo, e por tabela, sobrinho do grande escritor Pierre Klossowski. O rapaz viveu sua adolescência em Londres, nos loucos anos 60, como cúmplice e amigo dos Rolling Stones e The Who, e depois dedicou-se a escrever livros sobre alquimia. Em Cannes, Stash tentava arrumar distribuidores para seu primeiro filme, *The Shining Blood*, uma história "muito louca" passada no deserto do Arizona.

Willem Dafoe viverá o poeta inglês T.S. Eliot e **Miranda Richardson**, sua esposa Vivienne Haigh-Wood. A turbulenta relação entre os dois é o tema de *Tom and Viv*, dirigido por Brian Gilbert.

Uma mesa-redonda com a nova geração de cineastas negros norte-americanos revelou planos concretos para a criação de uma companhia de produção e distribuição encabeçada por eles, nos moldes da United Artists (formada em 1919 por Charlie Chaplin, Douglas Fairbanks, Mary Pickford e D.W. Griffith). **Wesley Snipes** e **Denzel Washington** também estão na jogada.

Peter Greenaway passou toda sua temporada na Riviera reclamando, para quem quisesse ouvir, da timidez da indústria em abraçar as possibilidades interativas da ligação entre a TV de alta definição com os processamentos de imagem possíveis no computador. "Alguns truquezinhos em *Exterminador do Futuro 2* ainda são muito pouco!", dizia ele, imaginando a substituição de algumas salas de cinema por parques de diversões dedicados à realidade virtual, com assentos que se movimentem conforme a câmera e coisas do gênero. Enquanto isso, os grandes distribuidores morrem de medo dos projetos de transmissão de filmes por linha telefônica que a HDTV possibilita e que pode levá-los à falência (junto com as videolocadoras) da noite para o dia.

J.A.L. (Colaborou J.E.R.)

Fotos Stills

UM SÉCULO E MEIO DE GLAMOUR

Como e por que a França escolheu a sede perfeita para seu festival de cinema internacional

Pelos padrões europeus, a tradição glamourosa de Cannes é até bem recente: pavimentada em 1834, quando um lorde inglês foi parado pela polícia na estrada para Nice. Esta cidade – na época o balneário nº 1 no Mediterrâneo para boas-vidas de todo o continente – fora atacada por uma epidemia de cólera e todas as suas entradas haviam sido bloqueadas. Apesar de sua posição geográfica privilegiadíssima – uma baía toda recortada em praias de areia branca – Cannes permanecia um minúsculo vilarejo de pescadores, construído aos pés de um mosteiro medieval.

Impedido de prosseguir viagem, Lord Brougham decidiu ficar por ali mesmo e, no final da temporada, tinha gostado tanto que resolveu construir sua própria *villa*, para onde voltava todo ano, até sua morte em 1868.

O *bon vivant* britânico deveria ser bem influente na alta sociedade da época, já que em pouco tempo uma boa fatia da nobreza inglesa (e eventualmente até a realeza) seguia seu roteiro de veraneio. No final do século, a influência se estendera à nobreza de toda a Europa. Cannes lhe é eternamente grata: lá está em uma das principais praças da cidade uma estátua de Lord Brougham, agradecendo-o pela transformação em foco concentrado de turistas milionários.

Do início do século até a alucinada década de 20, antes que a guerra viesse para acabar com a festa, a cidade foi se tornando a pérola belle époque que sobrevive até hoje, a partir do boulevard que acompanha a linha da praia, La Croisette, sua artéria principal. A paisagem é dominada pelos seus célebres hotéis de luxo, cuja construção iniciou-se em 1912 com o Carlton, até o marco central do boulevard. Cinéfilos inveterados reconhecerão sua fachada, sua praia e alguns de seus interiores dos primeiros minutos de *Ladrão de Casaca*, de Hitchcock.

Além dele, destacam-se duas verdadeiras preciosidades art decô: o Majestic (1926) e o Martinez (anos 30), cujo restaurante Palme d'Or é ainda um dos mais bem cotados templos gastronômicos locais.

Todos com suas praias particulares, estes hotéis evocam até hoje o espírito de uma das eras mais festivas da humanidade, quando Jean Cocteau e Gabrielle "Coco" Chanel mandavam brasa no comando do grand monde na Riviera. Uma época em que Cannes

Stills

nem precisava de Hollywood... E hoje, mesmo sob o império onipresente do bronzeado topless, os fetichistas podem se decepcionar ao descobrir que não mais pisam na mesma areia que sentiu a suave pressão dos pés de Grace Kelly e Brigitte Bardot. Toda a praia atual é "falsa", feita com 150 mil m³ de areia quando alargaram a Croisette em 1960.

Nem com todo seu luxo os três grandes hotéis da Croisette se equiparam ao Hotel do Cap, a vinte minutos de Cannes, em Cap d'Antibes. Aqui se isolam os megastars e megaprodutores hollywoodianos, pagando em *cash* diárias entre 1200 e 3000 dólares (cartões de crédito não são aceitos) e desfrutando da célebre Eden Roc – piscina

SET

Steve Miner
ETERNAMENTE JOVEM
(Forever Young, EUA, 1992)

Ficha técnica: Direção: Steve Miner ■ Roteiro: Jeffrey Abrams ■ Direção de fotografia: Russell Boyd ■ Fotografia aérea: Rexford Metz ■ Montagem: Jon Poll ■ Desenho de produção: Gregg Fonseca ■ Direção de arte: Bruce A. Miller ■ Música: Jerry Goldsmith ■ Figurinos: Aggie Guerard Rodgers ■ Maquiagem: Dick Smith, Michael Hancock e Lona Jeffers ■ Piloto do B-25: Steve Hinton ■ Produção: Bruce Davey ■ Produção-executiva: Edward S. Feldman e Jeffrey Abrams ■ Distribuição: Warner ■ Duração: 1h41.

O elenco: Mel Gibson (Daniel McCormick), Jamie Lee Curtis (Claire), Elijah Wood (Nat), Isabel Glasser (Helen), George Wendt (Harry), Joe Morton (Cameron), Nicolas Surovy (John), David Marshall Grant (Wilcox), Millie Slavin (Susan Finley), Robert Hy Gorman (Felix), Art La Fleur (pai de Alice).

A trama: Daniel McCormick é um belo, jovem e corajoso piloto de testes. Apaixonado por Helen, ele se acredita incapaz de verbalizar um pedido de casamento. Antes que consiga fazê-lo, Helen entra em coma depois de ser atropelada. Sem perspectivas de melhora, Daniel se oferece como cobaia humana em um experimento de um amigo seu, Harry, que já congelara animais e conseguira trazê-los de novo à vida. Daniel é congelado e acorda por acaso 53 anos depois da experiência. Perdido, deslocado e perplexo, ele encontra apoio no lar da enfermeira solitária Claire e de seu esperto filho, Nat.

O diretor: Steve Miner (Stephen C. Miner) nasceu em Chicago (Illinois) a 18 de junho de 1951. Seu nome se estabeleceu na TV ao ser indicado para dois Emmy (o Oscar da TV) pela famosa telessérie *The Wonder Years*. Estreou nos cinemas com duas partes da saga *Sexta-Feira 13*, a segunda (de 1981) e a terceira (de 1982), feita em 3-D. Mantendo-se no gênero, realizou *A Casa do Espanto* (1986). Neste mesmo ano começou a mudar o caráter de sua carreira com a comédia adolescente *Uma Escola Muito Louca*. Em 1989, dirigiu o interessante *Warlock* e, dois anos depois, surpreendeu a crítica com o drama *Mergulho em uma Paixão*.

Notas: esta aventura de ficção científica romântica é a prova cabal do status de estrela que Mel Gibson alcançou atualmente em Hollywood – o filme rendeu cerca de 50 milhões de dólares graças apenas ao apelo de sua presença, já que o filme tem, como um de seus únicos atrativos, apresentá-lo nu, de costas ■ Um dos maiores desafios que o filme ofereceu foi envelhecer Gibson em 50 anos, com efeitos de maquiagem comandados pelo veterano Dick Smith; o trabalho às vezes levava sete horas para ser realizado, sendo que os olhos muito azuis de Gibson deram problemas com as lentes de contato especiais arranjadas para "envelhecer" o seu olhar ■ A produção também recuperou um antigo avião, o B-25, para ser usado nas cenas inicial e final, sendo pilotado por um especialista, Steve Hinton ■ O roteirista Jeffrey Abrams também co-produz o filme ■ A música "The Very Thought Of You", interpretada por Billie Holiday, marca o forte lado romântico da história.

SET

Richard Attenborough
CHAPLIN
(Chaplin, Inglaterra, 1992)

Ficha técnica: Direção: Richard Attenborough ■ Roteiro: William Boyd, Bryan Forbes e William Goldman, baseado em argumento de Diana Hawkins ■ Direção de fotografia: Sven Nykvist ■ Montagem: Anne V. Coates ■ Desenho de produção: Stuart Craig ■ Direção de arte: Norman Dorme ■ Cenários: Stan Tropp e Don Woodruff ■ Supervisor de efeitos especiais: David Harris ■ Música: John Barry ■ Coreografia: Susanne McKenrick e Kate Flatt ■ Coreografia de Chaplin: Dan Karnin e Johnny Hutch ■ Figurinos: John Mollo e Ellen Mirojnick ■ Maquiagem: Wally Schneiderman e John Caglione Jr. ■ Consultor histórico: David Robinson ■ Consultor visual: Albert Whitlock ■ Produção: Richard Attenborough, Mario Kassar e Terence Clegg para a Carolco/Le Studio Canal + ■ Distribuição em vídeo: Look ■ Duração: 2h25.

O elenco: Robert Downey Jr. (Charles Chaplin), Dan Aykroyd (Mack Sennett), Geraldine Chaplin (Hannah Chaplin), Kevin Dunn (J. Edgar Hoover), Anthony Hopkins (George Hayden), Milla Jovovich (Mildred Harris), Moira Kelly (Hetty Kelly/Oona O'Neill), Kevin Kline (Douglas Fairbanks), Diane Lane (Paulette Goddard), Penelope Ann Miller (Edna Purviance), Paul Rhys (Sydney Chaplin), John Thaw (Fred Karno), Marisa Tomei (Mabel Normand), Nancy Travis (Joan Barry), James Woods (Scott), Bill Paterson (diretor), David Duchovny (Rollie Totheroh), Maria Pitillo (Mary Pickford).

A trama: em Vevey, Suíça, Chaplin conta ao seu biógrafo George Hayden detalhes de sua vida, dos 5 anos de idade (1894) ao Oscar especial que recebeu da Academia em 1972.

O diretor: o diretor, ator, produtor e roteirista Richard Attenborough nasceu em Leicester (Inglaterra) a 29 de agosto de 1923. Estreou como ator em um filme de David Lean, *Nosso Barco, Nossa Alma* (1942), tendo atuado desde então em filmes diversos, como *O Fantástico Doutor Doolittle* (1967) e *Parque dos Dinossauros* (1993). Seu primeiro trabalho como diretor foi *Oh! Que Bela Guerra* (1969), realizando filmes irregulares até arrebatar o Oscar de filme e direção por *Gandhi*, projeto acalentado por vinte anos. Dirigiu ainda *Chorus Line – Em Busca da Fama* (1985) e *Um Grito de Liberdade* (1987).

Notas: o argumento de Diana Hawkins parte dos livros *Minha Autobiografia*, de Chaplin, e *Chaplin – Sua Vida e Arte*, de David Robinson, que trabalhou como consultor histórico para o filme ■ Geraldine Chaplin, filha do genial diretor, interpreta sua avó Hannah ■ A obra de Attenborough insere cenas de seis longas do gênio da comédia: *O Garoto* (1921), *Em Busca do Ouro* (1925), *O Circo* (1928), *Luzes da Cidade* (1931), *Tempos Modernos* (1936) e *O Grande Ditador* (1940) ■ O filme marca a grande chance da carreira de Robert Downey Jr., que está brilhante no papel-título depois de ter participado de filmes menores como *Abaixo de Zero* (1987) e *Air America – Loucos pelo Perigo* (1990) ■ A arrebatadora fotografia ficou por conta de Sven Nykvist, o renomado artesão sueco que muitas vezes colaborou com Ingmar Bergman.

SET

Dwight H. Little
RAJADA DE FOGO
(Rapid Fire, EUA, 1992)

Ficha técnica: Direção: Dwight H. Little ■ Roteiro: Alan McElroy ■ Direção de fotografia: Ric Waite ■ Montagem: Gib Jaffe ■ Desenho de produção: Ron Foreman ■ Direção de arte: Charles Butcher ■ Coordenador de efeitos especiais: Dick Wood ■ Música: Christopher Young ■ Figurinos: Erica Edell Phillips ■ Coreografia das lutas: Brandon Lee e Jeff Imada ■ Produção: Robert Lawrence ■ Distribuição: 20th Century Fox ■ Duração: 1h35.

O elenco: Brandon Lee (Jake Lo), Powers Boothe (Mace Ryan), Nick Mancuso (Antonio Serrano), Raymond J. Barry (agente Stuart), Kate Hodge (Karla Withers), Tzi Ma (Kinman Tau), Tony Longo (Brunner Gazzi), Michael Paul Chan (Carl Chang), Dustin Nguyen (Paul Yang), Brigitta Sternberg (Rosalyn), Basil Wallace (agente Wesley).

A trama: Jake Lo é um jovem estudante tailandês que viu seu pai ser morto por um tanque na Praça da Paz Celestial. Desiludido, o rapaz cresce sem acreditar na política. Certo dia, ele testemunha a morte de Chang, traficante de drogas local, assassinado por Antonio Serrano, um dos maiores criminosos de Chicago, ao lado de Kinman Tau. O FBI, que há anos tenta trancafiá-los, quer convencer Jake a participar do programa de proteção de testemunhas e, partindo para Chicago, acusar os foras-da-lei. Já nos EUA, conhece um policial veterano, Ryan, a quem se afeiçoa por lembrar-lhe a integridade de seu pai. E apaixona-se pela bela Karla, policial encarregada de sua segurança.

O diretor: Dwight H. Little nasceu e foi criado em Cleveland, Ohio, e estudou na Escola Cinematográfica da Universidade da Califórnia do Sul. Estreou nas telas em 1986, com o inédito *KGB – The Secret War/Lethal*, mesmo ano do também desconhecido *Getting Even*. Dois anos depois, realizou *Halloween 4 – O Retorno de Michael Myers*, seguido do interessante *O Fantasma da Ópera* (1989), com Robert Englund. Seu maior sucesso foi *Marcado para a Morte*, com Steven Seagal, uma das grandes bilheterias dos EUA em 1990.

Notas: este filme foi o primeiro trabalho em uma grande produtora do filho de Bruce Lee, Brandon (nascido em 1966, em Oakland, Califórnia); depois de ter se iniciado nas artes marciais e se formado em Teatro, estudou seriamente para ser ator e estreou nas telas em uma produção de Hong Kong, *Legacy of Rage*. Realizou em seguida *Missão Resgate*, com Ernest Borgnine, e *Massacre no Bairro Japonês*, com Dolph Lundgren. Lee veio ao Brasil, em 1992, para divulgar o filme. No começo de abril, porém, uma notícia abalou o mundo inteiro: durante as filmagens de seu quinto filme, *The Crow*, um coadjuvante atirou em Lee com uma arma supostamente carregada de balas de festim, mas o astro acabou sendo morto com um projétil calibre 44, fato mais marcante ao lembrar que seu pai também morreu misteriosamente durante as filmagens de seu quinto longa ■ Com lutas co-coreografadas pelo astro ascendente, o filme recorreu a 93 dublês.

SET

John Musker, Ron Clements
ALADIM
(Aladdin, EUA, 1992)

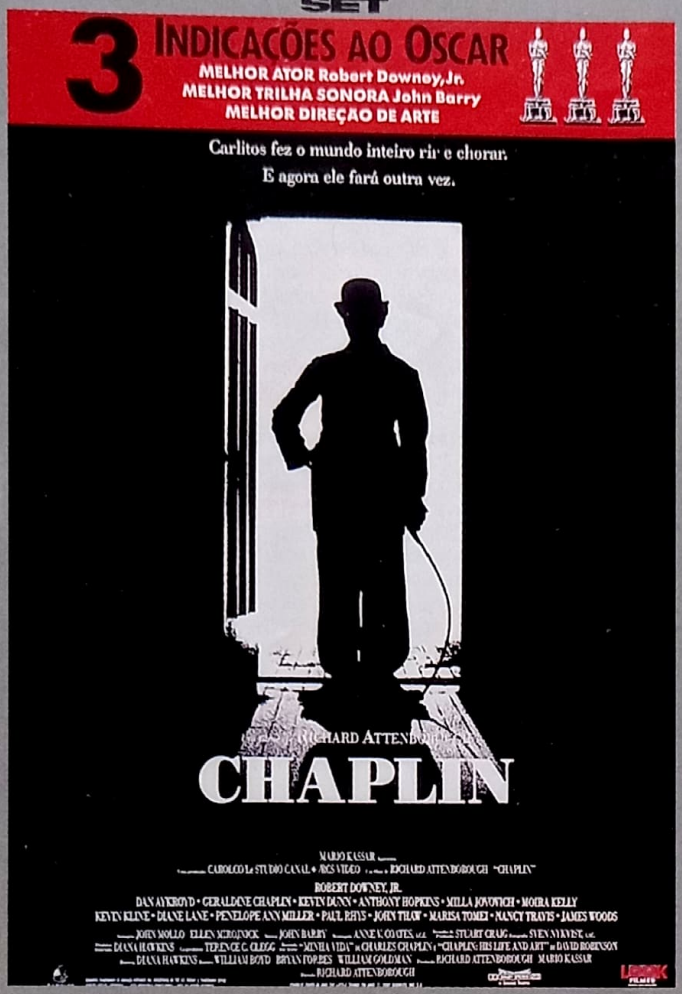
Ficha técnica: Direção: John Musker e Ron Clements ■ Roteiro: Ron Clements, John Musker, Ted Elliott e Terry Rossio ■ Montagem: H. Lee Peterson ■ Música: Alan Menken ■ Canções: Howard Ashman, Tim Rice e Alan Menken ■ Desenho de produção: R.S. Vander Wende ■ Direção de arte: Bill Perkins ■ Supervisor da história: Ed Gombert ■ Supervisor dos efeitos visuais: Don Paul ■ Supervisor das imagens de computação gráfica: Steve Goldberg ■ Coordenador artístico: Dan Hansen ■ Produção: John Musker e Ron Clements para a Walt Disney Pictures ■ Distribuição: Columbia ■ Duração: 1h30.

A trama: Aladim é um mero ladrão, um malandro das ruas. Um certo dia, ele conhece a rebelde e liberada princesa Jasmine, que estava fugindo do palácio em que morava para escapar ao jugo de uma lei que a obrigava a se casar apenas com um príncipe. Jafar, o conselheiro do sultão, é o vilão da história, um feiticeiro ganancioso que recruta Aladim para que este vá a uma caverna escondida no meio do deserto e encontre uma lâmpada mágica que guarda o espírito de um gênio capaz de realizar os desejos da pessoa que esfregá-la.

Os diretores: A parceria de Ron Clements e John Musker vem desde 1986, quando realizaram (e mais Dave Michener e Bunny Mattison) *As Aventuras do Ratinho Detetive*, desenho que revelou a nova postura da equipe de animação da Walt Disney. Logo depois viria o clássico absoluto, produzido por Howard Ashman, *A Pequena Sereia* (1989), vencedor de dois Oscar, de melhor trilha sonora e de melhor canção ("Under The Sea").

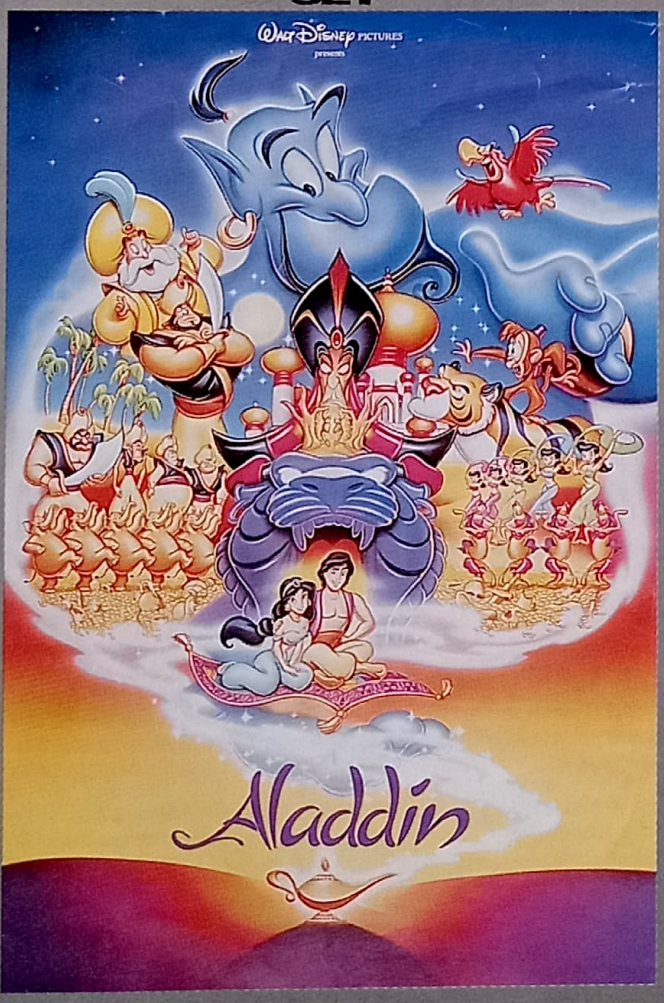
Notas: este 31º longa de animação da Walt Disney foi indicado para cinco Oscar (ao contrário de *A Bela e a Fera*, não foi indicado à categoria principal): efeitos sonoros, som, trilha sonora e duas canções; assim como *A Pequena Sereia* e também *A Bela e a Fera*, recebeu as estatuetas de trilha e de melhor canção ("A Whole New World", com letra de Tim Rice) ■ *Aladim* é uma das maiores bilheterias na história do cinema e do estúdio, tendo já ultrapassado os US$ 200 milhões ■ Trata-se de um raro desenho com uma hora e meia de duração (costuma-se ficar entre os 70 e 80 minutos), que dá muito mais ênfase à ação do que ao romance, tendo cenas que citam *Indiana Jones e o Templo da Perdição* e o primeiro *Superman* ■ Além do falecido letrista e produtor Howard Ashman (vítima de Aids), o filme contou com letras do compositor Menken e de Tim Rice, famoso pelo seu trabalho em *Jesus Cristo Superstar* e *Evita* ■ A dublagem nacional faz o espectador brasileiro perder um dos grandes trunfos do filme, a impagável e premiada dublagem de Robin Williams como o gênio; Williams já havia dublado o simpático morcego do desenho *Ferngully*, mas seu trabalho aqui é insuperável ■ Um dos melhores "personagens" do filme é o tapete mágico animado pelo gênio.

SET

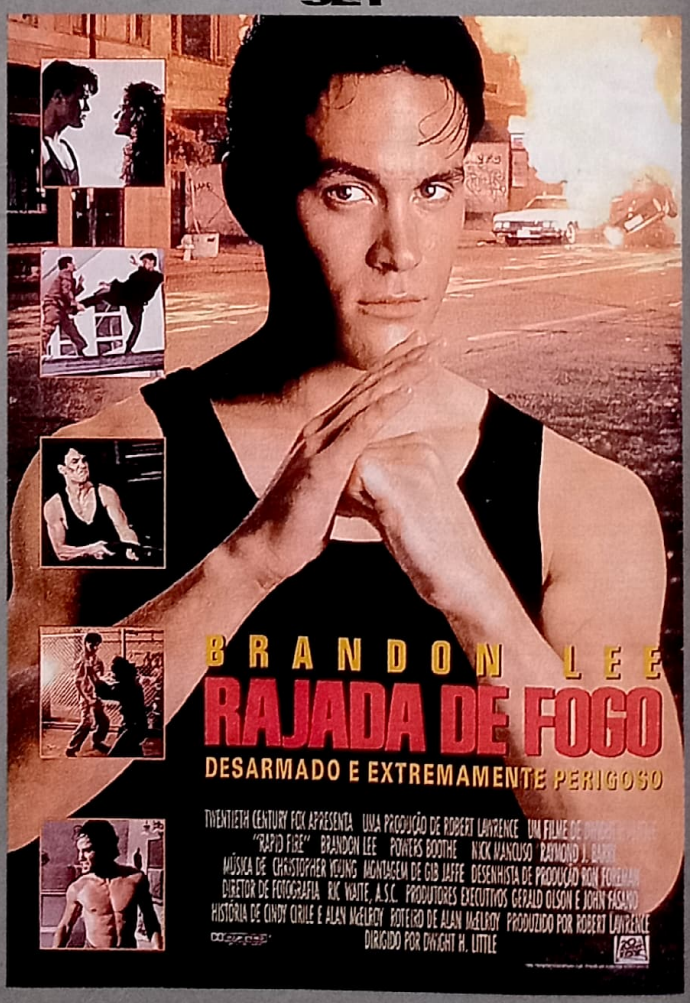


SET

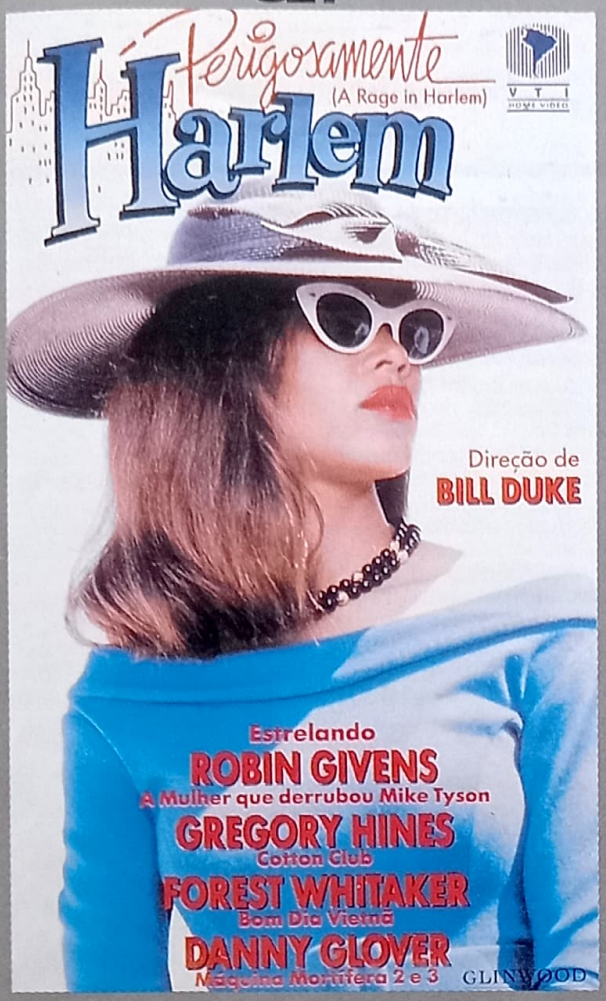
SET



SET



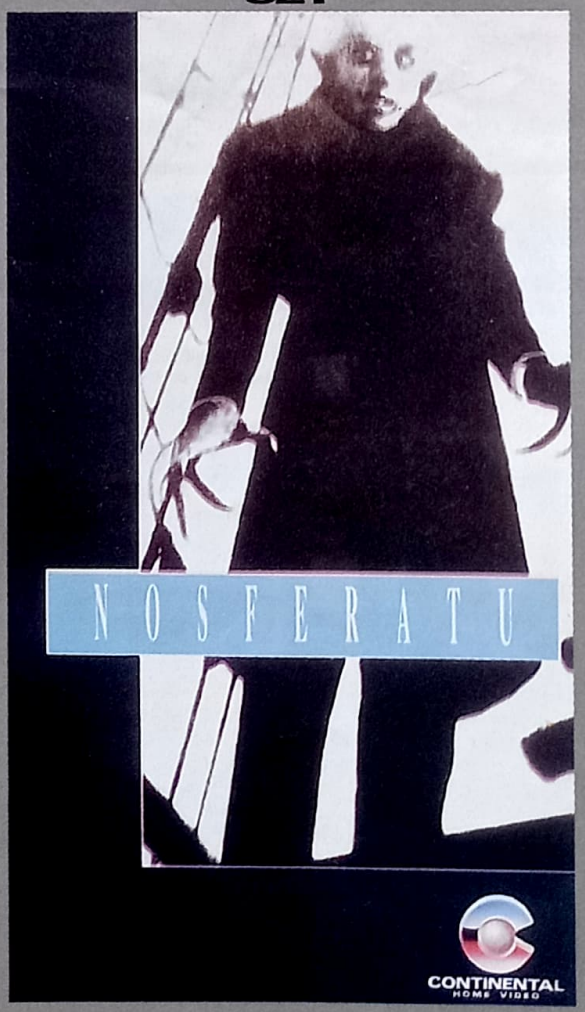
SET



SET

SET

SET



Stephen Frears

HERÓI POR ACIDENTE

(Hero/Accidental Hero, EUA, 1992)

Ficha técnica: Direção: Stephen Frears ■ Roteiro: David Webb Peoples, a partir de um argumento de Peoples, Laura Ziskin e Alvin Sargent ■ Direção de fotografia: Oliver Stapleton ■ Efeitos especiais: Dream Quest Images ■ Montagem: Mick Audsley ■ Desenho de produção: Dennis Gassner ■ Direção de arte: Leslie McDonald ■ Música: George Fenton ■ Figurinos: Richard Hornung ■ Produção: Laura Ziskin para a Columbia Tri-Star ■ Distribuição: Columbia ■ Duração: 1h58.

O elenco: Dustin Hoffman (Bernie Laplante), Geena Davis (Gale Gayley), Andy Garcia (John Bubber), Joan Cusack (Evelyn), Kevin J. O'Connor (Chucky), Maury Chaykin (Winston), Stephen Tobolowsky (Wallace), Chevy Chase (patrão), Christian Clemenson (Conklin), Tom Arnold (Chick), Susie Cusack (Donna O'Day), James Madio (Joey).

A trama: Bernie Laplante é um pequeno contraventor que vive na iminência de ser preso. Separado da mulher, Evelyn, ele pouco se importa com a imagem de malandro egoísta e sem moral. Certa noite, dirigindo-se a sua ex-casa para buscar o filho e levá-lo a uma partida de futebol, um avião cai à sua frente em uma ponte. Sem poder sair do lugar, ele é obrigado a ajudar no resgate de pessoas feridas. Uma das figuras salvas é a repórter de TV Gale Gayley, que não consegue ver o rosto de Bernie. Feliz pelo resgate, ela convence seus chefes a iniciar uma campanha à procura deste herói anônimo, oferecendo um milhão de dólares para a nova celebridade. O vagabundo John Bubber, um quase se apresenta como o salvador.

O diretor: Stephen Frears nasceu em Leicester (Inglaterra) em 1941. Ingressou no cinema como assistente de direção de Karel Reisz (*Morgan*, 1966) e Lindsay Anderson (*If...*, 1969). Estreou com *The Burning* (1968), consagrando-se com *Gumshoe, Detetive Particular* (1971). Só voltaria às telas em 1984, com *The Hit*. Neste meio tempo, realizou cerca de quinze telefilmes, entre os quais *Brincadeira Mortal* (1979) e *Minha Adorável Lavanderia* (1985). Caracterizou-se, então, por filmes provocantes: *O Amor não Tem Sexo* (1986), *Sammy e Rosie* (1987), *Ligações Perigosas* (1989) e *Os Imorais* (1990).

Notas: David Webb Peoples também assinou os roteiros de *Blade Runner* e *Os Imperdoáveis*, de Clint Eastwood; a trama tem um pouco de otimismo *à la* Frank Capra, mas num tom marcadamente irônico ■ Muito aplaudido no Festival de Berlim de 1992, o filme foi um fracasso de bilheteria *apenas* nos Estados Unidos, cujo público não se adequou à forte temática em torno da moral, da verdade e do heroísmo; é por isso que foi rebatizado, para os outros países, de *Accidental Hero* ■ A participação substancial de Chevy Chase no filme não foi creditada ■ Dustin Hoffman e Geena Davis já contracenaram antes em *Tootsie* (1982), filme que marcou a estréia de Davis ■ A trilha sonora de George Fenton, a uma certa altura, faz interessante uso do tema de *Contatos Imediatos do Terceiro Grau*, de John Williams.

Bill Duke

PERIGOSAMENTE HARLEM

(A Rage in Harlem, EUA, 1991)

Ficha técnica: Direção: Bill Duke ■ Roteiro: John Toles-Bey e Bobby Crawford, baseado no romance homônimo de Chester Himes ■ Direção de fotografia: Toyomichi Kurita ■ Montagem: Curtiss Clayton e Craig Hayes ■ Desenho de produção: Steven Legler ■ Direção de arte: Nina Ruscio ■ Música: Elmer Bernstein ■ Supervisor musical: Seymour Stein ■ Coreografia: Otis Sallid ■ Figurinos: Nile Samples ■ Produção: Stephen Woolley, Kerry Boyle, Forest Whitaker e John Nicolella para a Palace/Miramax ■ Distribuição em vídeo: VTI ■ Duração: 1h48.

O elenco: Forest Whitaker (Jackson), Gregory Hines (Goldy), Robin Givens (Imabelle), Zakes Mokae (Big Kathy), Danny Glover (Easy Money), Badja Djola (Slim), John Toles-Bey (Jodie), Ron Taylor (Teena), Samm-Art Williams (Hank), Helen Martin (sra. Canfield), Wendell Pierce (Louis), T.K. Carter (Smitty).

A trama: Mississipi, 1954: durante negociações em torno de um lote de ouro roubado, Slim acaba matando um intermediário branco, não sem antes saber de um outro, Easy Money, que opera no Harlem nova-iorquino. A polícia dá uma batida no local, mas a namorada de Slim, Imabelle, consegue fugir com a mercadoria. Já no Harlem, ela igualmente perde a oportunidade de vender o ouro a Easy Money, pois este também acaba sendo preso. Necessitando encontrar um teto que a proteja, ela se aproxima de Jackson, um tímido e religioso auxiliar de agente funerário, que se apaixona e passa a idolatrá-la. Mas Slim logo aparece para dar início a uma série de trapaças e traições.

O diretor: o afro-americano Bill Duke começou a carreira cinematográfica como ator. Contracenou duas vezes com Arnold Schwarzenegger, em *Comando para Matar* (1985) e *Predador* (1987). Atuou ainda, entre outros, em *Atraídos pelo Perigo* (1987) e *Alta Tensão* (1990). Estreou como diretor com três telefilmes, *The Killing Floor* (1984), *Johnnie Mae Gibson: FBI* (1986) e *A Raisin in the Sun* (1988), refilmagem elogiada de *O Sol Tornará a Brilhar* (1961), com Sidney Poitier. Para os cinemas, dirigiu ainda *Deep Cover* (1992).

Notas: a crítica especializada elogia o filme porque ele traduz adequadamente o espírito da obra do escritor negro Chester Himes; apesar de seu glamour estético, a produção consegue transmitir a ironia de Himes, temperada com sensualidade, malemolência e doses de violência ■ Esta é a primeira experiência do ator Forest Whitaker (*Bird* e *Traídos pelo Desejo*) na produção ■ A trilha sonora é riquíssima, recheada com interpretações de figuras como Jimmy Scott, Fats Domino, Bo Diddley, Chuck Berry, Elmore James, Little Richard, Howlin' Wolf, Screamin' Jay Hawkins, James Brown, LaVern Baker e até mesmo Betty Boo ("Why Oh Why") ■ O livro originalmente se intitulava *For Love of Imabelle*, nome que se adequa bem ao espírito do filme, centrado na sensual figura de Robin Givens, ex-sra. Mike Tyson ■ Zakes Mokae, que já foi líder de seita vodu em *A Maldição dos Mortos-Vivos*, interpreta de forma marcante Big Kathy, um travesti dono de um bordel.

F.W. Murnau

NOSFERATU

(Nosferatu, eine Symphonies des Grauens, Alemanha, 1921/22)

Ficha técnica: Direção: Friedrich Wilhelm Murnau ■ Roteiro: Henrik Galeen, do romance *Drácula*, de Bram Stoker ■ Direção de fotografia: Fritz Arno Wagner ■ Música: Hans Erdman ■ Direção de arte: Albin Grau ■ Produção: Prana Film-GmbH ■ Distribuição em vídeo: Continental ■ Duração: 1h24.

O elenco: Max Schreck (Nosferatu), Alexander Granach (Renfield), Gustav von Wagenheim (Jonathan Harker), Greta Schroeder (Ellen), John Gottowl (professor von Helsing), Ruth Landshoff, G.H. Schnell.

A trama: Nosferatu é uma criatura da noite, um vampiro eterno que vagueia nas sombras e que se perde em sua angustiante solidão. Seu castelo na Transilvânia é visitado por Harker, agente imobiliário que pretende concretizar a venda de uma casa. O conde secular o prende nos limites de sua moradia e parte em busca de Ellen, esposa de Harker, que poderia ser a reencarnação da antiga paixão do vampiro. Harker, por sua vez, tenta de tudo para fugir do castelo e avisar a esposa e amigos do perigo iminente. Nosferatu viaja de navio até Bremen. Sua presença provoca pestilência e a tripulação inteira morre. Ao chegar à cidade, esta se rende frágil à praga do morto-vivo, cujo lento vagar em busca de sua amada é acompanhado por uma legião de ratos.

O diretor: o alemão Friedrich Wilhelm Murnau nasceu em 1889 e faleceu em 1931. Formou-se em História da Arte. Começou sua carreira como assistente do diretor vienense Max Reinhardt (1873/1943), que se dedicou mais ao teatro. Murnau estreou em 1919 com *Der Knabe in Blau* (*O Menino de Azul*). Considerado, juntamente com Fritz Lang, o maior nome do cinema mudo alemão, Murnau teve papel decisivo para a definição estética do expressionismo cinematográfico, sendo o "pai" da escola do *Kammerspiel* (teatro de câmera), que se especializou em retratar a crise social dos anos pré-nazismo. Da fase em sua terra pátria, destacam-se ainda *Satanás* (1919), *A Última Gargalhada* (1924), *Tartufo* (1925) e *Fausto* (1926), os três últimos com o ator Emil Jannings. Foi então convidado para trabalhar em Hollywood, onde realizou quatro obras, com destaque para *Aurora* (1927) e *Tabu* (1930), seu último filme. Murnau morreu num acidente de carro uma semana antes da estréia de sua obra-prima.

Notas: este clássico do expressionismo germânico tem como título original *Nosferatu, uma Sinfonia do Horror*, e chegou a ser erroneamente exibido no Brasil com o nome *Lobisomem* ■ O filme definiu muito do imaginário de terror nas décadas futuras; dois reflexos óbvios do seu impacto são a refilmagem de Werner Herzog (*Nosferatu, o Vampiro da Noite*, de 1978) e a figura do vampiro nos dois filmes (inéditos) de *Salem's Lot*, baseados em obra de Stephen King e com maquiagem quase idêntica à criatura de Murnau ■ A fita lançada em vídeo tem acompanhamento musical razoavelmente adequado ao universo gótico e silencioso do filme, cujo preto-e-branco revela um jogo de sombras impressionante para criar a ambientação desesperadora ■ O sobrenome do ator que interpreta Nosferatu, Schreck, significa "susto" em alemão ■ Trata-se de uma adaptação não autorizada do romance de Bram Stoker.

Spike Lee

LUTE PELA COISA CERTA

(School Daze, EUA, 1988)

Ficha técnica: Direção e roteiro: Spike Lee ■ Direção de fotografia: Ernest Dickerson ■ Montagem: Barry Alexander Brown ■ Música: Bill Lee ■ Desenho de produção: Wynn Thomas ■ Coreografia: Otis Sallid ■ Figurinos: Ruthe Carter ■ Direção de arte: Allan Trumpler ■ Produção: Spike Lee, Loretha C. Jones e Monty Ross para a Forty Acres and a Mule Filmworks ■ Distribuição em vídeo: LK-Tel/Columbia ■ Duração: 1h54.

O elenco: Larry Fishburne (Dap Dunlap), Giancarlo Esposito (Julian Eaves), Tisha Campbell (Jane Toussaint), Kyme (Rachel Meadows), Joe Seneca (presidente McPherson), Ellen Holly (Odrie McPherson), Art Evans (Cedar Cloud), Ossie Davis (treinador Odom), Spike Lee (Half-Pint), Bill Nunn (Grady), Branford Marsalis (Jordan), Anthony Thompkins (Doo-Doo Breath), Joie Lee (Lizzie Life), Angela Ali (Velda).

A trama: numa faculdade para estudantes negros no Sul dos Estados Unidos, Dap Dunlap leva adiante uma luta solitária: ele pretende conscientizar seus "irmãos" contra o apartheid na África do Sul. O problema é que ele não enfrenta apenas a burocracia da administração local, precisa, antes de mais nada, vencer a alienação de seus colegas. Estes se preocupam muito mais com rivalidades entre fraternidades e grupos fechados. Alguns *outsiders* dariam até a alma para fazer parte ou dos Gamma Phi Gamma ou dos The Gammites.

O diretor: o diretor, produtor, roteirista e ator Spike Lee nasceu em Atlanta (Geórgia) a 20 de março de 1957 e ainda é o nome de ponta do cinema afro-americano. Ele estreou como diretor em 1986, com o inédito *She's Gotta Have It*. O terceiro filme foi sua consagração definitiva: *Faça a Coisa Certa* (1989), que chegou a ser indicado ao Oscar. Depois vieram *Mais e Melhores Blues* (1990), *Febre da Selva* (1991) e o ambicioso *Malcolm X* (1992). Entre 1986 e 1992, dirigiu também vários clips de artistas como Miles Davis, Public Enemy e Prince.

Notas: o roteiro do diretor faz uma estranha mescla de comédia "branca" de adolescentes na faculdade, musical da Broadway e pinceladas de conscientização racial ■ No elenco, nomes como o de Joie Lee, irmã de Spike Lee na vida real, e do famoso saxofonista Branford Marsalis ■ O fotógrafo habitual de Lee, Ernest Dickerson, estreou como diretor em 1992, com *Juice*, enquanto o montador (igualmente habitual) Barry Alexander Brown dirigiu *Em Busca do Paraíso* (1990), curiosamente sobre imigrantes hindus e com uma ponta de Spike logo no começo do filme ■ Giancarlo Esposito também brilhou em filmes tão diversos quanto *Uma Noite sobre a Terra* (1991), de Jim Jarmusch, e *Bob Roberts* (1992), de Tim Robbins, enquanto Tisha Campbell se transformou em uma espécie de estrelinha do cinema negro adolescente, protagonizando *Festa de Arromba 1* e *2* ■ O filme retrata comunidades universitárias em um esquema quase tão insano quanto as registradas em *Clube dos Cafajestes* (1978), de John Landis.

SANYO
NOVA LINHA DE ÁUDIO

construída de rocha, com água do mar. Em *Suave É a Noite*, de Scott Fitzgerald – outro habituê da Riviera – o Hotel du Cap desempenha um dos papéis principais, camuflado sob o nome Hotel des Étrangers. (Na época, ele pertencia ao casal de americanos, amigos do escritor, que serviu de inspiração para o par central da história.)

Os hóspedes do Hotel du Cap podem também ser encontrados em outro ponto a menos de meia hora de Cannes. Mougins, um belíssimo vilarejo nas colinas, concentra dois dos mais renomados restaurantes de toda a França: Le Moulin de Mougins (onde Liz Taylor realizou seu banquete beneficente) e L'Amandier. Este ano, porém, os habitantes de Mougins estavam desolados: o guia Michelin, bíblia do turista *gourmet*, acabara de tirar uma estrela de cada um dos dois estabelecimentos.

O festival em si se concentra no Palais, carinhosamente apelidado de "bunker" pelos franceses. Inaugurado em 1983, custou 60 milhões de dólares e contém duas das maiores – e mais bem equipadas – salas de projeção do planeta: o Grand Auditorium Lumiére e o Théâtre Claude Debussy, com capacidade para respectivamente 2.400 e1.000 pessoas.

É nas escadarias que sobem para o auditório Lumiére que se estende o tapete vermelho que leva as estrelas e VIPs às sessões de gala noturnas. Em suas laterais, separada por grades e cordões de policiais, uma multidão gigantesca se apinha do fim da tarde até às duas da manhã, tudo para ver em carne e osso seus ídolos da tela durante os segundos em que percorrem as escadarias. O mesmo ritual voyeurista rola praticamente 24 horas por dia na entrada do Carlton e do Majestic, congestionando o movimentadíssimo *footing* na calçada da Croisette. Estamos falando de uma multidão de gente adulta e européia – presumivelmente civilizada e adulta – o que só prova a força da magia do cinema.

E é na rua mesmo, sem necessidade de pagar ingresso, que acontece a grande festa, um banquete voyeurístico sem similares. Afinal, cinema é voyeurismo e na Croisette ele pode ser exercitado sem discrição. O trânsito da fauna multinacional é lento, circular e passa por um carnaval performático surrealista. Há o guitarrista italiano, que toca baladas e épicos com o auxílio de um super sistema de som, vestindo uma camiseta com os dizeres "Proud To Be American", diante de uma Harley-Davidson cujo tanque de gasolina tem pintada a bandeira dos EUA. Há o dançarino vestido de astronauta que se contorce no chão, em câmera lenta, ao som de um new age eletrônico. Há as "mulheres leopardo", mãe e filha que há décadas desfilam durante as duas semanas com estampa de oncinha e já se tornaram um emblema do festival, devidamente credenciadas. Há ainda o mais convencional exército de palhaços, malabaristas, retratistas e camelôs.

À noite, pode-se conhecer gente de todo o planeta sem estourar o orçamento, em barzinhos como o Petite Carlton – ponto de encontro de jornalistas ingleses e produtores independentes em geral – e o Petite Majestic – foco germânico com forte presença da Europa Central, posição conquistada por ter sido o local favorito de Fassbinder em Cannes.

Em outra ponta da cidade, o Suquet – labirinto de vielas medievais na encosta do morro que deu origem ao povoado – exala o aroma hipnótico de peixe e frutos do mar fritos com alho no azeite. E por toda parte, expoentes da arte francesa da confeitaria podem levar um diabético ao suicídio.

O clima de primavera, quase verão, ajuda: só escurece mesmo depois das dez. Antes disso, o céu e o mar são tomados por tonalidades únicas, todos os azuis possíveis, e Cannes se impõe como sede perfeita para um festival com uma amostra tão farta de cinema. De repente, a realidade se torna mais convidativa que a fantasia e qualquer filme tem de ser bom, mas muito bom, para manter você fechado, entre quatro paredes.

J.A.L.

Gamma

José Antonio

À esquerda, a escadaria do Palais. Acima, as fachadas dos hotéis Carlton e Du Cap

O MAPA DA MINA

Melhor que qualquer guia turístico, a verdadeira bíblia sobre o festival de Cannes é o livro *Hollywood on the Riviera: The Inside Story of the Cannes Film Festival*, de Cari Beauchamp e Henri Béhar (William Morrow & Co., 1992). Mesmo que você nunca passe por perto da cidade, trata-se de uma leitura rápida, divertidíssima, com todo o anedotário da história do evento. (Béhar, um dos autores, é há anos mediador multilíngüe das entrevistas coletivas e responsável por alguns de seus momentos mais engraçados.) Para cinéfilos fissurados, uma leitura obrigatória. Para quem vai a Cannes, principalmente pela primeira vez, um item fundamental na bagagem, que evitará a perda de tempo tentando decifrar onde exatamente você veio parar, uma aula sobre a psicologia e a "geo-política" que regem a festança e o mercadão nesse formigueiro humano.

Também não pode deixar de ser citado *Two Weeks in the Midday Sun: A Cannes Notebook* (Andrews & McMeel, 1987), do célebre e mordaz crítico Roger Ebert. Mais difícil de achar, mas igualmente precioso em seu humor, extremamente revelador de como o festival funciona por trás das aparências.

J.A.L.

CANNES 1949-92

OS PREMIADOS E OS INJUSTIÇADOS

Apesar do primeiro festival de Cannes ter sido realizado em 1939, a guerra colocou o evento na geladeira durante seis anos. E mesmo depois do armistício, demorou anos para que sua periodicidade passasse a ser regular e a premiação começar a obedecer critérios semelhantes aos de hoje. Inicialmente, em 46, era um filme premiado por país – com um único destaque, o Prêmio Internacional do Júri, entregue naquele ano a *La Bataille du Rail* (René Clément, França). No ano seguinte, os prêmios foram divididos em seis categorias de gênero ("romântico/psicológico", "aventura/suspense", "preocupação social", "comédia/musical", "animação" e "documentário".

A falta de verbas governamentais voltou a impedir a realização do festival em 1948 e 1950. Só a partir daí, o evento se firmou no calendário – com uma única exceção: sua interrupção em solidariedade ao movimento de Maio de 68 que varria a França. A Palma de Ouro, por sua vez, só foi instituída em 1955 – antes disso, a láurea máxima chamava-se, como nas corridas, Grand Prix ("Grande Prêmio"). E, como se vê abaixo, a divisão do prêmio principal entre dois filmes – como ocorreu em 1993 – é uma das tradições mais antigas do festival.

Reino

1949 *O Terceiro Homem* (*The Third Man*), Carol Reed, Grã-Bretanha

1951 *Milagre em Milão* (*Miracolo a Milano*), Vittorio De Sica, Itália
Senhorita Júlia (*Fröken Julie*), Alf Sjöberg, Suécia

Hoje todo mundo está careca de saber que os dois grandes filmes na competição eram *A Malvada* de Mankiewicz – que teve de contentar-se com o Prêmio Especial do Júri e Prêmio de Melhor Atriz para Bette Davis – e *Os Esquecidos* de Buñuel, premiado como Melhor Diretor.

1952 *Due Soldi di Speranza*, Renato Castellani, Itália
Othello, Orson Welles, Marrocos

***Umberto D.*, clássico de Vittorio De Sica, foi ignorado, certamente pela premiação, um ano antes, do infinitamente inferior *Milagre em Milão*.**

1953 *O Salário do Medo* (*Le Salaire de la Peur*), Henri-Georges-Clouzot, França

***O Cangaceiro* de Lima Barreto ficou com o Prêmio Internacional de Melhor Filme de Aventura e uma Menção Especial pela Trilha Musical.**

1954 *Jigoku-Mon* (*Gate of Hell*), Teinosuke Kinugasa, Japão

1955 *Marty*, Delbert Mann, EUA

Um ano excelente para o cinema americano, só que dois filmes muito superiores tiveram de se contentar com Prêmio de Melhor Ator (Spencer Tracy em *Conspiração do Silêncio* de John Sturges) e Prêmio de Melhor Filme Dramático (*Vidas Amargas* de Elia Kazan).

1956 *O Mundo do Silêncio* (*Le Monde du Silence*), Louis Malle/Jacques-Yves Costeau, França

Ingmar Bergman voltou para casa com um Prêmio de "Humor Poético" por *Sorrisos de uma Noite de Verão*!

1957 *Sublime Tentação* (*Friendly Persuasion*), William Wyler, EUA

***O Sétimo Selo* de Bergman e *Kanal* do polonês Andrzej Wajda dividiram o Prêmio Especial do Júri. *Noites de Cabíria* de Fellini ficou só com Melhor Atriz para Giuletta Masina.**

1958 *Quando Voam as Cegonhas* (*Letiat Zhuravli*), Mikhail Kalatozov, U.R.S.S.

O maravilhoso *Meu Tio* de Jacques Tati foi consolado com o Prêmio Especial do Júri.

1959 *Orfeu do Carnaval* (*Orphée Noir*), Marcel Camus, França

Buñuel foi homenageado com o Prêmio Internacional por *Nazarin*, enquanto o estreante François Truffaut faturava Melhor Diretor por *Os Incompreendidos* (*Les 400 Coups*).

1960 *A Doce Vida* (*La Dolce Vita*), Federico Fellini, Itália

1961 *Viridiana*, Luis Buñuel, Espanha
Une Aussi Longue Absence, Henri Colpi, França

1962 *O Pagador de Promessas*, Anselmo Duarte, Brasil

A pátria não tem do que reclamar. A favor do Sr. Duarte, foram preteridos Robert Bresson, Antonioni e a pequena obra-prima inglesa *Um Gosto de Mel*, de Tony Richardson.

1963 *O Leopardo* (*Il Gattopardo*), Luchino Visconti, Itália

1964 *Os Guarda-Chuvas do Amor* (*Les Parapluies de Cherbourg*), Jacques Demy, França

Ano fraquíssimo: simplesmente não havia concorrência para o musical cor-de-rosa e açucarado que consagrou uma adolescente Catherine Deneuve.

1965 *A Bossa da Conquista* (*The Knack... And How to Get It*), Richard Lester, Grã-Bretanha

***O Colecionador* de William Wyler ficou só com os Prêmios de Melhor Ator e Atriz, respectivamente Terence Stamp e Samantha Eggar.**

1966 *Um Homem, uma Mulher* (*Un Homme et Une Femme*), Claude Lelouch, França
Confissões à Italiana (*Signore e Signori*), Pietro Germi, Itália

Quem execrou o festival de 1993 como o pior de todos os tempos, precisa dar uma olhada na safra 1966!

1967 *Depois Daquele Beijo* (*Blow Up*), Michelangelo Antonioni, Grã-Bretanha

Vídeo arte

1969 *Se...* (*If...*), Lindsay Anderson, Grã-Bretanha

Por *O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro*, Glauber Rocha dividiu o Prêmio de Melhor Direção com o tcheco Vojetech Jasny. *Easy Rider*, de Dennis Hopper, saiu com um "Prêmio Por Primeiro Filme".

Abril Video

1970 *M*A*S*H**, Robert Altman, EUA

1971 *O Mensageiro* (*The Go-Between*), Joseph Losey, Grã-Bretanha

Morte em Veneza, de Visconti, recebeu o Prêmio Especial de 25º Aniversário do festival.

1972 *A Classe Operária Vai ao Paraíso* (*La Classe Operaria Va in Paradiso*), Elio Petri, Itália

O Caso Mattei (*Il Caso Mattei*), Francesco Rosi, Itália

1973 *O Espantalho* (*Scarecrow*), Jerry Schatzberg, EUA

O Assalariado (*The Hireling*), Alan Bridges, Grã-Bretanha

1974 *A Conversação* (*The Conversation*), Francis Ford Coppola, EUA

Ano excepcional: além da obra-prima de Coppola, *As Mil e Uma Noites* de Pasolini ficou com o Prêmio Especial do Júri e a estréia de Spielberg no festival, *A Louca Escapada* saiu com prêmio de Melhor Roteiro.

1975 *Ahdat Sanawouach El-Djamr*, Mohammed Lakhdar Hamina, Argélia

Num exemplo típico do comportamento do júri, filme obscuro e já esquecido fatura a Palma enquanto *O Enigma de Kaspar Hauser* (Herzog) leva o Grande Prêmio Especial. Agora falando de grandes filmes: *Perfume de Mulher* premia como Melhor Ator Vittorio Gassman, pelo mesmo papel que deu a Al Pacino seu primeiro Oscar, e o genial *Lenny* de Bob Fosse se limita a um esdrúxulo prêmio de Melhor Atriz para Valerie Perrine.

1976 *Taxi Driver*, Martin Scorsese, EUA

1977 *Pai Patrão* (*Padre Padrone*), Paolo e Vittorio Taviani, Itália

Os *Duelistas* ressuscita, para Ridley Scott, o prêmio para "Primeiro Filme", enquanto Glauber Rocha leva um Prêmio Especial do Júri pelo curta-metragem *Di Cavalcanti*.

1978 *A Árvore dos Tamancos* (*L'Albero degli Zoccoli*), Ermano Olmi, Itália

Escândalo! A soporífera saga rural italiana leva a Palma de Ouro, enquanto o revolucionário *Império dos Sentidos* tem de se contentar com o prêmio de Melhor Direção para Nagisa Oshima.

1979 *O Tambor* (*Die Blechtrommel*), Volker Schlöndorff, Alemanha Ocidental

Apocalypse Now, Francis Ford Coppola, EUA

1980 *Kagemusha*, Akira Kurosawa, Japão

O Show Deve Continuar (*All that Jazz*), Bob Fosse, EUA

1981 *O Homem de Ferro* (*Czolowieck Z Zelaza*), Adrzej Wajda, Polônia

O ano de Isabelle Adjani, prêmio de Melhor Atriz por duas atuações: na obra-prima *Possessão* de Andrzej Zulawski e em *Quarteto* de James Ivory. A injustiça: *Mephisto* fica só com Melhor Roteiro. A justiça: *Carruagens de Fogo*, oscarizado até a tampa no ano seguinte, leva apenas um prêmio de Melhor Ator Coadjuvante.

1982 *Missing*, Costa-Gravas, EUA

Yol, Yilmaz Güney-Serif Gören, Turquia

O prêmio de animação para o curta-metragem *Meow*, do brasileiro Marcos Magalhães.

1983 *A Balada de Narayama* (*Narayama Bushi Ko*), Shohei Imamura, Japão

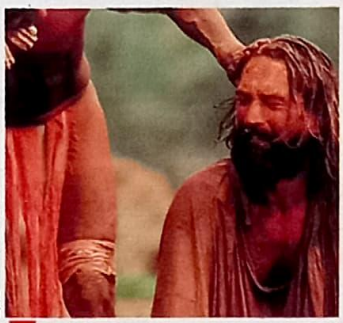
Contra-peso: *O Sentido da Vida* do grupo Monty Python fica com o Grande Prêmio Especial do Júri.

1984 *Paris, Texas*, Wim Wenders, França/Alemanha Ocidental

O Camera D'Or premia *Stranger Than Paradise* e revela internacionalmente o nome de Jim Jarmusch.

1985 *Quando Papai Saiu em Viagem de Negócios* (*Otak Na Sluzbenom Putu*), Emir Kusturica, Iugoslávia

Cher é a Melhor Atriz (por *Mask*)!!! William Hurt, o Melhor Ator pelo *Beijo da Mulher Aranha* de Hector Babenco. Enquanto isso, *Birdy – Asas da Liberdade*, de Alan Parker, fatura o Prêmio Especial do Júri.



Stills

1986 *A Missão* (*The Mission*), Roland Joffe, EUA/Grã-Bretanha

Sacanagem com *O Sacrifício* de Tarkovski, *Mona Lisa* de Neil Jordan e *Depois de Horas* de Scorsese, ou o quê? O último prêmio brasileiro no festival vai para Fernanda Torres, que divide com a alemã Barbara Sukowa, Melhor Atriz por *Eu Sei que Vou te Amar*.

1987 *Sob o Sol de Satã* (*Sous Le Soleil de Satan*), Maurice Pialat, França

A Palma de Ouro mais vaiada da história do festival, num ano em que concorriam *Olhos Negros* (Melhor Ator para Mastroianni), *Asas do Desejo* (Melhor Direção) e *Prick Up Your Ears* de Stephen Frears (Melhor Contribuição Artística para Stanley Myers, autor da trilha sonora).

1988 *Pelle, o Conquistador* (*Pelle Erobreren*), Bille August, Dinamarca

SANYO
NOVA LINHA DE ÁUDIO

Bird, a obra-prima de Clint Eastwood, teve de se contentar com Melhor Ator para Forest Whitaker e com o prêmio da Comissão Técnica pela sua trilha sonora, enquanto o delírio adúltero de *Afogando em Números* de Greenaway ficou apenas com Melhor Contribuição Artística.

1989 *sexo, mentiras e videotape* (*sex, lies and videotape*), Steven Soderbergh, EUA

Cinema Paradiso apenas dividiu o Prêmio Especial do Júri com o francês *Bela Demais para Você*. Já *Faça a Coisa Certa* de Spike Lee foi simplesmente ignorado.

1990 *Coração Selvagem* (*Wild at Heart*), David Lynch, EUA

1991 *Barton Fink*, Joel e Ethan Coen, EUA

O ganhador da Palma de Ouro levou também Melhor Direção e Melhor Ator (John Turturro), um feito inédito que irritou tanto Gilles Jacob que o regulamento desde então proíbe que o júri dê os três prêmios para o mesmo filme. Na mídia, Madonna roubou o show.

Art Films

1992 *As Boas Intenções* (*Den Goda Viljan*), Bille August, Dinamarca

O diretor vitorioso em 1988 prova que tem um lobby sensacional, enquanto *O Jogador* de Robert Altman fica com Melhor Direção e Melhor Ator (Tim Robbins). Na mídia, Sharon Stone roubou o show.

93 PREMIAÇÃO

OFICIAL

• **Palma de Ouro**
The Piano, Jane Campion, Austrália
Adeus à Minha Concubina, Chen Kaige, China/Hong Kong

• **Grande Prêmio do Júri**
In Weiter Ferne, So Nah!, Wim Wenders, Alemanha

• **Prêmio de Interpretação Feminina**
Holly Hunter (*The Piano*)

• **Prêmio de Interpretação Masculina**
David Thewlis (*Naked*)

• **Prêmio de Direção**
Mike Leigh (*Naked*)

• **Prêmio do Júri**
O Mestre de Marionetes, Hou Hsiao Hsien, Taiwan
Raining Stones, Ken Loach, Grã-Bretanha

• **Palma de Ouro de Curta-Metragem**
Coffee and Cigarettes (*Somewhere In California*), Jim Jarmusch, EUA

• **Camera d'Or** (*para diretores iniciantes*)
L'Odeur de la Papaye Verte (Tran Anh Hung Vietnã/França)
Menção especial: *Friends* (Elaine Proctor, África do Sul)

• **Grande Prêmio da Comissão Superior Técnica**
Mazeppa (Bartabas, França)
The Singing Trophy (curta-metragem de Grant Lahood, Nova Zelândia)

PARALELA

• **Prêmio da Crítica internacional**
Adeus à Minha Concubina (Chen Kaige, China)

• **Grande Prêmio da Semana da Crítica**
Cronos (Guillermo del Toro, México)
Melhor Curta-Metragem: *The Debt* (Bruno de Almeida)

• **Prêmio da Confederação Internacional dos Cinemas de Arte**
Moi Ivan, Toi Abraham (Yolande Zauberman, França)

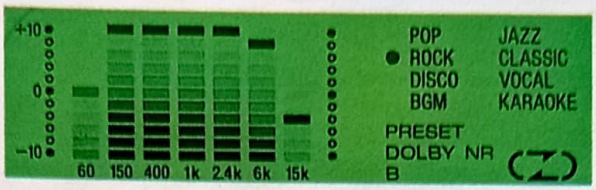
• **Prêmio Ecumênico**
Libera Me (Alain Cavalier, França)

• **Prêmio da Juventude**
Filme francês: *L'Odeur de la Papaye Verte* (Tran Anh Hung, Vietnã/França)
Filme estrangeiro: *La Ardilla Roja* (Julio Medem, Espanha)

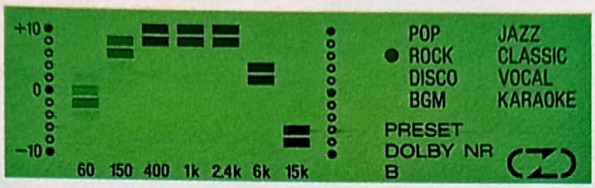
• **Prêmio Rossellini**
Jerzy Toeplitz (crítico, historiador do cinema polonês e fundador de duas escolas: a de Lodz, onde formou-se Roman Polanski, e a da Austrália, onde estudou Jane Campion) e a Escola dos Três Mundos, de Havana.

JÁ QUE REVISTA É COMO CINEMA MUDO, OUÇA O NOSSO SOM COM OS OLHOS.

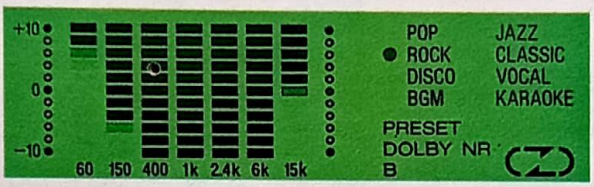
BAR GRAPH: gráfico de barras.



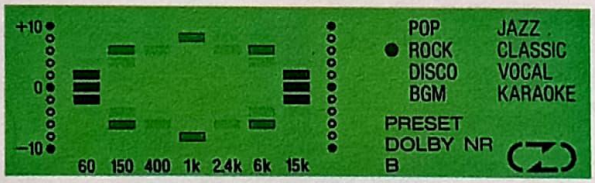
PEAK HOLD: barras com registro dos picos.



PEAK DOTS: registro somente dos picos.



SHOWER: em forma de chuva.



SQUARE: formas geométricas.

COMPACT COMPONENT SYSTEM

Você está vendo um dos maiores avanços em matéria de som: o novo Compact Component System DC-D30. Com ele, cada estilo de música tem um ajuste de equalização diferenciado. São 8 ajustes pré-programados e 3 programáveis, com analisador de espectro em 5 formas de apresentação. Na hora de gravar, um simples toque de botão substitui várias operações: o DC-D30 é equipado com gravação computadorizada. O novo Compact Component System DC-D30 também tem CD Player, gravador duplo deck, rádio AM/FM, equalizador e entrada para vídeo, como você pode ver. Mas se você fechar os olhos, vai sentir que, de compacto, ele não tem nada.

SANYO

DIGITAL SANYO

Borchi & Associados

ROMAGNOLI

89,7 São Paulo

Essa é a rádio.

Mulher Solteira Procura

Querida, Eu Estiquei o Bebê

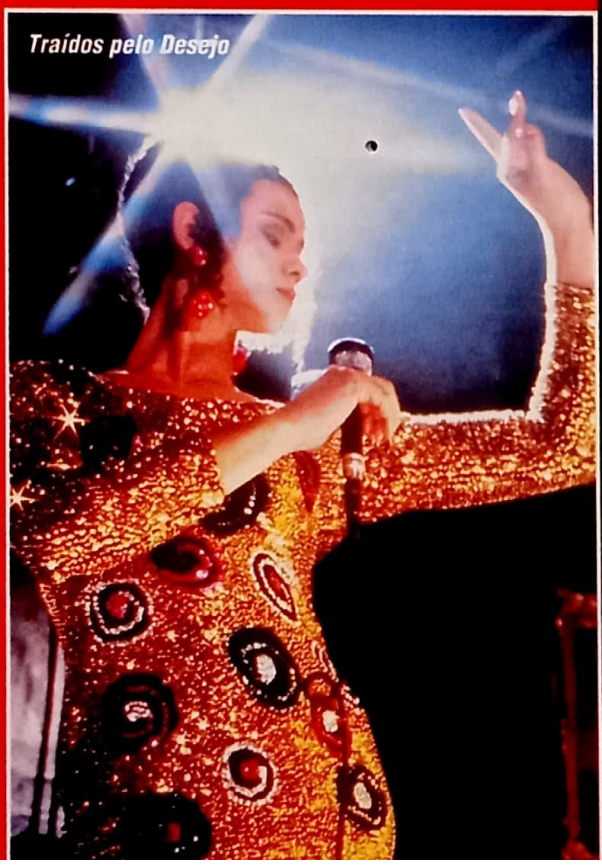
Chegam às locadoras três dos indicados ao Oscar deste ano: *Traídos pelo Desejo*, *Meu Primo Vinny* e *O Sucesso a Qualquer Preço*. Também se destacam os lançamentos de *Mulher Solteira Procura*, *A Última Dança de Salomé*, *Soldado Universal* e *Querida, Eu Estiquei o Bebê*

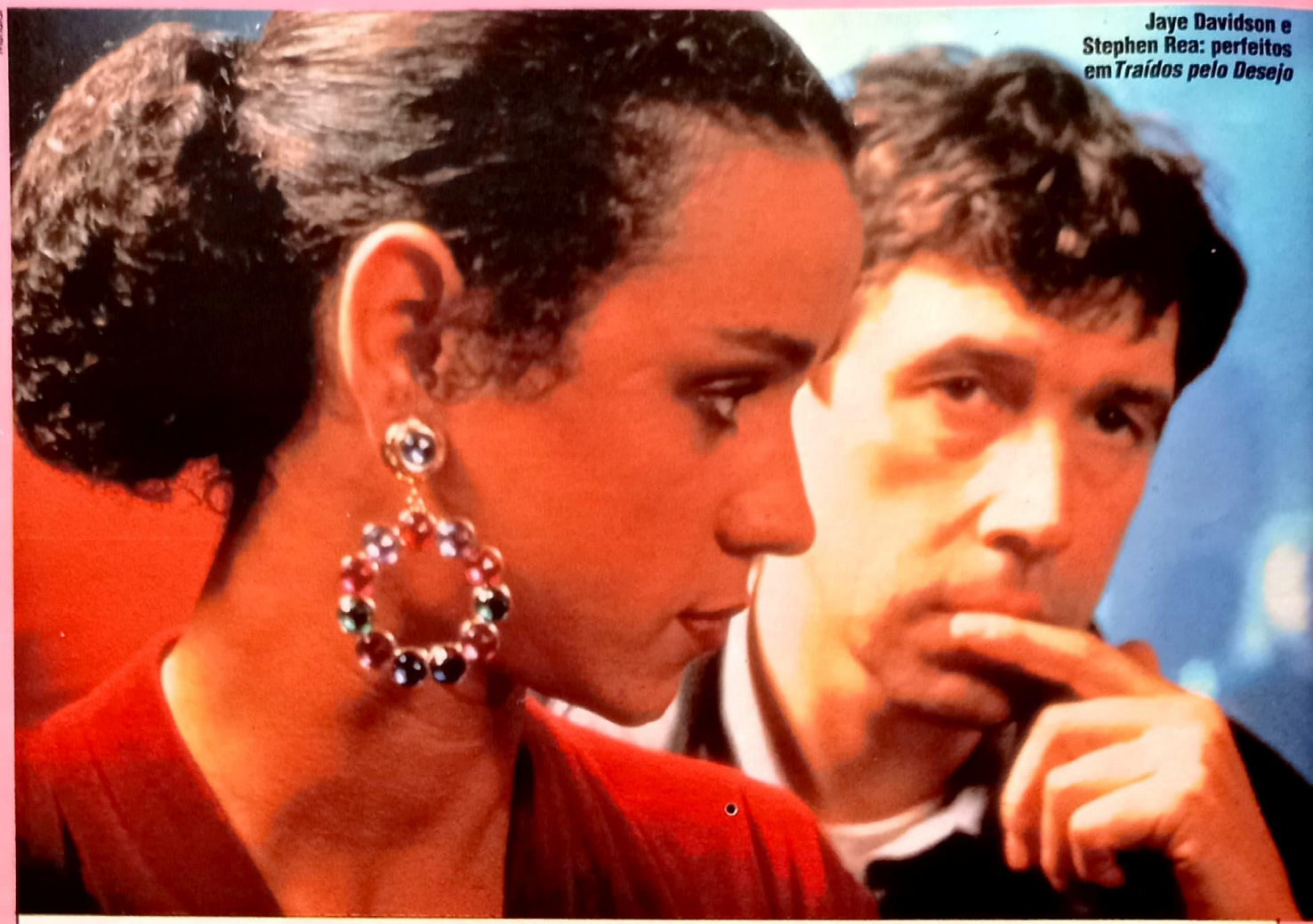
Soldado Universal

COTAÇÕES

★ RUIM
★★ REGULAR
★★★ BOM
★★★★ ÓTIMO
★★★★★ OBRA-PRIMA

A Última Dança de Salomé


Traídos pelo Desejo



Jaye Davidson e Stephen Rea: perfeitos em *Traídos pelo Desejo*

TRAÍDOS PELO DESEJO★★★★

(The Crying Game, Inglaterra, 1992) Direção: Neil Jordan. Com Stephen Rea, Jaye Davidson, Forest Whitaker, Miranda Richardson. Mundial.

Desde que *Mona Lisa* chegou com pouquíssimo alarde aos cinemas brasileiros, as platéias fascinadas fizeram questão de guardar o nome de Neil Jordan, o escritor e diretor de cinema irlandês. Mas até mesmo os habituados com seu talento foram surpreendidos com a chegada de *Traídos pelo Desejo*, um filme que ainda não esvaziou as platéias dos cinemas de arte, mas já ganhou a disponibilidade em vídeo.

É um presente e tanto, pois o filme é uma raridade. Ao mesmo tempo em que acumula deslumbramentos, vai seduzindo os espectadores até colocá-los no plano do mais puro prazer. A crueldade de suas primeiras cenas não sugere a consistência de sonho que o filme vai adquirindo através do desempenho de Stephen Rea, como o guerrilheiro do IRA em processo de total transformação.

Não existe qualquer manipulação. O seqüestrador Fergus (Rea) se transfere para o mundo do soldado seqüestrado (Whitaker) e vai se deixando envolver pelos acontecimentos e pessoas que vivem do outro lado da violência. A atração que ele sente pela namorada do soldado (Jaye) é a de quem pisa em terreno desconhecido e, portanto, fascinante. Na realidade, o fascínio de Fergus é totalmente compartilhado pela platéia quando ele enfrenta a mais espetacular das surpresas, só possível com a diabólica atuação de Jaye Davidson – aproveitando muito bem sua primeira oportunidade no cinema.

Espera-se que quem ainda não viu *Traídos pelo Desejo* não saiba da "surpresa" reservada pelo filme, embora qualquer revelação prematura não perturbe o aproveitamento da história. A grande habilidade de Neil Jordan está na transferência abrupta de Fergus para lugares e situações imprevistas, levando com ele o espectador, que se surpreende com suas próprias e inesperadas reações.

Juntos, Neil Jordan e Stephen Rea fazem com que a platéia seja a mais atenta do ano. O silêncio que acompanha a projeção é, certamente, o da descoberta. É a participação mundial numa história premiada com o Oscar de Melhor Roteiro Original e elaborada por um irlandês que faz também da peruca de Miranda Richardson a mais sinistra do mundo. Assistir a *Traídos pelo Desejo* em casa só pode ser um luxo. Dá para ver várias vezes. Todo mundo tem certeza de que não são platéias novas que, há meses, enchem todos esses cinemas.

Telmo Martino

"(Jordan) ofereceu mais do que um roteiro cheio de reviravoltas, um *whodunit* ou *whoizit*; ele fez uma parábola sobre amor, lealdade, identidade, coragem", *Time*. "*Traídos pelo Desejo* pode ser o tipo de coisa que Fassbinder tentou e nunca conseguiu fazer", *New York*.

BRINCANDO NOS CAMPOS DO SENHOR★★★
(At Play in the Fields of the Lord, EUA, 1991) Direção: Hector Babenco. Com Tom Berenger, Daryl Hannah, John Lithgow. Condor.
Após quase 25 anos de tentativas (Marlon Brando, Paul Newman, Jack Nicholson e John Huston foram alguns dos que se interessaram pelo projeto), Hector Babenco conseguiu filmar a saga do escritor norte-americano Peter Matthiessen sobre um grupo de missionários presbiterianos que pretende levar sua religião aos índios da Amazônia. É também a história de um renegado índio cheyenne, que acaba descobrindo que as mesmas forças que exterminaram seu povo estão presentes também na América do Sul. Se esse não é o melhor filme de Babenco, que comete o pecado de arrastar a história por mais de três horas, ainda assim é incontestável a qualidade de um filme que não se rende aos clichês sobre os "povos da floresta".
Marcelo Rezende

SIMPLES DESEJO★★★★
(Simple Men, EUA, 1992) Direção: Hal Hartley. Com Robert Burke, Willian Sage, Elina Lowenshon. Transvídeo.
Terceiro longa de Hal Hartley, um dos mais cultuados diretores do chamado "cinema independente americano". O filme mostra o estranho relacionamento entre dois irmãos e a procura pelo pai foragido da polícia. Se o enredo parece quase banal, é porque o cinema de Hartley se realiza muito mais na maneira particularíssima de se contar uma história, usando personagens desajustados e diálogos que beiram ao nonsense. O resultado revela o que há de mais perturbador nas coisas aparentemente simples. Para a crítica francesa, seu cinema é uma mistura de Jean-Luc Godard e canções de Elvis Costello. Um filme raro.
M.R.

DESEJOS SECRETOS NO SUNSET MOTEL★★★
(Desire and Hell at Sunset Motel, EUA, 1990) Direção: Alien Castle. Com Sherilyn Fenn, Whip Hubley, David Hewlett. Abril Vídeo.
Nesse filme que lembra o *Acossado*, de Godard, e *Providence*, de Alain Resnais, o novato e talentoso diretor Alien Castle traz Sherilyn Fenn num papel parecido com o que fez em *Twin Peaks*, a de uma desmiolada sexy. Passado nos anos 50, Sherilyn interpreta uma garota com problemas conjugais. Ela e o marido vão passar uns dias no Sunset Motel, onde ele, que pensa estar sendo traído, contrata o beatnik Deadpan para espionar a mulher. É aí que entra Auggie, "caso" da moça, que também se hospeda no motel. A história fica mais nublada quando Fenn toma um medicamento que lhe dá uma amnésia temporária.
F.C.

GEORGE & FREDERICK★★★
(Impromptu, EUA, 1991) Direção: James Lapine. Com Judy Davis, Julian Sands, Emma Thompson. LK-Tel/Vídeo.
Estréia do diretor teatral Lapine nos cinemas, com uma mistura de ficção e fato real ao narrar o romance entre a poetisa George Sand e o compositor Chopin. É quase uma crônica de costumes, bem-humorada e maledicente. Além da produção luxuosa e da trama, curiosa por si só, o filme atrai pelo impecável elenco, em que se destaca Emma Thompson.
Ch.P.

O GUARDA-COSTAS ★★

(The Bodyguard, EUA, 1992) Direção: Mick Jackson. Com Kevin Costner, Whitney Houston, Gary Kemp. Warner.

O roteirista Lawrence Kasdan, amigo pessoal de Costner, afirmou ter esta história na cabeça há mais de dez anos, mas Kasdan já fez outras melhores. A trama poderia ser interessante se não fosse atropelada por inúmeros tempos mortos, diálogos desnecessários e pistas falsas.

Apesar da produção luxuosa, do carisma de Costner (aqui com um corte de cabelo nota zero) e de Whitney Houston (uma das rainhas da música pop) e da trilha sonora com duas canções que concorreram ao Oscar ("I Have Nothing" e "Run to You"), falta algo mais para sustentar um filme dessa envergadura.

O Guarda-Costas marca o lançamento como atriz, já em esquema de estrelato, da cantora Whitney Houston. Atuar ela não atua, mas pelo menos consegue ter presença na tela. O que ela não consegue é convencer nas cenas de amor, tão pré-fabricadas quanto seu casamento com o *rapper* Bobby Brown – nem mesmo os fãs acreditam muito na heterossexualidade de Whitney. No final das contas, resta ao espectador sério de cinema apenas o clímax, uma encenação *fake* da entrega do Oscar (o ego da cantora não tem tamanho!), na qual há uma ponta da muito ausente Debbie Reynolds (*Cantando na Chuva*). Já o final romântico chove no molhado.

Christian Petermann

"A situação não é muito bem desenvolvida. A questão de quem está seguindo a celebridade não é colocada de maneira firme, e as duas ou três seqüências de suspense ficam isoladas (...) Não dá para dizer que a presença de Whitney domina a tela, mas ela é simpática e vulnerável – uma lady dando seu primeiro passo no que pode vir a ser uma longa carreira", *Time*.

Warner

Whitney Houston e Kevin Costner dão o sangue em *O Guarda-Costas* mas não despertam grandes emoções

Imogen Millais-Scott : a camareira que interpreta a heroína de Oscar Wilde em *A Última Dança de Salomé*

LK-Tel/Vídeo

A ÚLTIMA DANÇA DE SALOMÉ★★★

(Salome's Last Dance, EUA, 1988) Direção: Ken Russell. Com Glenda Jackson, Nickolas Grace, Imogen Millais-Scott, Douglas Hudge. LK-Tel/Vídeo.

Extravagante e bizarro são adjetivos inseparáveis da obra cinematográfica do inglês Ken Russell (65 anos), diretor de filmes como *Lisztomania* (biografia do compositor Franz Liszt) e *Tommy*, da ópera-rock do grupo The Who. Em *A Última Dança de Salomé* o cineasta encontra um personagem à altura do seu exibicionismo e opção preferencial pelo exagero: ninguém menos do que o escritor britânico Oscar Wilde (1854-1900), o debochado autor do drama em versos *Salomé*, inspirado no "Evangelho Segundo São Marcos" e escrito originalmente em francês no ano de 1891, quando Wilde não se continha na sua admiração pelos simbolistas.

O filme de Russell não se limita à mera recriação da peça. Coloca na tela o próprio Wilde (Nickolas Grace) assistindo num bordel londrino uma encenação de sua obra, então proibida. A heroína é representada por uma vulgar camareira (Imogen Millais-Scott, hilariante), enquanto João Batista será feito pelo amante de Wilde, Lord Alfred Douglas (Douglas Hudge). Em participação especial, como a mãe de Salomé, brilha a grande Glenda Jackson. Não faltam a este pequeno filme nem deboche e muito menos humor, além de uma brilhante solução cinematográfica que o diretor aplica a seu desfecho. *A Última Dança...* não é indicado para todo tipo de espectador, mas quem aprecia o supérfluo inteligente vai gostar.

Edmar Pereira

"As vulgaridades desvalorizam completamente a inventividade visual", *The New York Times.*

DESEJO DE AMAR ★

(Priceless Beauty, Itália, 1988) Direção: Charles Finch. Com: Christopher Lambert, Diane Lane, Francesco Quinn, J.C. Quinn, Claudia Ohana, Monica Scattini, Joaquin D'Almeida. Paris.

Dá até para imaginar a competente e belíssima Diane Lane – que já foi uma das preferidas do diretor Francis Ford Coppola (em *Vidas Sem Rumo* e *Cotton Club*) – sair de uma lâmpada num passe de mágica para atender três desejos do insípido e infeliz Lambert, cantor de rock que abandona a carreira e vive isolado depois da morte do irmão. Mas entender como o casal de estrelas entrou nessa versão chinfrim de *Jeannie É um Gênio*, que não convence nem as irracionais fãs do charme vesgo de Lambert, é missão impossível. A direção amadora costura diálogos e cenas improváveis, com produção paupérrima e atuações sofríveis do casal de protagonistas. Nem Claudia Ohana no elenco vale o esforço. É melhor esperar pela próxima novela.

Fátima Gigliotti

RATOS E HOMENS★★★

(Of Mice and Men, EUA, 1992) Direção: Gary Sinise. Com Gary Sinise, John Malkovich, Sherilyn Fenn. Warner.

Terceira adaptação do romance de John Steinbeck (a primeira – e mais famosa – foi realizada na década de 30), mostra a América durante o período de depressão econômica através da história de dois homens e sua luta pela sobrevivência: George e seu companheiro com problemas mentais. Fruto do trabalho no teatro do ator e diretor Gary Sinise, o filme não decepciona os fãs de uma boa história.

M.R.

O SUCESSO A QUALQUER PREÇO ★★★★

(Glengarry Glen Ross, EUA, 1992) Direção: James Foley. Com Al Pacino, Jack Lemmon, Alec Baldwin, Ed Harris. Look.

Desde 1986 e do excelente policial *Caminhos Violentos* que James Foley não aparecia com um filme de qualidade. Não por menos, o roteiro é do mestre moderno das tramas intrincadas, David Mamet, que adaptou essa peça de sua autoria, premiada com um Pulitzer em 1984. Outro ponto forte é o elenco homogêneo de atores do naipe de Al Pacino, Jack Lemmon, Ed Harris e Alan Arkin, que interpretam os quatro vendedores imobiliários com a missão barata de vender terrenos ordinários a velhinhos incautos.

Embaixo de uma insuportável pressão de quartel, eles são ameaçados pelo arrogante supervisor (Baldwin) a efetuar as vendas a qualquer custo, sob pena de perderem seus empregos. É um filme masculino com magníficas interpretações, num cenário lúgubre de uma noite de chuva que mostra com realismo cruel o mundo dos negócios. Se houvesse tiros e mortes, poderia ser comparado a *Cães de Aluguel.*

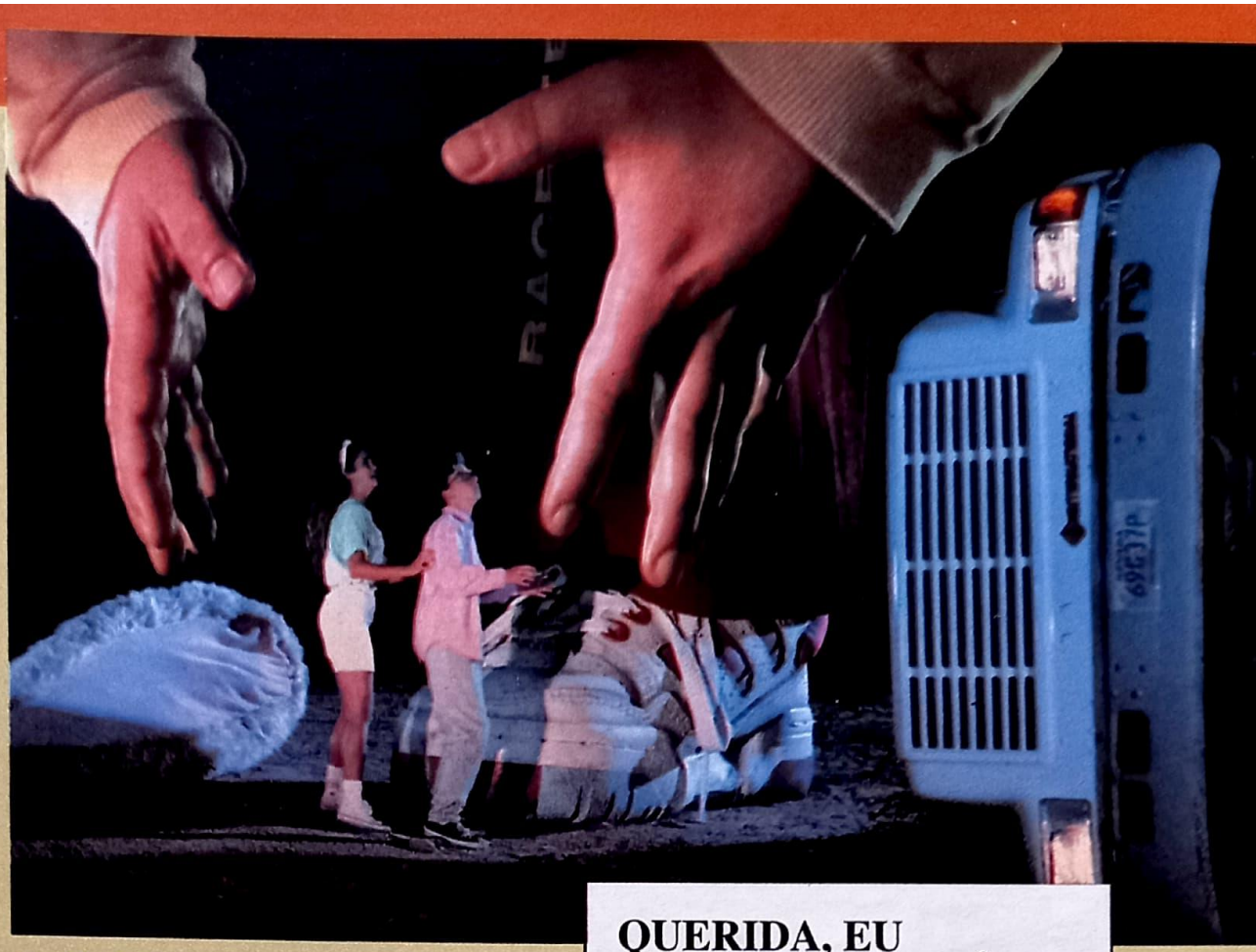
Walter de Silva

MEU PRIMO VINNY ★★★★
(My Cousin Vinny, EUA, 1992) Direção: Jonathan Lynn. Com Joe Pesci, Marisa Tomei, Ralph Macchio. Abril Vídeo.
Bill Gambini (Ralph Macchio, de *Karatê Kid*) e um amigo vão de férias para Nova York e na volta são presos e acusados de assassinato. Entram em cena então Vinny Gambini (Pesci) e sua prima Monnalisa Vito (Marisa). Ele é um advogado recém-formado que consegue seu primeiro caso. Ela é uma garota bonitona, mecânica de automóveis, que dá uma "força" ao namorado. Ambos são do Brooklyn, ambos são brega, e caem numa cidadezinha de moral vitoriana. O grande momento de Marisa Tomei é quando, no tribunal, ela faz jus à tradição da sua família de mecânicos. Quem viu esta cena sabe por que ela ganhou o Oscar deste ano de Melhor Atriz Coadjuvante.
Francisco Costa

UMA GAROTA MUITO ESPECIAL ★★★
(Just One of the Girls, EUA, 1992) Direção: Michael Keusch. Com Corey Haim, Cameron Bancroft, Nicole Eggert. Califórnia.
Se você quer alugar um filme descompromissado, não hesite pois *Uma Garota...* é uma boa surpresa. Apesar de ser a típica comédia adolescente americana, o filme é engraçado e não usa do sexo gratuito para fazer graça. Corey Haim (de *Sem Licença para Dirigir* e *Garotos Perdidos*) se mete numa baita encrenca ao se mudar de colégio: um cara (Cameron Bancroft) quer amassar sua cara. A única maneira que encontra para se safar da surra é travestindo-se de mulher, e passa a ser a melhor "amiga" da garota (Nicole Eggert) que ele quer conquistar. Mas o pior vem depois, porque Haim vira uma gatinha que arrasa corações, inclusive o de seu arquiinimigo.
D.P.

O GRANDE DIA NA PRAIA ★★★★
(The Great Day on the Beach, Dinamarca, 1990) Direção: Stellan Olsson. Com Erik Clausen, Nina Gunko. Vídeo Arte.
O Grande Dia na Praia atinge a sensibilidade do espectador ao apostar no carisma do ator mirim Benjamin Rothenborg Vibe, que interpreta Gustav Adolf, o filho único de um casal pobre que descobre o mundo de forma peculiar. Boa parte da ação se concentra no desenrolar de uma excursão à praia, que reúne os mais belos momentos e catalisa o processo de maturidade do garoto. Não é um filme de grandes verdades ou considerações. Sua empatia nasce da universalidade do cotidiano mostrado.
Ch.P.

HÉRCULES EM NEW YORK ★
(Hercules in New York, EUA, 1970) Direção: Arthur Allan Seidelman. Com Arnold Schwarzenegger, James Karen. Opção.
Estréia nas telas de Schwarzenegger. Antes de ser Conan e o "último super-herói", Schwarzie foi Hércules, que abandona o Monte Olimpo e viaja até a Terra para se meter em encrencas com mafiosos e lutadores corruptos. A produção é muito pobre e notavelmente canhestra, o que de certa forma contribui para esta "comédia" ser ainda mais engraçada. Com a ascensão de seu protagonista, o filme foi duas vezes "enxugado" em sua duração, intitulando-se ora *Hercules the Movie* ora *Hercules Goes Bananas*. Esta versão é a original.
Ch.P.



***Querida, Eu Estiquei o Bebê* abusa do gugu-dadá para tentar repetir o sucesso do primeiro filme**

QUERIDA, EU ESTIQUEI O BEBÊ ★★

(Honey, I Blew Up the Kid, EUA, 1992) Direção: Randal Kleiser. Com Rick Moranis, Marcia Strassman, Lloyd Bridges. Abril Vídeo.

O filme segue a mesma linha do original, *Querida, Eu Encolhi as Crianças*. O cientista Wayne Szalinsky (Rick Moranis) é um mix de Jerry Lewis com o professor Pardal. No primeiro filme, ele inventava uma máquina que acidentalmente reduzia seus filhos ao tamanho de uma pulga. Agora, ele aumenta o filho mais novo e seu coelho de pelúcia.

Mas desta vez a mudança não é súbita. O garoto aumenta sempre que fica próximo de uma fonte de energia. Primeiro se aproxima do forno de microondas e cresce até dois metros e meio. Depois, foge de casa e se dirige à cidade com o maior consumo de energia elétrica do planeta, Las Vegas.

O filme é divertido, mas no mano-a-mano com o original leva a pior. O primeiro tinha um roteiro mais elaborado. O erro deste aqui se confunde com o seu desafio. A atenção e toda graça do filme é centrada no personagem do bebê. Depois de 40 minutos de gugu-dadá, o espectador se distrai e vai ver a programação da geladeira.

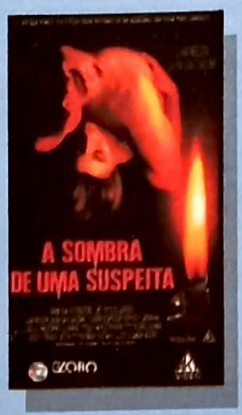
Hamilton Rosa Júnior

"Os *filmmakers* tiveram que lidar com o fato de o argumento ser baseado em uma só piada, e apesar de alguma repetitividade, conseguiram realizar a tarefa com sucesso", *Variety*.

UM PERIGO DE MULHER★★★
(The Gun in Betty Lou's Handbag, EUA, 1992) Direção: Allan Moyle. Com Penelope Ann Miller, Eric Thal. Abril Vídeo.
O velho tema da "mulher despersonalizada que faz o que pode para ter seu lugar no mundo" acontece aqui com Betty Lou, uma bibliotecária que não consegue impor suas idéias no trabalho. Seu marido a trata mal e sua única amiga é a cachorrinha Scarlet. Mas tudo muda quando encontra a arma usada num assassinato e, para reforçar o ego, dá uns tirinhos no espelho de um toalete de uma loja. Para chamar ainda mais a atenção, ela assume a culpa do homicídio.
F.C.

GEMIDOS DE PRAZER★★★
(Whispers in the Dark, EUA, 1992) Direção: Christopher Crowe. Com Annabella Sciorra, Jamey Sheridan. CIC.
Gemidos de Prazer arrepia psicanalistas com um mistério evidente mas enganoso feito um complexo de Édipo. Annabella Sciorra é uma psicanalista com a figura paterna a lhe tirar o sono que arruma uma cliente masoquista e se envolve com o namorado dela. Mas a moça aparece enforcada e a frágil psicanalista volta ao divã do ex-mestre (Alan Alda). O final se converte em apelação, mas o "durante" faz um quebra-cabeças engenhoso com os clichês psicanalíticos.
C.G.L.

UM JOGO PERIGOSO★★
(Storyville, EUA, 1992) Direção: Mark Frost. Com James Spader, Johanna Whaley Kilmer. LK-Tel/Vídeo.
O roteirista Mark Frost, de *Twin Peaks* tenta a direção neste thriller. A história do candidato a senador (Spader) que descobre os podres da família tem semelhanças com a série de TV, mas Frost mostra que não sabe acumular cargos: não dá agilidade à narrativa, não entende de direção de atores e se atrapalha até no roteiro. O resultado é confuso e artificial. O melhor fica por conta de Charlotte Lewis. Ela dá porrada e ao mesmo tempo transa com James Spader numa academia de aikidô.
H.R.Jr.

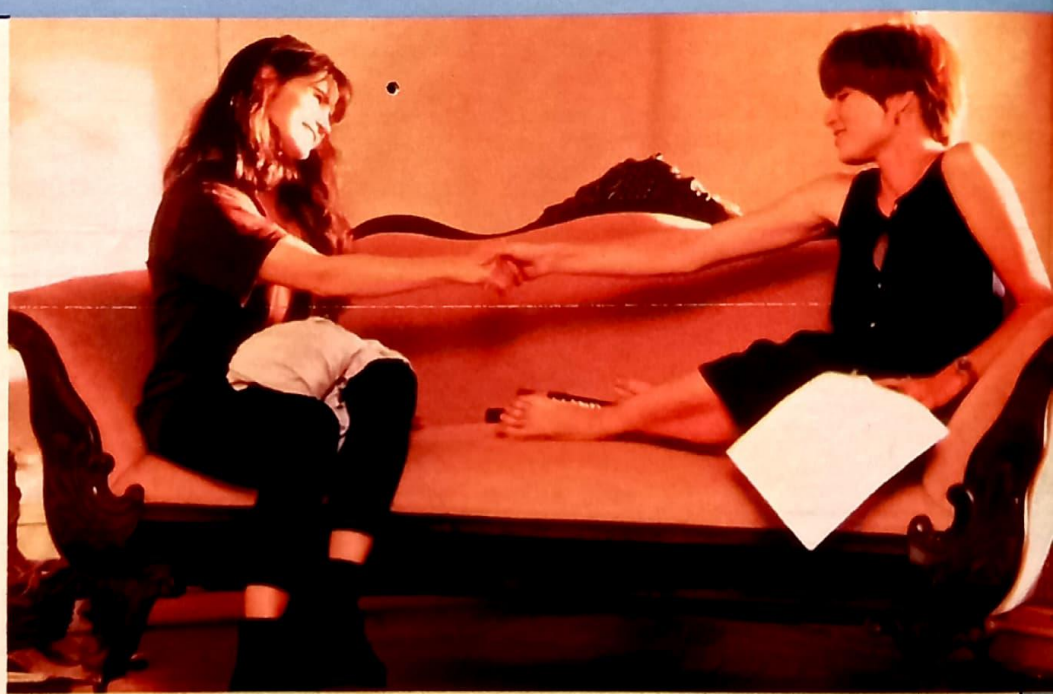


À SOMBRA DE UMA SUSPEITA★★★
(Under Suspicion, Inglaterra, 1991) Direção: Simon Moore. Com Liam Neeson, Laura San Giacomo. Globo Vídeo.
O clima de filme *noir* predomina neste policial de trama inteligente e fotografia deslumbrante. Não é à toa que a história se passa na nevoenta Brighton, nas cercanias de Londres, em 1957.
Tony Aaron (Liam Neeson), ex-policial, agora vive de forjar flagrantes de adultério, em parceria com a mulher (Maggie O'Neil), para servir de prova em processos de divórcio nos tribunais. Mas acaba fotografando os corpos de um cliente e de sua própria mulher embebidos de sangue. A misteriosa viúva (Laura San Giacomo) do cliente quer desvendar o duplo assassinato, e contrata Neeson para ajudá-la. Entre inesperadas reviravoltas, o novo detetive torna-se um dos principais suspeitos. Não dá para perder um minuto.
Fátima Gigliotti

MULHER SOLTEIRA PROCURA ★★

(Single White Female, EUA, 1992) Direção: Barbet Schroeder. Com Bridget Fonda, Jennifer Jason Leigh. LK-Tel/Vídeo.

Uma jovem solteira (Bridget) bota um anúncio no jornal e aluga um quarto para uma estranha (Jennifer) sem saber que está abrindo seu apartamento para uma assassina. A idéia deste thriller psicológico é boa. Um duelo de vaidades e a rivalidade sensual entre duas belas meninas (Bridget está em ascensão em Hollywood) deveriam fazer sucesso. Mas a mistura de suspense e sensualidade infelizmente não surpreende neste último filme de Barbet Schroeder, principalmente pelo desfecho previsível. São sustos óbvios, acontecimentos improváveis (um homem que parecia morto acorda de repente), suspense sem sutileza etc.


Bridget Fonda, à direita, entra numa fria quando abre sua casa para Jennifer Jason Leigh

E Schroeder errou apesar de ter seguido à risca a cartilha de Hitchcock, recriando uma história que já foi contada à exaustão: um psicótico assume o lugar de outra pessoa, que passa a lutar para provar sua inocência. O próprio Schroeder já fez melhor em *O Reverso da Fortuna* (Oscar de Melhor Ator para Jeremy Irons). Mas também tropeçou em *Barfly – Condenados pelo Vício*, com roteiro de Charles Bukowski, mostrando que é um europeu (de criação) não totalmente adaptado em Hollywood. Em *Mulher Solteira Procura*, ficou devendo um suspense com mais ritmo e menos maquiagem. Brian de Palma já fez bem melhor.
Marcos Strecker

"Vender emoções baratas envoltas com psicologia pop pode garantir ao diretor Schroeder um sucesso, mas que decadência", *Rolling Stone*.

A HORA DO PESADELO 4 – O MESTRE DOS SONHOS★★
(A Nightmare On Elm Street 4: The Dream Master, EUA, 1988) Direção: Renny Harlin. Com Robert Englund, Rodney Eastman, Danny Hassel. Abril Vídeo.
O diretor de *Duro de Matar 2*, Renny Harlin, conduz Freddy Krueger por entre as mentes dos sobreviventes do episódio anterior e de uma nova geração de moradores de Elm Street, coitados! Apenas mais um pretexto para alinhavar mortes absurdas, com efeitos especiais de primeira, como transformar uma garota pouco a pouco em barata.
F.G.

A FORTALEZA★
(Fortress, EUA, 1993) Direção: Stuart Gordon. Com Christopher Lambert, Kurtwood Smith. Top Tape.
Se o mirrado Lambert custava a convencer com uma espada em *Highlander*, o que dizer do rapaz enfrentando brucutus numa casa de detenção high-tech? O valentão é mandado para a prisão e é vigiado por um supercomputador: a engenhoca injeta explosivo no intestino dos condenados e ameaça explodi-los a qualquer ameaça de revolta. Lambert, claro, quer ser o líder da fuga dos prisioneiros, mas antes tem que enfrentar um gigante que ostenta, orgulhoso, uma tatuagem com o número 187 na testa. Só para quem não acredita que Lambert seria o 188.
H.R.Jr.

O RETORNO A SALEM'S LOT★★
(Return to Salem's Lot, EUA, 1987) Direção: Larry Cohen. Com Michael Moriarty, Samuel Fuller. Warner.
O enredo é tão confuso, o filme é tão mal resolvido que em alguns momentos fica quase bom. Em um instante, por exemplo, os vampiros não resistem à luz do sol, em outro instante eles estão correndo atrás dos mocinhos, à luz do sol. E de repente, do nada, sem a menor razão de ser, surge o veterano diretor Samuel Fuller fazendo um caçador de nazistas, mais parecendo o Groucho Marx. O efeito é o de um pesadelo sem sentido. Surrealismo involuntário do incompetente Larry Cohen.
Rogério de Campos

SCANNERS III – O DUELO FINAL★★
(Scanners III – The Takeover, Canadá, 1991) Direção: Christian Duguay. Com Liliana Komorowska, Valerie Valois. Europa.
Em seu terceiro episódio, os scanners entraram na onda do kickboxer. Perderam a bacaneza do padrão Cronnenberg, mas ganharam um ritmo de série de TV das boas. Os efeitos especiais estão mais para defeitos e as cabeças explosivas e veias dilatadas são usadas com economia. Para compensar, a trama, mesmo que fuleira, prende a atenção como uma boa história em quadrinhos. As brigas são tão falsas e divertidas como as dos filmes do Trinity, só que em vez de socos o herói distribui pancadas scanners invisíveis. É mole?
C.E. M.

A BOLHA★

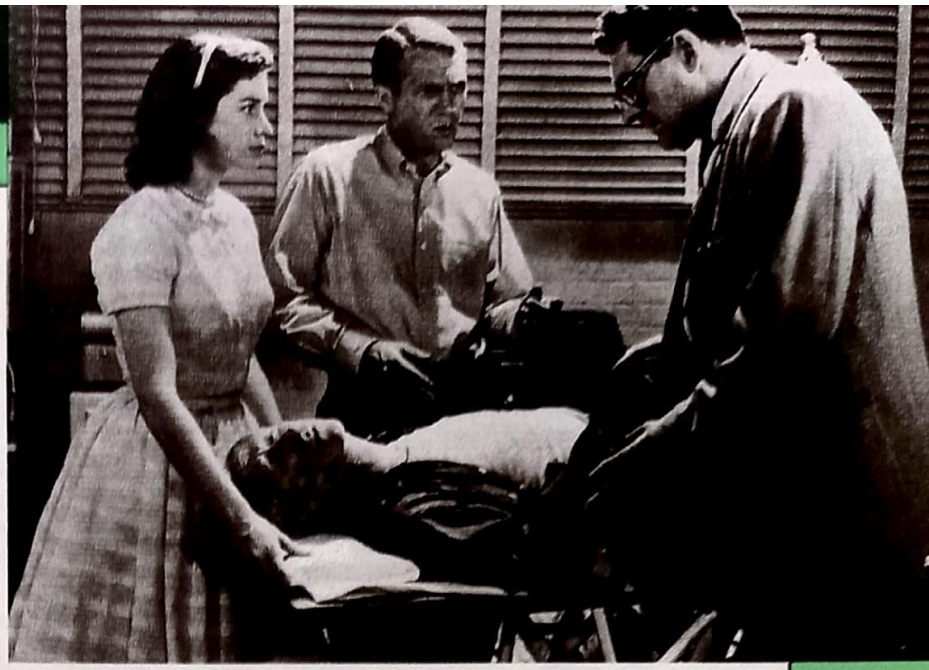
(The Blob, EUA, 1958) Direção: Irvin S. Yeaworth Jr. Com Steve McQueen, Aneta Corseaut, Earl Rowe. Opção.

Não se irrite. Se você é um leitor purista que prefere sempre a versão original de um filme ao seu remake, não leia esta crítica. Afinal, *A Bolha* é um *cult-movie* indiscutível. A geléia assassina do espaço exterior – que devora homens, mulheres, crianças e animais de pequeno porte sem nenhuma crise de consciência – faz parte da cultura pop americana.

No entanto, este crítico tem a ingrata missão de informar que o filme não sobreviveu ao tempo. É ingênuo, lento e tem um roteiro lamentável. Não tem personagens: apenas vítimas e sobreviventes. E é aí que o remake de 1988 ganha de goleada. Os personagens são mais definidos, a trama é menos ingênua (no segundo filme, o bicho é uma experiência de guerra biológica e não um troço que veio do espaço, confere?). Kevin Dillon convence mais como *bad guy* que Steve McQueen como adolescente bonzinho. E a direção de Chuck Russell é muito superior à de Irving S. Yaworth Jr. Tem agilidade, um certo estilo e mantém o espectador em pânico na cadeira do começo ao fim.

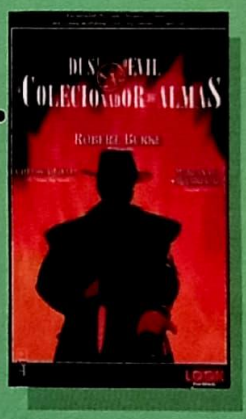
OK, o filme de 1958 tem méritos indiscutíveis: foi o primeiro a ser estrelado por atores *teen* que tentavam salvar a cidade, apesar da oposição de policiais fascistóides e de adultos que não confiavam em ninguém com menos de trinta anos. A cena da bolha atacando os espectadores de um filme de terror foi imitada e plagiada tantas vezes que acabou pasteurizada. Tirando isso, o que sobra? A música-tema de Burt Bacharach? Hmmm... Ah, sim! O filme deu ao iniciante Steve McQueen o seu primeiro papel central. Mas, convenhamos, isto não chega a ser necessariamente um motivo de orgulho. Chega?

Edson Arantes



O jovem Steve McQueen, no centro, protagoniza o datado *A Bolha*

O COLECIONADOR DE ALMAS★★★
(Dust Devil, Inglaterra/EUA, 1992) Direção: Richard Stanley. Com Robert Burke, Chelsea Field, Zakes Mokae, Marianne Sagebrecht. Look.



Em *O Colecionador de Almas*, Richard Stanley fez uma salada de gêneros. Ele mistura western, surrealismo e terror, filtrados com o mesmo tom sépia que marcou a sua estréia na direção (*Hardware*). Tudo isso para disfarçar a simplicidade do enredo: é a velha história de Drácula, só que transposta para o deserto da Namíbia. Robert Burke (*Robocop III*) é o "dust devil" (demônio do pó), um ser que habita um corpo humano e se alimenta das almas de suas vítimas enquanto vagueia eternamente pelo deserto.

Stanley não brinca em serviço e mostra dedos e cabeças decepados, corpos calcinados, tudo com closes longos o suficiente para revirar estômagos vegetarianos. O diretor sul-africano manteve outra boa característica mostrada em *Hardware*: os heróis não têm vez em seus filmes.

Vitor Paolozzi

BRANFORD MARSALIS – THE MUSIC TELLS YOU★★★★

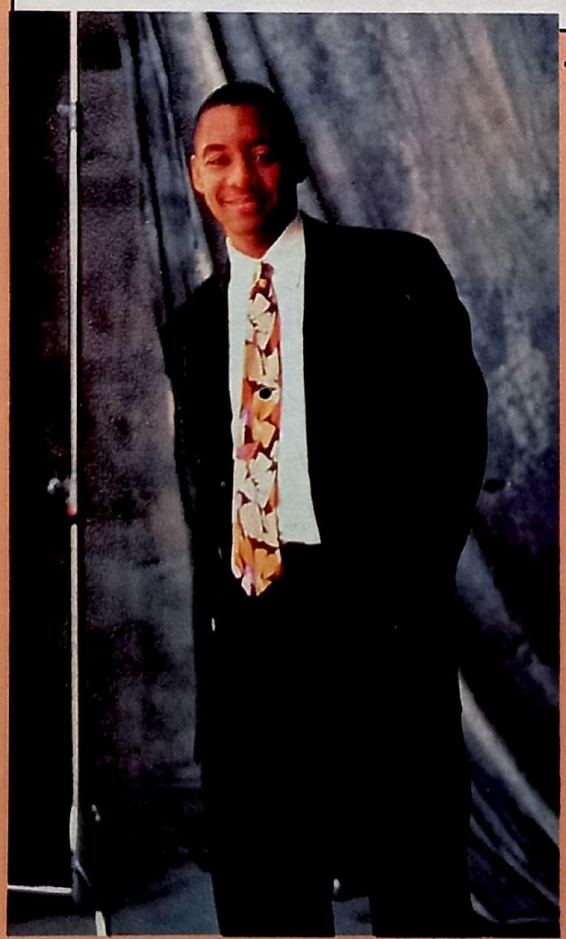
(EUA, 1991) Direção: D.A. Pennebaker e Chris Hegedus. Sony.

Branford Marsalis pertence à família mais refinada e decantada do mundo do jazz de que se tem notícia em muitas gerações. Família de Nova Orleans, claro. Elis, o pai, é *bandleader* e pianista. Winton, o irmão mais badalado, é trompetista. Ainda há os irmãos Jason, percussionista, e Delfeayo, trombonista e editor de imagens deste *The Music Tells You*.

O que mais chama a atenção neste documentário de 60 minutos não é a sofisticada música de Branford, à frente do trio formado com Robert Hurst (baixo) e Jeff "Tain" Watts (bateria). É a serenidade e a simplicidade de um jazzista que não só tem idéias absolutamente definidas a respeito de seu trabalho, como também reconhece com clareza o mundo em que vive, em que não adianta o confronto com os brancos ou a música pop. Tanto que não se recusa a tocar com Sting ou Grateful Dead. Nem se importa de dizer que Elton John e Led Zeppelin lhe fizeram a cabeça, ou que Hendrix será sempre seu ídolo.

No palco, onde Branford domina com rara elegância o sax barítono, em que se sucedem textos musicais fantásticos, como "Without a Pass", "Citizen Tain", ou quando vira de ponta- cabeça "Bring on the Night", o espectador entende por que o jazz voltou a Louis Armstrong. A Nova Orleans. E Branford sabe contar ótimas piadas, como aquela do Kenny G, que o leitor poderá conferir.

Francisco Costa



Sony

Branford Marsalis mostra em *The Music Tells You* por que é um dos maiores nomes do jazz moderno

JIMI HENDRIX EXPERIENCE★★★★

(EUA, 1990) Direção: Peter Neal. BMG.

Esta fita é uma mistura de shows que o guitarrista e seu grupo deram em Londres em 1967 com entrevistas e cenas soltas. Hendrix era imprevisível, às vezes genial, às vezes sem inspiração. Aqui, ele aparece em forma, com seu melhor repertório. Ao lado de Noel Redding (baixo) e Mitch Mitchell (bateria), Hendrix toca versões incendiárias de "Purple Haze", "Voodoo Chile", "Wild Thing" e outras. A barulheira que estes caras faziam há 25 anos deixa babando os atuais grupos de garagem. É olhar para Hendrix e sentir que a postura e som dos grupos atuais não é novidade. Hendrix nunca vai ficar ultrapassado.

Paulo Cavalcanti

JOSÉ CARRERAS SINGS ANDREW LLOYD WEBBER★★

(Inglaterra, 1991) Direção: Jon Scoffield Warner.

O tenor catalão José Carreras apresenta sempre o mesmo prato: canções, orquestra, convidados, emoção. Mistura alhos e bugalhos numa paella musical muitas vezes indigesta. Esse concerto de Carreras, feito para a Central Television de Londres em 1991, traz a novidade da homogeneidade. O repertório é do arquikitsch Lloyd Webber, autor de *Cats*, *O Fantasma da Ópera*. Carreras tem boa voz e convence no romantismo amanteigado das melodias bobalhonas de Webber. Suas convidadas são inglesas gordotas que cantam no West End. Câmera parada, orquestra insossa, é um espetáculo só para fãs.

Luís Antônio Giron

TCHAIKOVSKY GALA IN LENINGRAD★★★★

(Rússia, 1990) Direção: Brian Large. BMG.

Gravado em Leningrado, nas comemorações do sesquicentenário do nascimento de Piotr Ilich Tchaikovsky, este vídeo é uma digníssima homenagem ao mestre russo. A Filarmônica de Leningrado, regida por Yuri Temirkanov, recebe convidados como o pianista Boris Berezovsky e o cellista Yo-Yo Ma. Mas quem brilha é o violinista Itzhak Perlman, com suas interpretações inspiradas de "Serenata Melancólica, Op. 26" e "Valse Scherzo, Op. 34", e a soprano Jessie Norman. Jessie é quem arranca o maior número de aplausos, com "Joana D'Arc (A Serva de Orleans)", numa atuação sublime. A iluminação é branca demais, mas o que importa mesmo é a música, brilhante.

C.E. M.

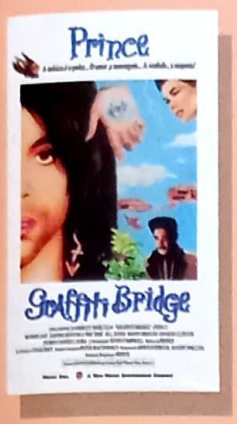
MILES IN PARIS★★★

(EUA, 1989) Direção: Frank Cassenti. Warner.

Miles in Paris, gravado durante o Paris Jazz Festival no final de 1989, mostra o lado mais pop de Miles Davis, começando de cara com o hit de Michael Jackson "Human Nature". O espírito de Marcus Miller ronda o show, quatro das nove músicas são de sua autoria e os arranjos afunkalhados são descaradamente millerianos. Pena que ele não esteja de corpo presente.

Os dois baixistas que compõem a banda não fazem muito mais que uma cozinha eficiente. As músicas são intercaladas – às vezes broxantemente interrompidas – por entrevistas onde Miles discorre sobre sua música, pintura moderna e apartheid. Sem legendas para compensar a dicção de "Darth Vader" do trompetista, a compreensão da entrevista pode ficar prejudicada. Em resumo, *Miles in Paris* não é um vídeo indispensável. O show tem alguns picos mas é morno na maior parte do tempo. A direção mais atrapalha que ajuda, mais preocupada em seguir os passos do monstro sagrado do jazz do que mostrar o desempenho de cada músico. Vale a pena dar uma olhada porque Miles é sempre Miles.

Heinar Maracy



GRAFFITI BRIDGE★
(EUA, 1990) Direção: Prince. Com Prince, Ingrid Chavez, Morris Day, George Clinton. Warner.
DIAMONDS AND PEARLS ★★
(EUA, 1992) Direção: vários. Warner.

Prince acha que é o rei da cocada preta. Canta, compõe, diz tocar 26 instrumentos, produz discos, tem um selo de música, uma produtora de cinema, escreve roteiros, dirige filmes nos quais é sempre o ator principal. Um dia, tudo isso teria que dar errado. E deu. Foi em *Graffiti Bridge*, sua terceira experiência como diretor.

O filme recoloca em cena personagens de *Purple Rain* (1984): The Kid (Prince) e Morris Day, cantor da banda The Times que interpreta ele próprio. O enredo é de lascar: The Kid é o músico bonzinho que disputa com o vilão de Morris o controle de um clube e o amor de Aura (Ingrid Chavez). Ouça essa pérola do filme: "Duas almas lutam. Uma quer dinheiro, outra quer luz".

Não é só o maniqueísmo rastaqüera que arruína *Graffiti Bridge*. Prince, afinal, sempre trabalhou com o atrito de clichês, extraindo deles alguma estranheza. O diabo é que em *Graffiti Bridge* ele partiu de um clichê do tipo *Amor, Sublime Amor*, espalhou clichês de clip pelo filme todo e só podia acabar como um Cristo de chanchada, cantando gospel na contra-luz.

Prince é um gênio musical que precisa de rédeas curtas no cinema. É o que acontece com o clip "Money Don't Matter 2 Night", o único que se salva da coletânea *Diamonds and Pearls*. O clip alterna imagens de um negro desempregado empanturrando a família com creme de amendoim e cenas da Guerra do Golfo. Ali, Prince teve que conviver com um ego tão espaçoso quanto o seu – o de Spike Lee, diretor dessas cenas. Bingo para Spike Lee.

Mario Cesar Carvalho

B.B. KING – LIVE IN AFRICA★★★
(EUA, 1989) Direção: Leon Gast. BMG.
B.B. King é o bluesman de mais fácil aceitação no mercado pop. Nunca teve vergonha de misturar ao seu blues arranjos bem comerciais. Este show, gravado num festival no Zaire, em 1974, mostra bem o clima da música de King e sua banda. Sem muito esforço, o cantor passeia por clássicos do soul como "I Believe To My Soul", "The Thrill Is Gone" e outras. O que falta em paixão sobra em competência e profissionalismo. A fita é obrigatória para os iniciados na música de King. *Live in Africa* também não vai aborrecer a quem quer apenas curtir um bom show de blues.
P.C.

LISA STANSFIELD – REAL LIFE★★★★
(EUA, 1992) Direção: vários. Warner.
Não há muito tempo, a britânica Lisa Stansfield foi uma das maiores sensações das pistas de dança na Europa, com "All Around the World". Mas para quem está a fim de conhecer um pouco mais do trabalho de Lisa, essa coletânea de treze clips oferece algumas curiosidades.

CIC

Pracinhas brasileiros deixam de ser heróis em *Rádio Auriverde*

Além de sucessos mais recentes, como "Change", existe a chance de ver um dueto com um dos grandes nomes do soul dos anos 70: Barry White. Entre uma canção e outra, também há muito papo sobre sua carreira. Para os fãs, imperdível.
M.R.

EXTRA! EXTRA!★★
(Newsies, EUA, 1992) Direção: Kenny Ortega. Com Christian Bale, Robert Duvall, Ann-Margret. Abril Vídeo.
História, baseada em fatos reais, dos *newsies*, fedelhos que na virada do século vendiam jornais nas ruas de Nova York e que, em razão do aumento nos preços dos jornais, ousaram enfrentar os magnatas da imprensa. Ninguém mais, ninguém menos que Joseph Pulitzer e Willian Hearst. O diretor Ortega poderia ter carregado no dramalhão, mas preferiu um musical antisséptico, veículo para canções deAlan Menken (Oscar de Melhor Canção com *A Pequena Sereia*).
M.R.G.

RÁDIO AURIVERDE★★★

(Brasil, 1991) Direção: Sylvio Back. CIC.

Em *Rádio Auriverde*, o diretor, roteirista e pesquisador Sylvio Back retoma com senso crítico a participação brasileira da F.E.B. (Força Expedicionária Brasileira) na Segunda Guerra. Faz um mosaico com trechos dos noticiários do Departamento de Imprensa e Propaganda (D.I.P.) e do *Repórter Esso* e dá uma bofetada no patriotismo oportuno de Getúlio Vargas, que exortava a "mocidade pressurosa" a combater os nazistas em nome da "esperança de paz, ordem e progresso".

Mas, apesar do tom crítico, Back não escapa de realizar um filme adequado a pesquisadores, levando mais em conta a sociologia do que o cinema.

Os pracinhas remanescentes, no entanto, acharam o filme de Back uma heresia, gerando vários protestos. Eles não gostaram de surgirem na tela como jecas em missão na Itália. Principalmente por causa da dublagem satírica dos telejornais.

Todo o trabalho, no entanto, tropeça na repetição. A F.E.B. aparece como uma piada, mas Back não avança na crítica. Ele parece buscar um humor "objetivo", mas o vínculo com o atual momento brasileiro é frágil. Teria sido mais feliz se tivesse feito um livro. Merece três estrelas só pela pesquisa.

Cesar Garcia Lima

"Pode-se dizer que o filme é sarcástico quando poderia ser apenas irônico, que melindra a memória de pessoas que bem ou mal foram envolvidas em situações-limite (...) No entanto, tem o mérito de produzir discussão acirrada numa época de marasmo cultural", *O Estado de S.Paulo*. "Back (...) forçou a mão demais no ataque aos mitos da História", *Folha de S.Paulo*.

QUEBRA DE SIGILO ★★★★

(Sneakers, EUA, 1992) Direção: Phil Alden Robinson. Com Robert Redford, Sidney Poitier, Dan Aykroyd, River Phoenix, Mary McDonnell, Ben Kingsley. CIC.

Do mesmo diretor de *Campo dos Sonhos* e dos mesmos roteiristas de *Jogos de Guerra* surgiu esta deliciosa aventura, que, com certeza, é um dos mais inteligentes filmes americanos de 1992. Com absoluta destreza técnica (trilha sonora, cenografia, edição e fotografia requintadas) e um elenco atuando em plena forma, o diretor Robinson criou uma brilhante variação no clássico gênero *caper movie* (literalmente, filme sobre um golpe). Mostra em detalhes a ação de um sofisticado grupo de *experts* em arrombamentos que procura recuperar, para um misterioso órgão do governo americano, uma preciosa peça de hardware roubada por um perigoso magnata da informática.

Além do suspense na construção da trama, repleta de reviravoltas, há espaço para o humor, em grande parte mostrado a partir das relações e conflitos entre os personagens e suas idiossincrasias (destaque para Dan Aykroyd, como um divertido paranóico, "filhote" dos rebeldes anos 60). O filme ainda levanta questões sérias sobre a política conservadora do então presidente George Bush, várias vezes criticado no filme.

Quebra de Sigilo, no entanto, é mais do que uma versão neoliberal (às vezes politicamente ousada) do velho seriado *Missão Impossível*. Mostrando que pode ser, ao mesmo tempo, emocionante e divertido, mas com um mínimo de preocupação político-social de tabela. Diversão pura e responsabilidade, um binômio cada vez mais raro nos reacionários e violentos filmes de ação hollywoodianos, que *Quebra de Sigilo* equilibra com perfeição. •

Roberto Rios

"O filme faz um suspense que entretém à maneira de *Os Três Dias do Condor*. A parte de informática é viva e pertinentemente divertida – quem não é paranóico a respeito de uma invasão de privacidade por meio de computadores?", *Rolling Stone*.

CIC

O nerd River Phoenix, à esquerda, aprende como fazer pirataria eletrônica com o cego David Strathirn

RIO DIABLO – A FRONTEIRA FINAL ★★

(Rio Diablo, EUA, 1992) Direção: Rod Hardy. Com Kenny Rogers, Stacy Keach, Travis Titt. Alpha Vídeo.

Um típico filme, como tantos outros projetos em andamento em Hollywood, que segue a trilha do sucesso de *Os Imperdoáveis*. Produzido e estrelado pelo cantor country Kenny Rogers, *Rio Diablo*, apesar de uma fotografia competente, deixa muito a desejar. O argumento é o mesmo de nove entre dez filmes do gênero. Perseguidor e perseguidos enfrentam-se no ambiente hostil do Velho Oeste. O perseguidor, no caso, é um caçador de recompensas (Rogers), de moral dúbia e passado misterioso. Do outro lado, um bando de assaltantes que seqüestraram a noiva de um jovem fazendeiro. O erro do diretor Rod Hardy foi achar que bastava juntar os clichês básicos de um western para conseguir um bom filme.

Marcus Resende Gomes

AMERICAN CYBORG – O EXTERMINADOR DE AÇO ★

(American Cyborg, EUA, 1993) Direção: Boaz Davidson. Com Joe Lara, Nicole Hansen, John Ryan. Warner.

Aventura futurista que tenta pegar uma carona no sucesso de *O Exterminador do Futuro*. Depois que as máquinas tomam conta do planeta, uma garota se transforma na última esperança da raça humana, por ser a única com capacidade de gerar filhos. Como de hábito nesses casos, ela acaba sofrendo a perseguição de um cyborg. Apesar de tentar criar um clima de ação, o filme se perde na falta de dinheiro da produção, e também na atuação amadora dos atores. Uma mistura de tudo aquilo que você já viu antes, e sem o velho Schwarzenegger como atração.

M.R.

A BATALHA FINAL ★

(The Final Sanction, EUA, 1990) Direção: David A. Prior. Com Ted Prior, Robert Z'Dar, William Smith. Concorde.

Este filme não é *trash*, filme-lixo que vira alvo de culto. É, na verdade, *junk* (lixo) em seu conceito mais puro. Ted Prior faz o papel do herói americano nesta história absurda: para resolver o impasse (mais que anacrônico hoje em dia) entre os EUA e a URSS, realiza-se uma Convenção em Genebra que estipula que o conflito será solucionado por um confronto entre Prior e Z'Dar, o herói russo. Nem mesmo as presenças de Z'Dar (*Maniac Cop*, o próprio) e de Smith (*Maniac Cop*, um dos bonzinhos) justificam a atenção dos junkies de locadora.

Ch.P.

SOLDADO UNIVERSAL★★★

(Universal Soldier, EUA, 1992) Direção: Rolland Emmerich. Com Jean-Claude Van Damme, Dolph Lundgren, Ally Walker. LK-Tel/ Vídeo.

DUPLO IMPACTO ★★★

(Double Impact, EUA, 1991) Direção: Sheldon Lettich. Com Jean-Claude Van Damme, Geoffrey Lewis, Alan Scarfe, Bolo Yeung, Alonna Shaw. Abril Vídeo.

Tanto *Soldado Universal* como *Duplo Impacto* fazem parte de um plano que Jean-Claude Van Damme traçou para concretizar uma carreira de sucesso. O primeiro passo foi *Duplo Impacto*, realizado como um grande risco tanto para o ator quanto para o estúdio. Van Damme encarou sem medo o desafio de contracenar consigo mesmo ao fazer os gêmeos separados aos seis meses de idade depois que os pais são assassinados. Criados cada um num canto do mundo, os irmãos Chad e Alex são completamente diferentes: Chad é um professor almofadinha de caratê em Beverly Hills e Alex, crescido nas ruas de Hong Kong, é um trapaceiro acostumado a tratar com bandidos. Na seqüência veio *Soldado Universal*, que estava na gaveta e só foi feito depois que *Duplo Impacto* fez sucesso nas bilheterias americanas. E, por fim, *Vencer ou Morrer*, um drama com Rosanna Arquette.

Para os fãs do belga, os dois filmes são obrigatórios. Agora, quem nunca assistiu a um filme de Jean-Claude Van Damme porque não gosta do gênero artes marciais deve pelo menos tentar *Soldado Universal*. Tem luta sim, entre Van Damme e Dolph Lundgren, e são bem coreografadas. Mas sua idéia básica – soldados mortos no Vietnã, revividos num projeto secreto das Forças Armadas e transformados em cyborgs – é muito bem produzida e deve ser encarada como um filme de ação como qualquer outro que não tenha o nome de Van Damme nos créditos.

Já para os fãs, reparem como ele melhorou muito desde os primeiros filmes de caratê com produção barata e afiou o humor dos personagens. Dolph Lundgren não fica atrás e construiu um vilão maluquete nota 10. E, para as meninas que compartilham com Xuxa a opinião de que Jean-Claude é um dos homens mais bonitos do planeta, ele aparece pelado de costas e de frente até a cintura, provando que tem "muito amor para dar".

Deborah Peleias

Duplo Impacto: "Van Damme interpreta gêmeos. Vamos apenas dizer que sua atuação não se compara à de Jeremy Irons em *Gêmeos, Mórbida Semelhança*", *The New York Times*.
Soldado Universal: "Embora a idéia (do roteiro) seja idiota o suficiente para ser engraçada, o diretor Emmerich faz o gênero *Exterminador do Futuro* sem muito estilo, e os dois astros trombam o tempo inteiro, sem se conectarem", *Rolling Stone*.

LK-Tel/Vídeo

Jean-Claude Van Damme distribui tiros, porradas e até atua em *Soldado Universal*

PENA DE MORTE★
(Capital Punishment, EUA, 1991) Direção: David Hue. Com Gary Daniels, David Carradine. Top Tape.
Carradine já deixou há muito de ser elemento de curiosidade em qualquer tipo de fita. Ele é o vilão e passa quase o tempo todo ao telefone e atrás de uma mesa dando as cartas desta aventura acéfala e raquítica: lutador de kickbox é enganado e acaba matando seu adversário; para fugir à cadeia, participa de uma experiência genética que também não dá muito certo. A partir daí, são apenas lutas de coreografia pobre, atores canastrões e a exploração física do protagonista, um loiro de rabo-de-cavalo.
Ch.P.

O GLADIADOR IMORTAL
(Swordsman, EUA, 1992) Direção: Michael Kennedy. Com Lorenzo Lamas, Claire Stansfield, Nicholas Pasco. Alpha.
Lorenzo Lamas interpreta Andrew, um competente policial que é designado para uma perigosa missão: recuperar a espada de Alexandre, o Grande, que foi roubada de um museu. Ele tem que encarar um bando de gladiadores que usa a relíquia só pelo prazer de matar. É isso. E é tudo. *O Gladiador Imortal* não se diferencia em nada dos inúmeros filmecos de ação e pancadaria que pululam na programação de fim de noite da televisão. Atores fracos, ação frouxa e direção inconsistente são a marca de *O Gladiador Imortal*. E Lorenzo Lamas não convence nem segurando uma faca de cozinha, quanto mais a espada de Alexandre, o Grande. Evite.
P.C.

FORA DE CONTROLE
(Off and Running, EUA, 1991) Direção: Edward Bianchi. Com Cyndi Lauper, David Keth, Jose Perez. Europa.
Não vá com muita sede ao pote. Ou então, não espere nada deste filme com a cover pobre de Madonna, Cyndi Lauper. Pior do que copiar disfarçadamente *Procura-se Susan Desesperadamente*, Cyndi ainda canta, até debaixo d'água. O filme começa com Cyndi trabalhando de sereia (isso mesmo) num aquário de um bar. Um ex-jóquei e criador de cavalos puro-sangue se apaixona por ela, os dois têm uma noite de amor e aí ele é assassinado. Mas antes do último suspiro, ele deixa a chave de um segredo milionário e dá-se a partida da correria. Cyndi corre para lá e para cá e o espectador fica sem saber o que está acontecendo. Só no fim do filme é que vem a luz, mas que não clareia as dúvidas do roteiro chinfrim.
D.P.

PREVIEW

O mais recente filme do diretor francês Louis Malle, *Perdas e Danos*, com Jeremy Irons e Juliette Binoche, é um dos melhores lançamentos que estarão nas locadoras nos próximos meses. Outra novidade a estrear no Brasil só em vídeo é o último filme de Jeff Bridges, *Nada a Perder* (*American Heart*), em que atua com Edward Furlong, o garoto de *O Exterminador do Futuro 2* e de *Cemitério Maldito 2*, também programado para agosto.

PARADA

OS MAIS ALUGADOS

MAIO

BRASIL

1 *Instinto Selvagem* (LK-Tel/Vídeo)
2 *Mudança de Hábito* (Abril Vídeo)
3 *Jogos Patrióticos* (CIC)
4 *Face a Face com o Inimigo* (Top Tape)
5 *Tomates Verdes Fritos* (Europa)
6 *A Cidade da Esperança* (Warner)
7 *Hook – A Volta do Capitão Gancho* (LK-Tel/ Vídeo)
8 *Companhia de Assassino* (America)
9 *Duplo Impacto* (Abril Vídeo)
10 *Retorno a Howards End* (Europa)

Fontes: Vídeo Factory (SP), Hobby Vídeo (SP), Real Vídeo (SP), Vídeo Shack (RJ), Copa 6 (RJ), Star Vídeo (GO), Scorpius (GO), Cine Vídeo (GO), Cia. do Vídeo (BH), Vídeo 2 (S.Bernardo do Campo)

EUA

1 *The Distinguished Gentleman* (Hollywood)
2 *Passenger 57* (Warner)
3 *Under Siege* (Warner)
4 *The Mighty Ducks* (Disney)
5 *The Player* (New Line)
6 *Hero* (Columbia Tri-Star)
7 *Consenting Adults* (Hollywood)
8 *Trespass* (MCA/Universal)
9 *Sneakers* (MCA/Universal)
10 *The Last of the Mohicans* (Fox Video)

Fonte: *Entertainment Weekly* de 28/05/93

BOLSA DE VÍDEO

O novo cinema americano, representado por *Simples Desejo*, de Hal Hartley, derrota cults e grandes produções

	José Geraldo Couto Folha de S. Paulo	Marcel Plasse O Estado de S. Paulo	Wanderley Sanches Veja São Paulo	Paulo de Góes Jornal do Vídeo	Rubens Ewald Filho Jornal da Tarde	Hamilton Rosa Jr. Folha da Tarde	Luciano Trigo O Globo	Hugo Sukman Jornal do Brasil	Ivan Claudio Isto É	Tueo Becker Zero Hora	Média
1º *Simples Desejo* (Transvídeo)	-	8	-	8	7	8	8	9	10	10	8.5
2º *Traídos pelo Desejo* (Mundial)	7	8	9	9	8	9	7	8	8	9	8.2
3º *Brincando nos Campos do Senhor* (Condor)	8	6	8	8	9	7	5	9	9	9	7.8
4º *A Última Dança de Salomé* (LK-Tel/Vídeo)	–	7	9	7	6	–	8	5	–	–	7
5º *A Bolha* (Opção)	8	9	5	7	4	7	6	8	7	5	6.6
6º *Mulher Solteira Procura* (LK-Tel/Vídeo)	7	7	6	6	6	6	6	6	7	8	6.5
7º *Quebra de Sigilo* (CIC)	–	7	–	8	7	8	5	5	–	4	6.3
8º *O Sucesso a Qualquer Preço* (Mundial)	7	–	6	8	6	5	8	4	7	5	6.2
9º *Meu Primo Vinny* (Abril Vídeo)	–	7	–	7	6	–	5	6	–	–	6.2
10º *Rádio Auriverde* (CIC)	4	4	4	8	4	–	–	–	8	7	5.6

ABAIXO VOCÊ ENCONTRA AS MELHORES REVENDAS DE VÍDEO.

CASH
HOME VÍDEO

FITAS NOVAS E USADAS
TUDO EM ACESSÓRIOS

ACEITAMOS PERMUTAS
DESPACHAMOS PARA TODO O BRASIL
CONFIRA NOSSAS PROMOÇÕES

Rua Jovita, 167 - 1º andar - Santana
CEP 02036 - São Paulo - SP
Tel.: (011) 267-0060

CENTER
O Shopping das fitas novas e usadas

Não perca tempo e dinheiro,
vá direto onde há os melhores
lançamentos com os menores preços.
• MULHER SOLTEIRA PROCURA...
• O GUARDA COSTAS
• SOLDADO UNIVERSAL
• A FORÇA EM ALERTA
• QUEBRA DE SIGILO
• QUERIDA ESTIQUEI O BEBÊ
• O DESTRUIDOR

ABRA UMA
VÍDEO LOCADORA
PROJETOS DE ALTO PADRÃO

Assessoria completa desde a escolha do ponto, abertura de firma, projetos de arquitetura e decoração, instalação, informatização e a garantia total de quem realmente tem experiência. Consulte-nos!

Rua Tijuco Preto, 201
Tatuapé - CEP 03316 - SP
(Próx. Metrô Tatuapé)
Tel.: (011) 296-1715

FITAS NOVAS E USADAS

HAWAI
HOME VÍDEO

Av. Cruzeiro do Sul, 2282 - Sala 1/2 e 3
CEP 02030 - Carandiru - São Paulo - SP
(próximo ao Metrô Carandiru)
Tel.: (011) 290-4330
ABERTO TAMBÉM AOS SÁBADOS
REMETEMOS PARA TODO O BRASIL

- Toda linha de acessórios
- Financiamos a partir de 30 a 120 dias
- Pagamentos com cheques semanais
- Aceitamos automóvel e telefone como forma de pagamento

Cannes
Home Video

O FESTIVAL DE FITAS NOVAS E USADAS
TUDO EM ACESSÓRIOS
OFERECEMOS VÁRIOS LANÇAMENTOS COM ÓTIMOS PREÇOS!

- Mulher Solteira Procura...
- Soldado Universal
- O Guarda Costas
- E Muito Mais

- Catálogos a partir de Cr$ 150.000,00
- Garantia total das fitas
- Melhor qualidade
- Ganhe estojos novos e usados

- **Cheques pré-datados sem juros**
- **Remetemos para todo o Brasil**

Av. Cruzeiro do Sul, 2752 - Salas 21/22
Santana - CEP 02030 - São Paulo - SP
(Entre Metrôs Carandiru e Santana)
Tel.: (011) 290-2788

O QUE A
NOVA
TEM PARA LHE OFERECER É TANTO QUE NÃO CABE NESTE ESPAÇO.

PATY'S
HOME VÍDEO

FITAS NOVAS E USADAS
ACESSÓRIOS EM GERAL
CONFIRA OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

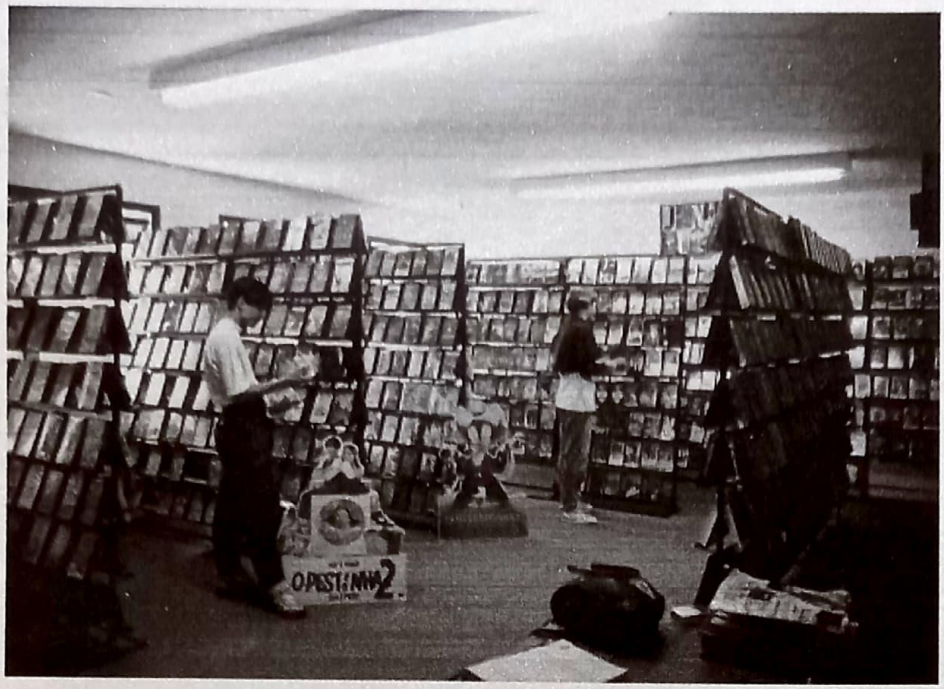
- Mulher Solteira Procura...
- O Guarda Costas
- Soldado Universal

- ***PARA CADA FITA, GANHE UM ESTOJO***
- ***PAGAMENTO CONFORME SEU BOLSO***
- ***PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA***
- ***GARANTIA E QUALIDADE***

TEMOS FITAS EM PROMOÇÃO

Rua Dr. Zuquim, 358 - Santana
São Paulo - SP - CEP 02035-020
(Próximo ao Metrô Santana)
Tel.: (011) 298-1120
REMETEMOS PARA TODO O BRASIL

AQUI VOCÊ ENCONTRA TUDO O QUE A *NOVA* PODE LHE OFERECER.



AUMENTE SEU ACERVO OU MONTE SUA VÍDEO LOCADORA. TEMOS MILHARES DE OPÇÕES EM CATÁLOGOS E LANÇAMENTOS.

- FITAS USADAS COM GARANTIA.
- PREÇOS E CONDIÇÕES SEM CONCORRÊNCIA.
- ASSESSORIA NA MONTAGEM DE SUA VÍDEO LOCADORA.
- ATENDIMENTO EM TODO O BRASIL VIA SEDEX.
- COMPRAMOS E TROCAMOS LOTES DE FITAS.
- ACEITAMOS CARTÕES DE CRÉDITO.

NOVA
LOJA DO VÍDEO

ESTACIONAMENTO NO LOCAL - CENTRO EMPRESARIAL DE SANTANA
RUA DUARTE DE AZEVEDO, 284 - 1º ANDAR - CEP 02036 - SANTANA - SP - SP - (Próximo Metrô Santana)
TEL: (011) 267-5566 - 290-3856 - FAX: (011) 290-7678

JURASSIC PARK

Spielberg fez um filme como nunca se viu antes, capaz de provocar taquicardia em qualquer um

Prepare-se para virar uma criança de sete anos com medo de dormir de noite, prepare-se para pular na sua cadeira no cinema, prepare-se para enxugar as palmas das mãos repetidas vezes, e para perceber que seu batimento cardíaco resolveu fazer serão sem a sua autorização. *Jurassic Park* é o único filme produzido nos últimos anos merecedor do termo "montanha-russa": durante 126 minutos (que parecem 15, na hora que o filme termina), Steven Spielberg nos transporta para um mundo tão fascinante quanto terrível que nos provoca sentimentos de susto incontido e de fascínio incontrolável.

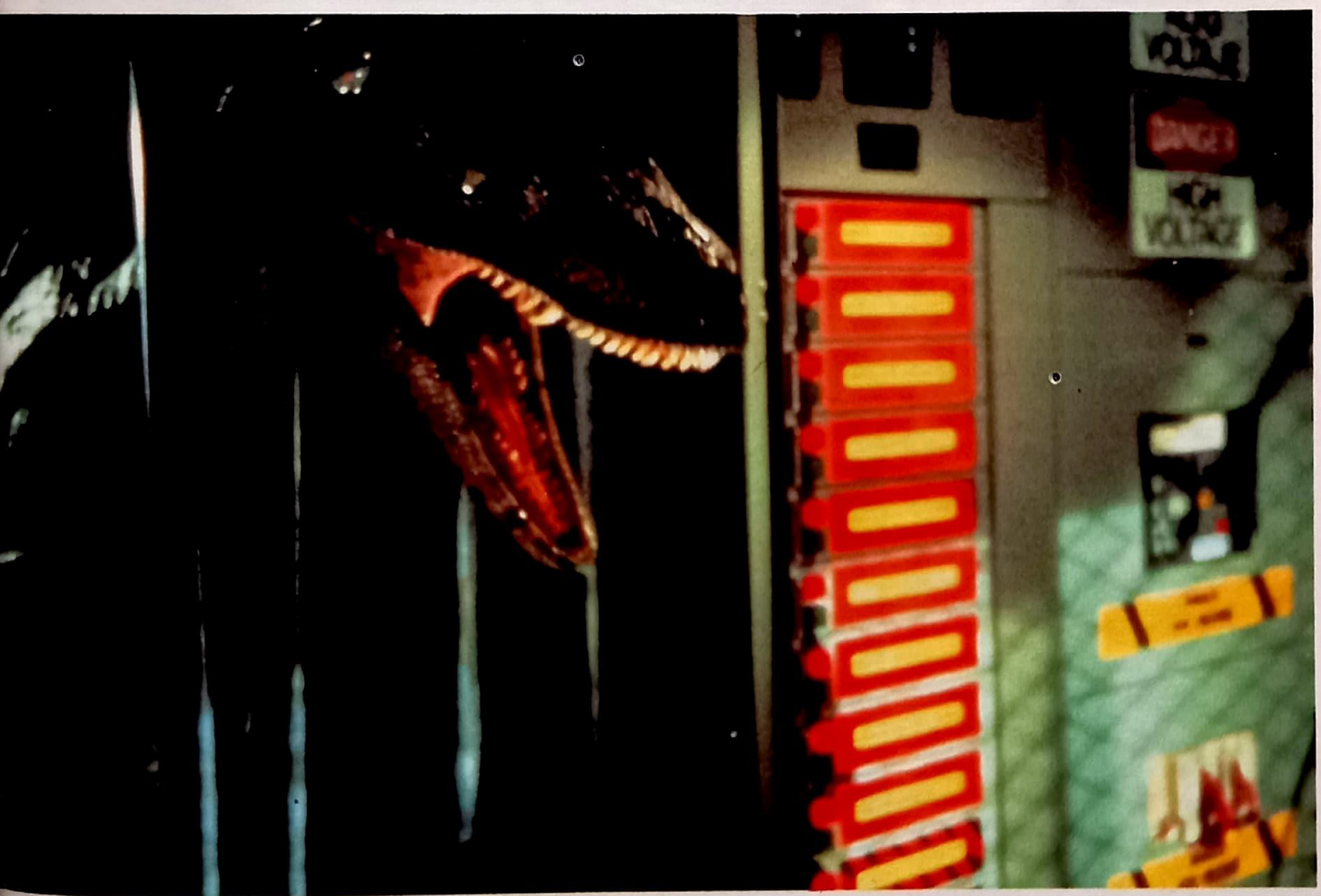
A sucessão de emoções fortes é desencadeada com a história do empresário John Hammond (Richard Attenborough), que desenvolve uma técnica para ressuscitar artificialmente seis espécies de dinossauros, através da clonagem de cadeias de DNA encontradas no sangue de mosquitos pré-históricos que haviam sido preservados em âmbar. Os problemas começam quando os animais escapam ao controle dos humanos, que imaginavam poder mantê-los cativos num pretenso "parque de diversões" construído numa remota ilha da Costa Rica.

Esta parábola bolada pelo escritor Michael Crichton contra os que se atrevem a desafiar ou perverter a natureza, habilmente transformada em filme por Spielberg, pode ser aparentada com *Frankenstein, King Kong* (fartamente homenageado aqui, a começar dos portões que dão acesso ao parque) ou com *O Mundo Perdido*, de Conan Doyle. Mas não se iluda: você nunca viu algo sequer parecido. Porque nunca se *fez* um filme assim. Simplesmente porque a tecnologia utilizada por Spielberg e seu time de técnicos *não existia* dois, três anos atrás. A manipulação de imagens via computador de *Jurassic Park* prontamente torna obsoleto o pioneirismo de *Exterminador do Futuro 2*. Aqui, Spielberg cria mundos, criaturas extintas e seres humanos que todos nós, os mais *blasé*, inclusive, acreditamos piamente que sejam reais no momento em que elas surgem na tela.

Reclamem o quanto quiserem da "alma de filme B" (*Newsweek*), do roteiro "aos trancos" e "pré-primário" e dos "cortes (de montagem) indignos de um cineasta do talento de Spielberg" (*Variety*). Em muitos aspectos com uma narrativa melhor que a do livro – o script enxuga e organiza melhor a história –, *Jurassic Park* é a magia do cinema em seu estado mais avançado. E quando foi a última vez que você se sentou no escurinho do cinema e viu mágica?

José Emilio Rondeau

Jurassic Park, EUA, 1993 ■ DIREÇÃO: Steven Spielberg ■ ROTEIRO: Michael Crichton e David Koepp ■ TRILHA SONORA: John Williams ■ EFEITOS ESPECIAIS: Stan Winston e George Lucas (Industrial Light & Magic) ■ EFEITOS ESPECIAIS DOS DINOSSAUROS: Michael Lantieri n ■ Com Laura Dern, Sam Neil, Richard Attenborough, Jeff Goldblum ■ UIP



UIP

Um velociraptor se prepara para devorar *homo sapiens* no filme de Spielberg

DRAGÃO: A HISTÓRIA DE BRUCE LEE

A cinebio do mestre das artes marciais peca pela parcialidade mas se salva pelas boas coreografias

De uns anos para cá, filmes biografados estão se tornando cada vez mais apologias às personalidades retratadas. Obras como *Cidadão Kane* ou *Patton*, que mostravam uma visão mais humana e realista dos personagens, estão dando lugar a exercícios de adoração que beiram o puxa-saquismo, como *The Doors* ou mesmo *What's Love Got to Do with It*, a história de Tina Turner, ainda inédito nos cinemas brasileiros.

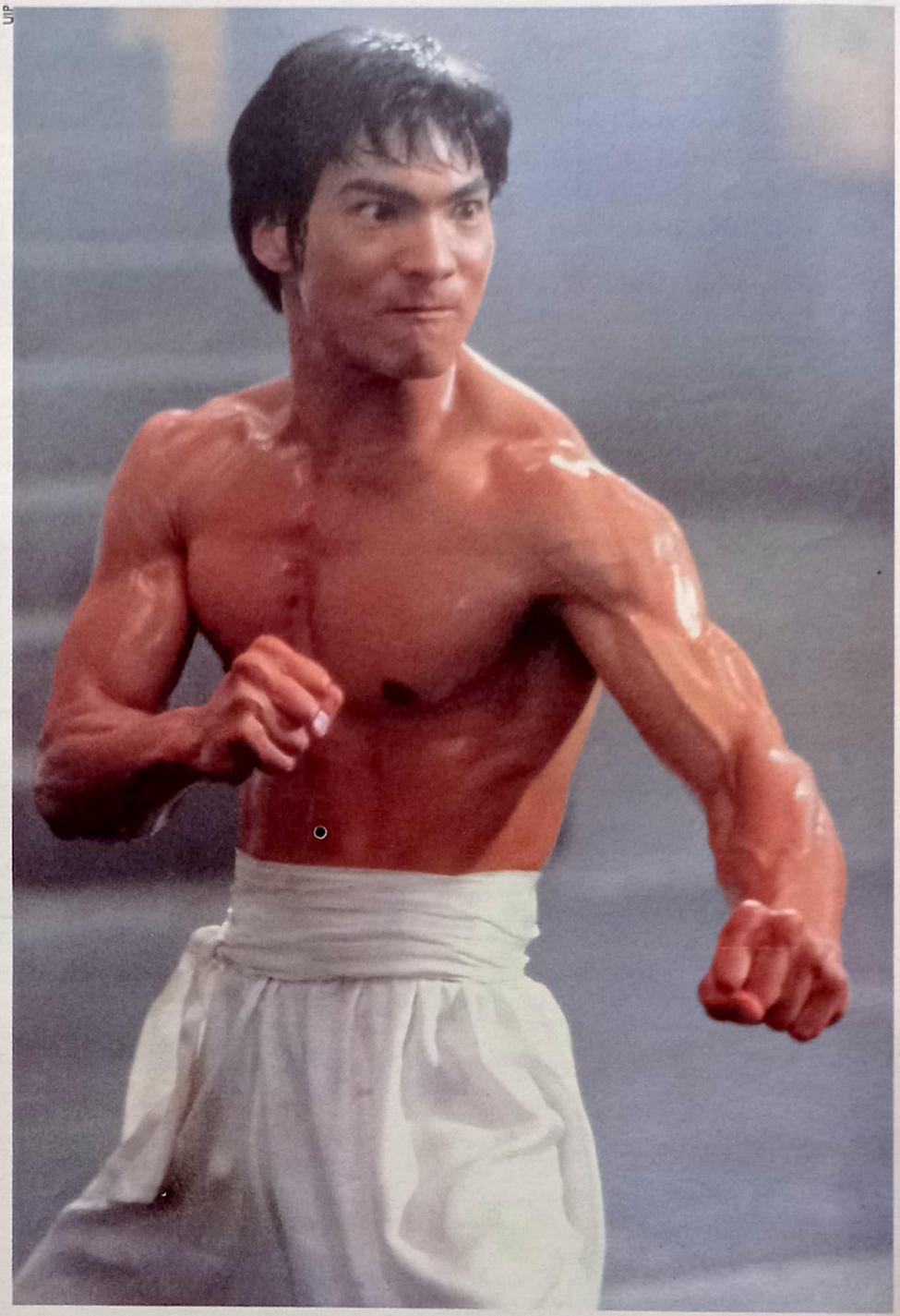
Talvez os culpados sejam os advogados, que nos últimos tempos têm se especializado em processar revistas, jornais e artistas em geral quando esses retratam seus clientes de forma considerada desagradável. Hoje em dia não se pode falar mal de alguém sem correr o risco de perder todo o seu dinheiro em um tribunal.

Dragão: a História de Bruce Lee, de Rob Cohen, não se arrisca. Tanto que o roteiro é baseado no livro *Bruce Lee, O Homem Que Só Eu Conheci*, escrito pela viúva do lutador, Linda.

Como documento histórico, o filme não presta. A vida conturbada de Lee é contada aos pulos. Filmes e episódios fundamentais de sua vida são mencionados tão de passagem que dão ao espectador a sensação de serem fatos pouco importantes.

Cohen não toca nos boatos que sempre mancharam a reputação de Bruce, como o suposto uso de drogas e sua conhecida habilidade em colecionar amantes. Em vez disso, Lee é tratado como um super-herói, que veio pobre do Oriente e que, à custa de muita pancada, acabou milionário e reconhecido internacionalmente.

O diretor não notou que a principal característica do ator era justamente a de parecer mais "humano" que a maioria dos astros de cinema. Ele tinha 1,65m, 65 quilos e era chinês, e mesmo assim conseguiu se estabelecer numa sociedade racista e conservadora. Em seus filmes, Lee não precisava encenar uma outra personalidade, como fazem os heróis nas telas. Na vida real e no cinema, ele era apenas um lutador de artes marciais.


UIP

Jason Scott Lee: coreografia impecável no papel de Bruce

Se historicamente o filme deixa a desejar, as cenas de ação e principalmente de atuação de Jason Scott Lee (nenhum parentesco com Bruce) garantem o interesse pelo filme. Algumas lutas são filmadas com competência nunca vista mesmo nos filmes de Bruce Lee.

Jason Scott Lee é um achado. Dá para imaginar a dor de cabeça dos produtores, tendo que descobrir um ator oriental que falasse inglês e que, mais difícil de tudo, soubesse lutar convincentemente.

Jason caiu como uma luva no papel. Ele é havaiano, fala inglês e tem um físico de atleta, conseguido com anos de prática de ginástica olímpica. Uns dois meses de treino com um ex-aluno de Bruce Lee e Jason estava pronto. O sucesso de Dragão já garantiu ao ator vários convites de gente importante. Nesse momento, ele está filmando *Rapa Nui*, épico produzido por Kevin Costner.

André Barcinski

Dragon: The Buce Lee Story, EUA, 1993 ■ Direção: Rob Cohen ■ Roteiro: Edward Khmara, John Raffo e Rob Cohen ■ Coreografia das lutas: John Cheung ■ Com Jason Scott Lee, Lauren Holly, Robert Wagner ■ UIP

ALADDIN

Os estúdios Disney se rendem ao bom humor e fazem uma das melhores animações de todos os tempos

Um dos longas de animação mais "lindos" já realizados pelos estúdios Disney, *Aladdin*, é nota 11 numa escala de 0 a 10. Fugindo do esquema dos desenhos melosos e mal-humorados, os estúdios acertaram na feitura do filme (primeira adaptação da Disney de um dos contos folclóricos de *As Mil e Uma Noites*, sobre o romance entre o ladrão Aladdin e a princesa Jasmine, unidos pelos poderes do Gênio da Lâmpada).

O primeiro acerto foi escalar Robin Williams para dublar o Gênio. Se não fosse Williams (a história de como ele deu um "baile" nos animadores com suas performances e improvisações todo mundo já conhece) o filme certamente não teria tanta graça. Williams é uma metralhadora de besteiras, trocadilhos e imitações (De Niro e Jack Nicholson, entre outros), acompanhados com maestria pela equipe de animação que faz do gênio um divertido mutante. Lógico que não devemos nos esquecer do papagaio Iago (mascote do grão-vizir Jafar) e do macaquinho Abu (companheiro de Aladdin).

Mas o que mais impressiona são as cores. É inacreditável o que a equipe de animação fez. São azuis trabalhados em sombras noturnas, vermelhos e amarelos, verdes e brancos translúcidos, que saltam da tela e enchem os olhos. (A eletrônica digital foi usada com discrição para dar vida à caverna sinistra onde se encontra a lâmpada procurada pelo maléfico Jafar. O resto é talento mesmo.)

Para concretizar o sonho de realizar essa fábula à altura de trabalhos como *A Pequena Sereia* e *A Bela e a Fera*, os estúdios reuniram John Musker e Ron Clements, diretores de uma equipe com mais de 600 animadores, artistas e técnicos. Não é à toa que *Aladdin* é o desenho (o 31º realizado pelos estúdios) de maior sucesso da Disney: já arrecadou mais de 200 milhões de dólares pelo mundo afora. No Brasil, 80% das cópias são dubladas, as restantes, para a alegria dos adultos, são legendadas.

É um desenho para se ver infinitas vezes, e descobrir em cada uma delas os pequenos segredos escondidos nos milhares de pontos ultracoloridos de cada fotograma.

Deborah Peleias

Aladdin, EUA, 1992 ■ DIREÇÃO e ROTEIRO: John Musker, Ron Clements, Ted Elliott e Terry Rossio ■ MÚSICA: Howard Ashman, Alan Menken, Tim Rice ■ DESENHISTA DE PRODUÇÃO: R. S. Vander Wende ■ ANIMAÇÃO DOS PERSONAGENS: Scott Weinger (Aladdin), Robin Williams (Gênio), Linda Larkin (Jasmine), Jonathan Freeman (Jafar), Frank Welker (Abu), Randy Cartwright (Tapete mágico), Gilbert Gottfried (Iago), Douglas Seale (Sultão) ■ Columbia TriStar

Columbia TriStar

O gênio mutante: perfeito, graças à dublagem de Robin Williams

VOCÊ PODE APENAS LIGAR O RÁDIO, OU SINTONIZAR A ALPHA FM

e ouvir as melhores músicas nacionais e internacionais de todos os tempos, e ainda, estar sempre bem informado com os boletins econômicos e últimas notícias do Brasil e do mundo.

A ESCOLHA É SUA.

PÁTIO

ALPHA FM

101,7 MHz

FREQÜÊNCIA DE CLASSE

Columbia TriStar

Balle e Leonard: o swing de Benny Goodman como antídoto para o nazismo

OS ÚLTIMOS REBELDES

O jazz enfrenta o hitlerismo num drama emotivo sobre o amor e o swing durante a II Guerra Mundial

A fúria do nazismo volta a assustar os anos 90 com o despertar de idéias hitleristas em jovens de todo o mundo. Para se saber o que isso representou para a nação alemã nos anos 30, é só assistir a *Os Últimos Rebeldes*. Embora o drama musical do estreante diretor Thomas Carter não seja propriamente uma "aula de história", contada através do ritmo sensualíssimo do swing, com trilha original de Count Basie, Benny Goodman e Django Reinhardt, dá para sentir o que o Terceiro Reich fez a seu povo.

Carter pesquisou em jornais que circularam naqueles dias para contar a história real dos "swing kids", jovens alemães que se rebelaram contra a severa ordem do Reich, influenciados pela cultura americana. Uniformizados com a moda mais chique da época (longos e grandes casacos, chapéu coco e calças largas), eles desafiaram a autoridade nazista dançando o som negro e judeu proibido.

Para recriar o clima da época (aliás a produção de Allan Cameron e os figurinos de Jenny Beavan são perfeitos), Carter escolheu Praga (Tchecoslováquia) como cenário para a rebeldia de quatro jovens. Grandes amigos, Peter (o sempre emotivo Robert Sean Leonard, de *Sociedade dos Poetas Mortos*) e Thomas (Christian Bale, o garoto de *Império do Sol*) são obrigados a se alistar na juventude hitlerista e, apesar de acreditarem na liberdade do swing das noites, têm de encarar a lavagem cerebral e o fim da amizade.

Apesar de bem realizado e das performances dos jovens atores, *Os Últimos Rebeldes* deve ser visto quando já se assistiu a todos os filmes em cartaz na cidade; no fim das contas, a melhor coisa é a coreografia de Otis Sallid, que aliás fez Leonard e Balle dançarem direitinho o "jitterbug".

D.P.

Swing Kids, EUA, 1992 ■ DIREÇÃO: Thomas Carter ■ ROTEIRO: Jonathan Marc Feldman ■ MÚSICA: James Horner ■ Com Robert Sean Leonard, Christian Balle, Frank Whaley, Barbara Hershey, Kenneth Branagh ■ Columbia TriStar

CÃES DE ALUGUEL

Quentin Tarantino estréia bem num drama sangrento sobre amizade, crime e companheirismo

Cães de Aluguel é coisa de macho: espirra sangue até na platéia. Quando o filme estreou nos EUA, ano passado, o diretor Quentin Tarantino foi logo rotulado como um novo Scorsese. Faz sentido. Tarantino, como Scorsese, consegue se jogar de cabeça no submundo e retratá-lo com originalidade. Mas há outra influência fundamental em *Cães*: a violência estilosa de Sam Peckinpah, usando e abusando da câmera lenta. E há, mais importante isso, a vitalidade de Tarantino, 29 anos, mostrando já em seu primeiro filme (de apenas 1,5 milhão de dólares) que veio para arrebentar.

A história é simples: um assalto à uma joalheria, que prometia ser um grande golpe, dá errado graças a um espia da polícia infiltrado no grupo de ladrões. Refugiados num galpão, os criminosos tentam descobrir quem é o traidor. É um filme sobre amizade, companheirismo e "códigos de honra" que, se quebrados, acabam em morte.

Há algo do Cimino de *O Franco Atirador*, um pouco de *Os Bons Companheiros* e muito do Scorsese de *Caminhos Perigosos* e *Taxi Driver*. E há, acima de todas as possíveis influências, a maneira originalíssima que Tarantino conta sua história: flash-backs na medida, cenas de ação arrepiantes e humor negríssimo. Ah, sim! O elenco. Harvey Keitel (Mr. White) reafirma-se como um dos melhores atores do cinema americano. Tim Roth, Chris Penn e Lawrence Tierney estão perfeitos. Melhor Performance Anormal da Temporada: Michael Madsen (Mr. Blonde), o mais perigoso psicopata do cinema desde Lee Marvin em *The Big Heat*, de Fritz Lang. *Go ahead*, Tarantino, *make our day*!

Edson Arantes

Reservoir Dogs, EUA, 1992 ■ DIREÇÃO e ROTEIRO: Quentin Tarantino ■ Com Harvey Keitel, Tim Roth, Michael Madsen, Chris Penn, Steve Buscemi e Lawrence Tierney ■ Look.

Look

Alugam-se ladrões : Michael Madsen, Harvey Keitel e Steve Buscemi

Warner

PIMENTINHA

(Dennis, the Menace, EUA, 1993) Direção: Nick Castle. Com Walter Matthau, Mason Gamble. Warner.
O pentelho-mor Pimentinha atazana a vida do mal-humorado vizinho sr. Wilson. Os fãs da tira de Hank Ketcham serão os melhores juízes para o trabalho de Castle.

ACONTECEU PERTO DA SUA CASA

(Cèst Arrivé Près de Chez Vous, Bélgica, 1992) Direção: Rémy Belvaux. Com André Bonzel e Benoit Poelvoorde. Filmes do Estação.
Documentário fake (em preto e branco) sobre a trajetória de um serial killer. Sangrento, bem-humorado e inquietante, o filme prova que, para se fazer bom cinema, criatividade é mais importante que recursos técnicos.

MATINÊ

(Matinée, EUA, 1993) Direção Joe Dante. Com John Goodman, Cathy Moriarty, Simon Fenton. Look Filmes.
Durante a crise dos mísseis em Cuba, em 1962, o produtor Lawrence Woolsey (Goodman) exibe, em Key West (sul da Flórida), seu filme *Mant*, sobre um homem que se transforma em uma formiga. Dante não realizou uma obra-prima porque levou a história séria demais.

UMA GAROTA EM NOVA IORQUE

(Jersey Girls, EUA, 1992) Direção: David Burton. Com Jamie Gertz, Dylan McDermott. Top Tape.
Quatro garotas inseparáveis querem mais de suas vidas ordinárias. Uma delas vai tentar encontrar o príncipe encantado em Nova York. *Uma Linda Mulher* sem charme.

TARTARUGAS NINJA 3

(Teenage Mutant Ninja Turtles 3 – The Turtles Are Back...in Time, EUA, 1993) Direção: Stuart Gillard. Com Elias Koteas, Paige Turco. Fox Filmes.
O primeiro filme era muito legal, o segundo mais ou menos e o terceiro saiu uma chatice. Desta vez, as tartarugas viajam no tempo e vão para o Japão medieval salvar uma amiga.

JOHNNY STECCHINO

(Itália, 1992) Direção: Roberto Benigni. Com Benigni, Nicoletta Braschi. PlayArte.
Roberto Benigni colocou a mão na direção, no roteiro e na produção desta que é uma das melhores comédias italianas dos últimos tempos.

UMA MULHER PARA DOIS

(Mad Dog and Glory, EUA, 1992) Direção: John MacNaughton. Com Robert De Niro, Uma Thurman, Bill Murray. UIP.
Policial encarregado de fotografar "presuntos" salva a vida de um mafioso. Como agradecimento, este decide "emprestar" ao salvador uma de suas garçonetes. Uma produção de Scorsese de safra ruim.

UM DIA DE FÚRIA

(Falling Down, EUA, 1993) Direção: Joel Schumacher. Com Michael Douglas, Robert Duvall, Barbara Hershey. Warner.
Thriller empolgante e perturbador sobre a falência do "sonho americano" e a conseqüente ira da classe média. Um dos melhores filmes de Schumacher.

MALCOLM X

(EUA, 1992) Direção: Spike Lee. Com Denzel Washington, Angela Bassett. Fox Filmes.
O maior erro de Spike Lee foi fazer uma cinebio longa e que omite alguns fatos importantes de uma das personalidades-chave dos Estados Unidos. Apesar disto, um filme obrigatório.

Warner

A ASSASSINA

(The Assassin, EUA, 1993) Direção: John Badham. Com Bridget Fonda, Gabriel Byrne. Warner.
Versão americana (e superior) do filme *Nikita*, de Luc Besson. Garota condenada à morte livra-se da execução graças à intervenção do serviço secreto americano, que a transforma em uma perigosa assassina. Bridget Fonda confirma o talento herdado do avô Henry e da tia Jane. Participações muito especiais de Anne Bancroft e Harvey Keitel.

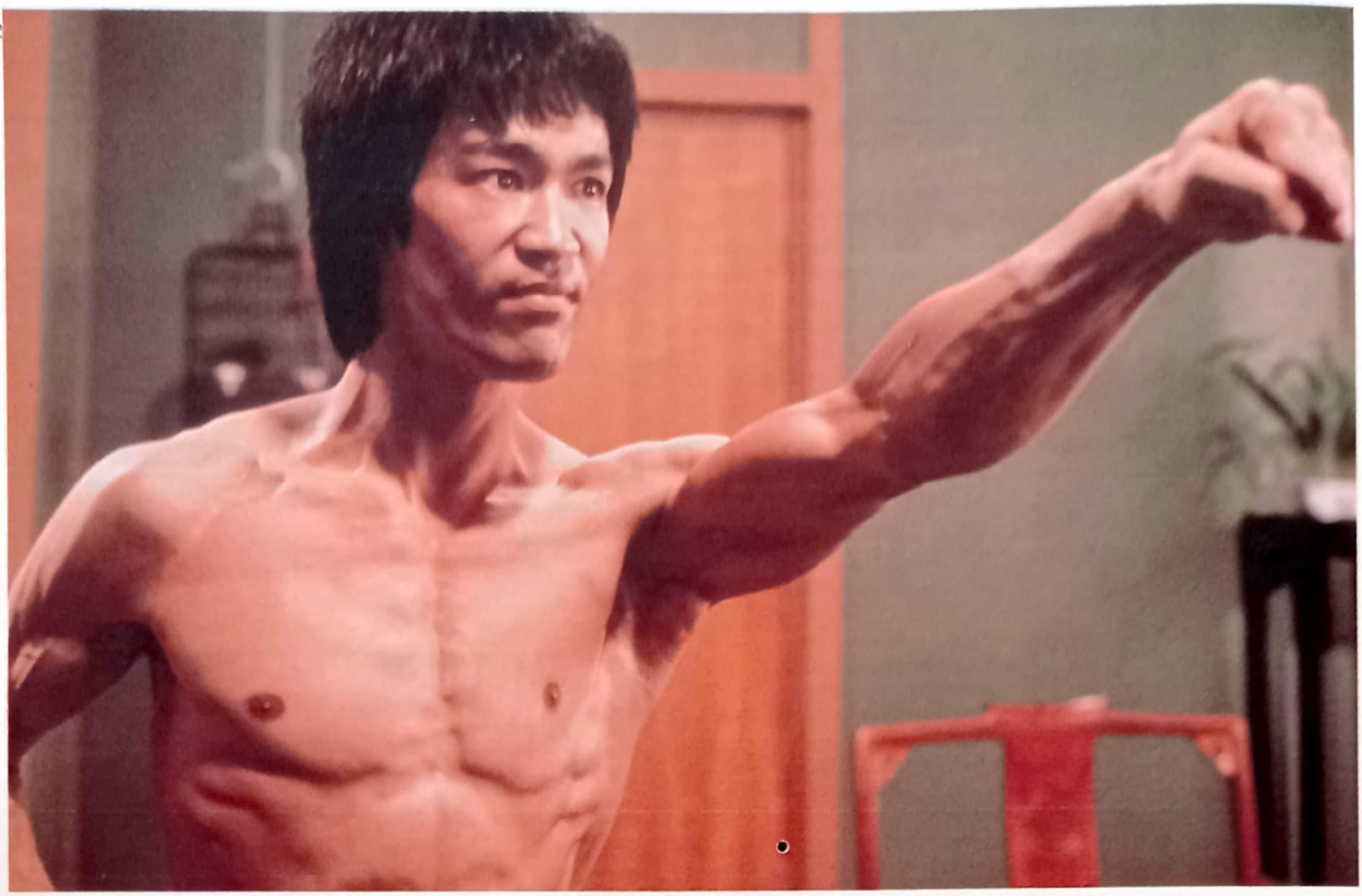
PROPOSTA INDECENTE

(Indecent Proposal, EUA, 1993) Direção: Adrian Lyne. Com Demi Moore, Robert Redford. UIP.
Marido entrega mulher a milionário por um milhão de dólares. A beleza de Demi e o charme de Redford seguram o filme.

BOLSA DE CINEMA

A direção de Quentin Tarantino em *Cães de Aluguel* foi elogiadíssima na imprensa pelo mundo afora e conquista agora o Brasil.

	Edson Arantes SET	Celso Fioravante Folha de S. Paulo	Neusa Barbosa Veja São Paulo	Luiz Zanin Oricchio O Estado de São Paulo	Maria Angela de Jesus Jornal do Vídeo	Carlos Eli Jornal da Tarde	Celso Arnaldo Araújo Revista Manchete	Christian Petermann Guia do Vídeo Nova Cultural	José Eduardo Mendonça Playboy	Rogério Durst O Globo	Média
1º *Cães de Aluguel* (Look)	9	9	10	7	8	7	9	9	7	10	8.5
2º *Aladdin* (Columbia TriStar)	8	–	10	–	8	–	7	9	8	7	8.1
3º *Aconteceu perto da sua Casa* (Filmes do Estação)	9	8	8	2	7	7	–	8	–	9	7.3
4º *Um Dia de Fúria* (Warner)	7	–	–	3	8	9	6	–	8	7	6.9
5º *Johnny Stecchino* (PlayArte)	6	7	9	5	6	–	8	–	6	7	6.8
6º *Salmonberries – um Amor Diferente* (Pandora)	–	5	5	6	–	–	–	6	–	–	5.5
7º *Dias Amargos* (Fox Filmes)	5	6	8	3	5	–	5	5	–	–	5.3
8º *Uma Mulher para Dois* (UIP)	4	7	6	–	3	5	6	–	5	–	5.1
9º *Um Distinto Cavalheiro* (Columbia TriStar)	–	5	–	2	–	–	4	4	5	5	4.2
10º *A Fortaleza* (Top Tape)	–	4	–	–	–	0	4	4	2	5	3.2


Sygma

Guerreiro Imortal

Vinte anos após sua morte, o dragão ainda é a maior lenda do cinema de artes marciais

É impossível imaginá-lo de cabelos grisalhos, cinqüentão, num papel quase passivo como o de Pat Morita na série *Karatê Kid*; ou como o de outro ex-astro do caratê, Sonny Chiba, visto recentemente na pele (enrugada) do piloto- kamikaze-vovô de *Águias de Aço III*. A imagem que se guardou de Bruce Lee, vinte anos após sua morte, é a do guerreiro invencível, com cara de menino rebelde, que emitia gritinhos ferozes enquanto bailava a graça animal de seu corpo enxuto, quase franzino, em confrontos mortais com um exército de inimigos. A morte fez bem a Bruce, que deixou apenas quatro filmes e meio e um mito incontrolável – chamá-lo de James Dean do kung-fu não seria forçar a barra.

Começando pelo fim – o início do mito. Quando *Operação Dragão* estreou nos Estados Unidos, em agosto de 1973, foi saudado por parte da crítica como uma pequena jóia no meio do lixo que vinha em massa de Hong-Kong para os programas duplos dos cinemas-poeira, na forma de fitas de kung-fu tão baratas e vazias quanto um pastel chinês. *Operação Dragão* era uma espécie de 007 temperado com molho de soja. Seu astro, aquele chinesinho saltitante capaz de derrubar uma gangue de malfeitores com a força dos punhos e das sapatilhas, e que se comprazia provando de seu próprio sangue, era uma figura de grande impacto cinematográfico, um superherói com vida longa e dourada para si e para os produtores. No entanto, o que mais chamava a atenção no filme era um mórbido detalhe: Bruce Lee já estava morto.

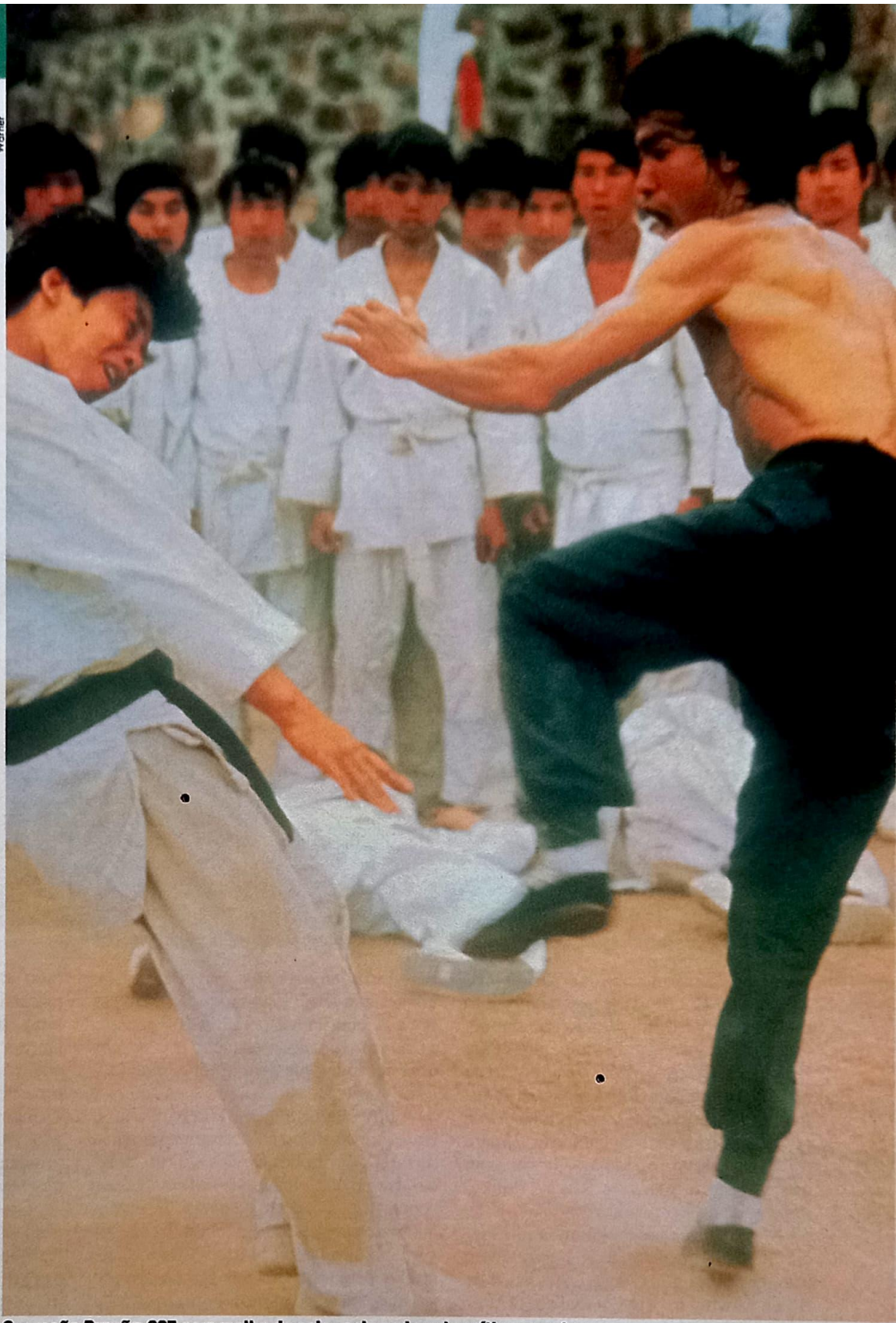
Seu corpo fôra encontrado em 20 de julho de 1973, em San Francisco no apartamento da atriz Betty Ting Pei – suposta amante. Também suposta foi a causa da morte, aventada na época e até hoje sustentada por alguns brucemaníacos: overdose. Oficialmente – e os laudos médico-legais são conclusivos –, Bruce morreu no auge de sua saúde física de hemorragia cerebral provocada por um aneurisma. Na ocasião, quando já pipocavam as suspeitas, o produtor Fred Weintraub saiu em socorro da versão oficial: "Bruce nunca colocaria em seu corpo nada que pudesse prejudicá-lo. Uma semana antes de morrer, ele passou por um check-up na Universidade da Califórnia.

Estava em grande forma. Aneurismas ocorrem em pessoas com menos de 35 anos."

Bruce tinha 33 anos – esse número cabalístico alimentou o fanatismo quase religioso de seus fãs nessas duas décadas. Desde os seis, aprimorava seu estilo e sua luta. Era um guerreiro nato. Nascido Lee Jun Fan em 27 de novembro de 1941, em San Francisco, filho de um ator sino-americano, fez seu *début* no mundo artístico aos três meses de idade – no colo do pai, Kae Hoi Chuem, na peça *A Garota da Golden Gate*.

Quando a família retornou para o Oriente, dois anos depois, o pequeno Bruce (seu nome americano, ficando o sobrenome Lee para o fim, de acordo com o costume ocidental) começou a mostrar sua verdadeira personalidade. Menino hiperativo, agitado até no sono, com sucessivos episódios de sonambulismo e terrores noturnos. Parecia, acordado, um homenzinho raivoso. Aos 6 anos, já fazia pontas em filmes de Hong-Kong. Aos 7, começou a criar uma persona cinematográfica, escalado para papéis de trombadinha ou membro de gangues mirins.

Adorava uma briga, na frente e atrás das câmeras. Aos 13 anos já estava razoavelmente equipado para as lutas, a esta altura ainda nada marciais. E começou a mostrar um comportamento obsessivo, de alta agressividade. Criava casos à toa, ao mesmo tempo em que lia compulsivamente, forçando-o mais tarde ao uso de óculos; enfim, um adolescente problemático. Deu tanto trabalho que seu pai resolveu enviá-lo de volta para a América, ao encontro da civilização. Para obedecer aos pais, Bruce abriu mão de uma promessa de contrato oferecida pelos famosos Irmãos Chow, os maiores produtores de Hong-Kong.


Warner

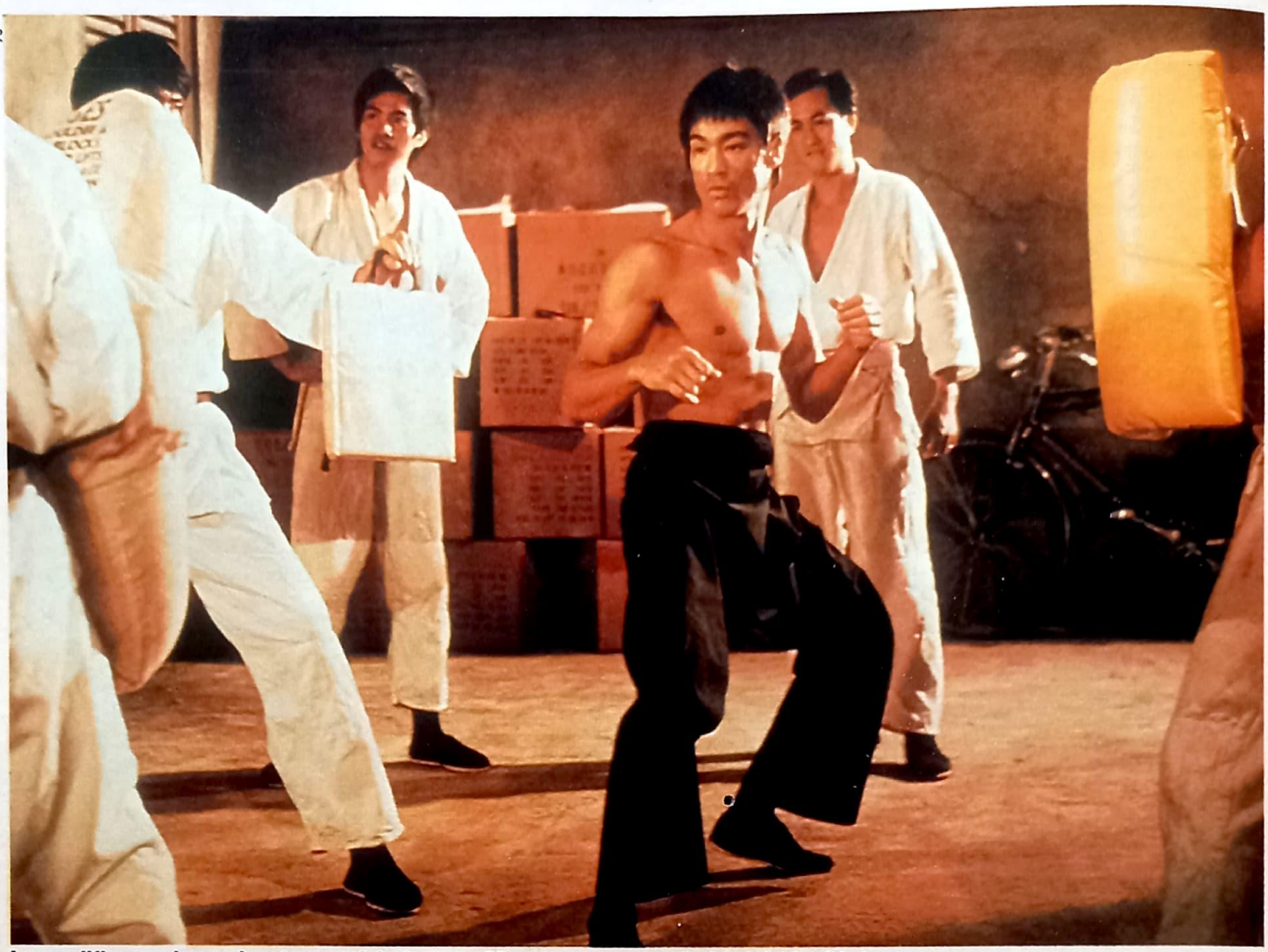
***Operação Dragão*: 007 com molho de soja, aclamado pela crítica americana**

Banido para os Estados Unidos, ele começou a virar gente. Sua energia desenfreada passou a ser canalizada para as artes marciais – Bruce tornou-se instrutor de kung-fu e padronizou métodos de combate desenvolvidos na China ancestral pelos monges do templo Shaolin. (Nos anos 70, com a onda das fitas de kung-fu, a palavra Shaolin entraria em nove de cada dez produções do gênero que chegavam ao Brasil.)

O casamento em 1964 foi outra base para seu assentamento. O pai morreu em 1965, mas o filho Brandon nasceria meses depois, atenuando sua dor. O mesmo Brandon, que morreu aos 28 anos num acidente durante as filmagens de *The Crow* em abril último e que daria seqüência ao mito Lee.

Em 1966, Bruce, enfim, deixaria o anonimato dos tatames para a luz dos refletores – convidado pelo produtor

Sygma



Lee modificou o cinema de artes marciais dos anos 70 com uma coreografia inimitável até hoje

William Dozier, o mesmo da série *Batman*, ele virou o motorista Kato, braço direito do Besouro Verde no seriado homônimo, que duraria apenas uma temporada. Para Bruce Lee, *Besouro Verde* foi equivalente à série *Rawhide* para Clint Eastwood: abriu-lhe as portas do cinema internacional. Uma ponta em *Marlowe* (ele quebrava o lustre no teto do escritório de James Garner, com um pontapé à altura de Sergey Bubka) impressionou Hollywood.

Mas foram os Irmãos Chow, uma espécie de clã Farias de Hong-Kong, quem chegou primeiro para adquirir o passe de Bruce para um papel principal em *O Dragão Chinês*. A briga na fábrica de gelo é um momento clássico na filmografia kung-fu. O filme custou apenas cem mil dólares (mas parecia ter custado mil...) e rendeu alguns milhões no circuito asiático.

Como os chineses faziam filmes em linha de produção, a segunda fita de Lee estrearia na Ásia apenas cinco meses depois de *O Dragão Chinês*: era *A Fúria do Dragão*, em que o pequeno Bruce vai derrubando todos os mestres de uma escola rival. Esta produção introduz um dos ícones mais populares do gênero: as *nunchakas*, aqueles tacos unidos por uma cordinha que podem levar qualquer um a nocaute.

Lutas magistralmente coreografadas e Bruce começando a colocar as manguinhas de fora: os gritinhos agudos e o rito facial de arrogância, olhando o adversário por "cima" de seu 1,65 m de altura. Já, então, lambia o sangue de prazer. Os fãs chegavam ao orgasmo, particularmente, na última cena: Bruce Lee sai do templo sitiado para enfrentar a polícia armada – e pára no ar, num salto para a morte (*à la* Butch Cassidy e Sundance Kid). *O Vôo do Dragão* foi o próximo – e Bruce começou a se internacionalizar. A luta final é diante de um *chroma-key* do Coliseu de Roma. E o adversário, ninguém menos que o futuro astro Chuck Norris, que, aliás, apanha mais do que cachorro magro na porta de açougue.

Enfim, *Operação Dragão* é considerado até hoje o melhor filme de artes marciais jamais feito. Consagração póstuma, o inacabado *O Jogo da Morte* foi lançado no escândalo de sua morte – o cheiro de picaretagem é amenizado sobretudo pela cena de luta contra o gigante Kareem Abdul Jabbar, que o pequeno dragão enfrenta de igual para igual até a gravata fatídica. Um grande momento do cinema de combate.

Como estaria Lee hoje, aos 53 anos? É bom não pensar muito. Num mundo de Rambos e Exterminadores do Futuro armados até os dentes, o carateca de mãos limpas seria presa fácil. Mas Bruce deixou sua marca numa coreografia inimitável – apesar das várias tentativas de imitação da legião de "Lees" que foram despejados no mercado na esteira de sua morte. É um cult indiscutível. Foi a vitória da energia sobre a força, da sabedoria física sobre o esforço, foi o triunfo fugaz de um pequeno grande homem.

Celso Arnaldo Araújo

EDITORA
AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

CONTIGO
Atualidades - TV

BIZZ
Rock, Pop, Comportamento

LETRAS TRADUZIDAS
Fotos e Letras Traduzidas

SET
Cinema e Vídeo

SET 1000 VÍDEOS
Seleção dos Melhores Vídeos

OS CAMINHOS DA TERRA
Natureza, Aventuras e Ecologia

FLUIR
Surf

BOA FORMA
Ginástica, Esporte e Saúde

HORÓSCOPO
Astrologia

HORÓSCOPO ANUAL
Previsões

SAÚDE É VITAL
Prevenção e Saúde

CARÍCIA
Comportamento Jovem

AÇÃO GAMES
O Mundo dos Games

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas, 5777 - CEP 05479-900 - Tel.: (011) 816-7866 - Fax: (011) 813-9115 - São Paulo - SP
Rio de Janeiro: Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20020-080 - Tel.: (021) 532-0313 - Fax: (021) 532-1486 - CP 4816
Los Angeles (EUA): 1840 N. Beverly Glen Dr. - 90077 - Phone: (213) 474-7851
Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street - Suite 3403 - New York - N.Y. 10165 - Phone: (001212) 557-5990/ 5993 - Telex: (00) 237670 - Fax: (001212) 983-0972
Paris: 33, rue de Miromesnil - 75008 - Paris - Phone: (00331) 42.66.31.18 - Telex: (0042) 660731 ABRILPA - Fax: (00331) 42.66.13.99

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

Brasília: Espaço Com. Int. e Consult. Ltda. - SDS Ed. Venâncio, III - sala 202 - CEP 70300 - Brasília/DF - Tel.: (061) 223-2134 - Fax: (061) 226-3644
Campinas: CZ Press - Com. e Representações Ltda. - Rua Antônio Cesarino, 967 - CEP 13015-291 - Campinas/SP - Tel./ Fax: (0192) 32-7975
Minas Gerais: M.A.M. Publicidade e Repres. Ltda. - Rua Timbiras, 1560 - sala 1904 - Ed. City Center - CEP 30140 - Belo Horizonte/MG - Tel.: (031) 224-9534 - Fax: (031) 226-2059
Paraná: M.L.C. - Representações Comerciais - R. Cândido de Abreu, 526 - cj. 604 - Bloco B - CEP 80530-905 - Curitiba/PR - Tel.: (041) 253-4048 - Fax: (041) 252-2844
Rio Grande do Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502 - cj. 206 - CEP 90060 - Porto Alegre/RS - Tel./Fax: (051) 223-9528
Santa Catarina: By Speranza - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 9 - Cond. Village II - Florianópolis/SC - Tel.: (0482) 32-0519

EDITORA
AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

SET
CINEMA & VÍDEO

Diretor-Gerente: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO

Diretor: José Augusto Lemos
Redator-Chefe: Edson Arantes
Editora: Deborah Peleias
Editor-Executivo: Dilson Pedro Gomes
Editor-Contribuinte: André Forastieri
Redator: Vitor Paolozzi
Diretor de Arte: Michel Spitale
Chefe de Arte: Maria Amélia Azevedo
Coordenador de Produção: Marcelo de Castro
Diagramador: Izaú Norbertino
Correspondente (Los Angeles): José Emilio Rondeau, André Barcinski
Colaboradores - Texto: Atílio Leone, Carlos Eduardo Miranda, Cesar Garcia Lima, Christian Petermann, Erika Palomino, Fátima Gigliotti, Francisco Costa, Hamilton Rosa Jr., Heinar Maracy, Marcos Smirkoff, Marcos Strecker, Marcelo Rezende, Mario Cesar Carvalho, Paulo Cavalcanti, Ricardo Lombardi, Roberto Rios, Rogério de Campos, Sheila Nassar, Telmo Martino, Thales de Menezes, Walter de Silva. **Fotografia:** Ivan Carneiro. **Revisão e Preparação de Texto:** Alexandre Ortiz Ramos.

PUBLICIDADE

Diretor: Claudio Santos
Supervisores de Contas: Maira Gisele Magno, Nilo Galdeano Bastos, Oscar de Oliveira
Diretor de Vendas: Oswaldo Maffei Jr.
Contatos: Ana Maria Lobo, Marília Hindi (Dir.), Reginaldo Andrade (Ag.)
Supervisora de Vendas (Rio): Lídia Camarate
Marketing Publicitário: Marta de Moraes
Coordenadores: Igor Assan, José Soares

COMERCIAL

Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Planejamento e Controle: Ana Camargo
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Promoções: Sandra Galli Ponsoni

Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Frazão
Azul Press-Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Operações Editoriais: Rossane Gonçalves Costa
Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

SET é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **ISSN 0104-1592**, edição 73, julho de 1993. **São Paulo - Redação e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel: (011) 816-7866, Caixa Postal 66254, CEP 05389-970, telex: (011) 83178, fax: (011) 813-9115. **Rio de Janeiro:** Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35, Centro, CEP 20020-080, tel: (021) 532-0313, telex: (021) 36890, fax: (021) 532-1486. CP 4816. **Assinaturas:** valor de capa multiplicado pelo número de edições anuais. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em cruzeiros, da parte do preço total paga antecipadamente e correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigida de acordo com a variação do IPCA (divulgado pelo IBGE) ou outro indexador que venha a substituí-lo. Com sua assinatura, seu nome é automaticamente incluído no cadastro da Editora Abril, o qual poderá ser cedido a empresas idôneas para fins unicamente de divulgação e promoção de seus produtos, que julgamos ser de seu interesse. Caso não queira fazer parte desse cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento ao Assinante, cujos telefones constam desta revista. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio d e seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril de sua cidade. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP.

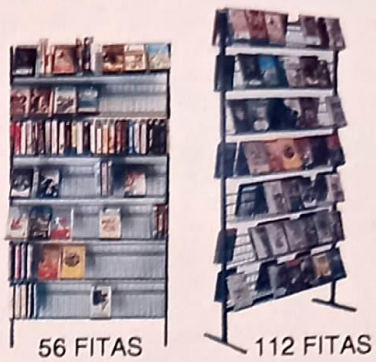
ANER **Serviço ao assinante:** tel. (011) 823-9222 IVC

Fotolito: Postscript Artes & Gráfica, Fotoline Ltda, Grafcolor
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A

MARCO INICIAL®

AQUI COMEÇA SUA GAME OU VIDEOLOCADORA

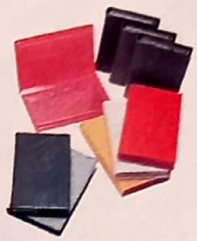
EXPOSITORES



56 FITAS — 112 FITAS
ARAMADOS

ACESSÓRIOS

ESTOJOS



Pronta Entrega
Despachamos para todo o Brasil.

FILMES SELADOS NOVOS
Lançamentos e catálogos de várias distribuidoras
PRONTA ENTREGA

ACEITAMOS CARTÕES DE CRÉDITO
ATENDIMENTO de 2. à 6. das 8:30h às 19:00h
Sábados: 8:30h às 13:00h

Traga este anúncio e na sua compra ganhe um brinde!

ZONA NORTE - LOJA 1 - R. Dr. Zuquim, 256
CEP 02035-020 - Santana - São Paulo/SP
Próx. a Est. Santana do Metrô
Fone:(011) 950-9899/950-8405
Fax:(011)959-0351
Estacionamento Próprio

ZONA SUL
LOJA 2 - R.Afonso Celso,1318
CEP 04119-062 - V. Mariana - SP/SP
Próx. a Est. Sta Cruz do Metrô
Fone:(011)579-3055

ZONA LESTE
LOJA 3 - R. Fernandes Pinheiro, 24
CEP 03308-060 - Tatuapé - SP/SP
Próx. a Est. Tatuapé do Metro
Fone:(011)941-2386

ABC
LOJA 4 - R. Guilherme Marconi, 163
Sto André - SP - CEP 09020-270
Próx. a Baleia e ao McDonald's
Fone:(011)412-7811

VALE DO PARAÍBA
LOJA 5 - Pça. Cônego Lima, 8
1. Andar - Sala 11 - S. José
dos Campos - CEP 12210-080
Fone: (0123) 23-4096

Demi e Lyne na Cabeça

É com muito prazer que escrevo para SET. Sendo fã incondicional dos filmes de Adrian Lyne (não hesito em rever quantas vezes forem necessárias a cena mais erótica do cinema: Mickey Rourke e Kim Basinger, no auge das trepadas, ao som de "Slave to Love". Tem coisa mais bonita do que aquilo?), é extraordinário vê-lo retornar ao gênero com *Proposta Indecente*. E esta é a grande chance que esperava para rasgar elogios para SET (nº 5, ano 7). Parabéns à revista como um todo.
Ivson Farias
(Recife – PE)

Quero, primeiro, dar aquela "puxada" bem merecida (é claro) pelas melhoras evidentes de SET, conquistadas edição após edição. A de nº 5, ano 7, está muito linda. Demi Moore na capa está arrasando. Fotos bonitas, reportagens interessantes. Só está faltando uma coisa para ficar nota dez: todo mundo falou, elogiou, "rasgou seda" sobre o filme *Tomates Verdes Fritos* e cadê a reportagem sobre ele? Estou falando de reportagem com as "meninas" e não as críticas que saíram.
Marília de Assis Ribeiro
(Rio de Janeiro – RJ)

Marília, por enquanto não há nada pautado sobre as "meninas" Mary Stuart Masterson e Mary Louise Parker. Assim que surgir uma oportunidade (leia-se um novo filme, um novo projeto) pode ficar certa de que nos lembraremos de fazer uma reportagem.

A edição nº 5, ano 7, de SET está excelente, como há muito tempo não tinha o prazer de ler. A capa com a linda Demi Moore está ótima, as reportagens 100% e não esquecendo a seção *Videolançamentos* de visual novo.
Luiz Cláudio C. Campos
(Aracaju – SE)

Nota Duvidosa

Achei uma coisa extremamente idiota aquela nota sobre Coppola na edição nº 5, ano 7 (seção *Takes*), pois o redator tratou-o como um capitalista devasso e isso é uma coisa muito tacanha de se fazer. Usando um termo brega, que é comum em SET, Coppola é um *must*. O cara já faliu zilhões de vezes tentando fazer cinema decente. Se o mestre resolveu ganhar um dinheirinho, porra, já estava na hora. Em relação às outras matérias: Demi Moore, a revanche das bonitinhas, mas...; Adrian Lyne, estou começando a gostar do cara; "comédias malucas", acertaram; *Um Dia de Fúria*, acertaram em cheio, desde a ilustração, até a minibiografia de Michael Douglas; *A Terceira Margem do Rio*, beleza; *Point of no Return*, como são ignorantes e mercenários esses americanos; *Videolançamentos*, apesar das citações canhestras dos americanos ignorantes, melhorou; *Trilhas* e *Livros*, tomaram vergonha, até que enfim, vamos modernizar, mas racionalmente; *Mito*, continuem assim rapazes. Aliás, *Nascimento de uma Nação* é de 1915 ou 1916, sr. Mario Mendes?
Altair
(Osvaldo Cruz – SP)

Caro Altair, Nascimento de uma Nação *é de 1915. Desculpe nossa falha.*

Na edição nº 5, ano 7, uma nota me intrigou bastante. Posso não ter entendido direito (assim espero), mas na referência à nova versão do filme *Frankenstein*, o redator terá dado a impressão de que o excepcional Robert De Niro não é competente? Sim, porque as frases "afinal a interpretação do rapaz em *Cabo do Medo* foi tão monstruosa (no pior sentido do termo)..." e "Boris karloff, o inesquecível Frankenstein de 1931 deve estar rolando no túmulo de apreensão" querem dizer o quê? Será que o autor do texto quis dizer que Robert De Niro trabalhou mal em *Cabo do Medo*?
João Marcelo de Andrade
(Campinas – SP)

Infelizmente, João, De Niro em Cabo do Medo *faz aquilo que os americanos chamam de* overacting. *Ele continua sendo um grande ator mas exagerou bastante na interpretação.*

Como Assim?

SET demonstrou nas últimas edições que a sua qualidade é de primeiríssima, podendo ser considerada a melhor revista de cinema publicada no país. No entanto, lendo a edição nº 5, ano 7, três pontos me deixaram bastante revoltado:
1. Na reportagem sobre o novo filme de Nelson Pereira dos Santos, o sr. Vitor Paolozzi, que esteve nas filmagens, chama a atenção para os erros de continuidade presentes. Ora, como se pode fazer tal observação estando-se em pleno processo de filmagem?! Todos sabemos que um filme passa pelas mãos de um montador posteriormente, cuja função é tirar estas falhas. Além disso, foi extremamente antiético da parte do redator.
2. Em *Videolançamentos* fiquei surpreendido com os comentários feitos por uma pessoa chamada Aran (?) para o filme *Mediterrâneo*. Parece até entender de cinema, mas a linguagem empregada ("leitor esperto") é bastante imprópria para SET. Se todos os críticos resolverem usar tais termos, ficará um martírio a leitura. Também quero entender o porquê do comentário "chato como um filminho cabeça de Oliver Stone". Esse tipo de colocação, ou seja, opiniões pessoais, devem ser guardadas e não retratadas numa crítica, pois assim nós leitores acabamos por desconfiar da credibilidade do crítico.
3. Quero saber do sr. Ricardo Lombardi que fãs de Robert De Niro ficaram decepcionados com seu trabalho em *Tempo de Despertar*? Até mesmo aqueles que não o idolatram (é o meu caso) tiraram o chapéu e aplaudiram em pé aquilo que foi uma das interpretações mais comoventes dos últimos tempos.
Por fim, parabenizo a equipe pela volta das trilhas sonoras.
Leonardo Cunha Dentz
(Três Rios – MG)

Edson Arantes (E. Aran., percebe-se?) responde:
1. Linguagem é questão de estilo, meu caro. E estilo não se discute: gosta-se ou não.
2. Toda boa crítica, sem as informações técnicas que necessariamente deve conter, é sempre uma opinião pessoal.
3. Oliver Stone, na opinião deste crítico, é o diretor mais insuportável já produzido pelo Ocidente desde o advento de Jean-Luc Godard (mais detalhes na matéria sobre Stallone)

Mais Discórdia

Sobre a edição nº 5, ano 7, de SET tenho a dizer que está muito boa. A única coisa que deixou a revista ilegível (leia-se impossível de se ler como uma admiradora da sétima arte) foram as opiniões um tanto fora da ética dos srs. críticos. Parece que quase todos amanheceram o dia com o pé esquerdo ou de mau com a vida. Só para ilustrar enumero rapidamente algumas baboseiras e grosserias que encontrei:
1. No box "A Revanche dos Cínicos", o sr. Edson Arantes teve a coragem de dizer que "Spielberg e George Lucas idiotizaram e infantilizaram o cinema". Isso é um absurdo! Os filmes destes dois são vistos em todo o mundo por um público com muitos e grandes elogios, tanto pelos cinéfilos como pelos críticos. Até a Academia já os premiou com a estatueta Irwin Thalberg. E ainda "o engajamento imbecilóide de Oliver Stone e – argh! – Kevin Costner".
2. Outra coisa: o sr. André Barcinski classificou de "baba juvenil" o filme *O Primeiro Ano do Resto de Nossas Vidas*. Peraí gente! Cinema não se faz apenas com lágrimas derramando e citações freudianas. *O Primeiro...* é um ótimo filme, e creio que a maioria dos leitores de SET concordam comigo.
3. O sr. Carlos José Ribeiro disse que "a música não foi o menor dos equívocos do, para muitos, decepcionante filme de Francis Ford Coppola". O que é isso? Uma brincadeira? Esse foi sem dúvida um dos melhores filmes de Coppola, e corrigindo o sr. Carlos, a música foi um dos fortes do filme, aderindo fortemente ao enredo.
De resto, estavam ótimas as matérias com Demi Moore e Nelson Pereira dos Santos. Só um conselho: srs., não radicalizem a coisa!
Orlanda de Araújo
(Vitória da Conquista – BA)

Orlanda, são as opiniões polêmicas de seus colaboradores que fazem de SET a melhor revista do gênero no país. Nem sempre salas cheias e elogios da Academia são sinônimos de bom cinema.

KEVIN COSTNER
WHITNEY HOUSTON
Nunca
a perca de vista.
Nunca a deixe
sem proteção.
Nunca se apaixone.
2 INDICAÇÕES
• MELHOR CANÇÃO ORIGINAL
OSCAR
O GUARDA-COSTAS
"THE BODYGUARD"
WARNER BROS. APRESENTA
UMA PRODUÇÃO TIG EM ASSOCIAÇÃO COM KASDAN PICTURES UM FILME DE MICK JACKSON KEVIN COSTNER WHITNEY HOUSTON
"THE BODYGUARD" GARY KEMP BILL COBBS RALPH WAITE MONTAGEM DE RICHARD A. HARRIS DIRETOR DE PRODUÇÃO JEFFREY BEECROFT DIRETOR DE FOTOGRAFIA ANDREW DUNN
MÚSICA DE ALAN SILVESTRI ESCRITO POR LAWRENCE KASDAN PRODUZIDO POR LAWRENCE KASDAN, JIM WILSON E KEVIN COSTNER DIRIGIDO POR MICK JACKSON
TRILHA SONORA BMG ARIOLA DISCOS LTDA.
WARNER HOME VIDEO
JÁ NA SUA LOCADORA

Para captar imagem e som...

... A QUALQUER DISTÂNCIA.

SUPER VHS

M9000

MICROFONE ESTÉREO ZOOM

- Na posição "Zoom", o microfone se ajusta automaticamente para atrair o som e as imagens simultaneamente, criando uma atmosfera excepcional.
- No modo "Tele", o microfone capta com clareza os sons de objetos distantes.
- No modo "Wide", a gravação de áudio é de forma estereofônica, complementando o efeito tridimensional de espaço e profundidade.

SUPER VHS

- Resolução horizontal de mais de 400 linhas. Todo o realismo da cena original é captado com detalhes.
- Foco Automático Digital com Inteligência Artificial (AI)
- Zoom digital de velocidade variável 100x
- Congelamento de imagem digital
- Cortina (wipe) digital

VHS

M3000

MAGIC 1 (100X DIGITAL ZOOM)

Graças à tecnologia digital Panasonic, você pode aproximar suas tomadas em até 100 vezes.

MAGIC 2 (1 LUX)

Com este recurso, você obtém imagens claras e nítidas, mesmo gravando em ambientes com baixa luminosidade.

MAGIC 3 (DIGITAL MIX)

Esta função permite a mixagem entre imagens congeladas memorizadas e imagens em movimento.

- Digital tracer (efeito rastro)
- Cortina (wipe) digital
- Auto gravação temporizada
- Lente grande angular

Panasonic

Produtos Importados
À venda na Zona Franca de Manaus